

Marcelo de Sousa Neto  
Pedro Pio Fontineles Filho  
(Orgs.)

# Entre Clio e Pandora

---

*ensino de história,  
pandemia e o  
PIBID-UESPI*



EdUESPI

Marcelo de Sousa Neto  
Pedro Pio Fontineles Filho  
(Orgs.)

# Entre Clio e Pandora

*ensino de história, pandemia e o PIBID-UESPI*



EdUESPI



## **UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI**

**Evandro Alberto de Sousa**  
Reitor

**Jesus Antônio de Carvalho Abreu**  
Vice-Reitor

**Paulo Henrique da Costa Pinheiro**  
Pró-Reitor de Ensino de Graduação

**Mônica Maria Feitosa Braga Gentil**  
Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação

**Raurys Alencar de Oliveira**  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

**Fábria de Kássia Mendes Viana Buenos Aires**  
Pró-Reitora de Administração

**Rosineide Candeia de Araújo**  
Pró-Reitora Adj. de Administração

**Lucídio Beserra Primo**  
Pró-Reitor de Planejamento e Finanças

**Joseane de Carvalho Leão**  
Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças

**Ivoneide Pereira de Alencar**  
Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários

**Marcelo de Sousa Neto**  
Editor da Universidade Estadual do Piauí



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI**



Maria Regina Sousa **Governadora do Estado**  
Evandro Alberto de Sousa **Reitor**  
Jesus Antônio de Carvalho Abreu **Vice-Reitor**

**Conselho Editorial EdUESPI**

Marcelo de Sousa Neto **Presidente**  
Algemira de Macedo Mendes **Universidade Estadual do Piauí**  
Antonia Valtéria Melo Alvarenga **Academia de Ciências do Piauí**  
Antonio Luiz Martins Maia Filho **Universidade Estadual do Piauí**  
Artemária Coêlho de Andrade **Universidade Estadual do Piauí**  
Cláudia Cristina da Silva Fontineles **Universidade Federal do Piauí**  
Fábio José Vieira **Universidade Estadual do Piauí**  
Hermógenes Almeida de Santana Junior **Universidade Estadual do Piauí**  
Laécio Santos Cavalcante **Universidade Estadual do Piauí**  
Maria do Socorro Rios Magalhães **Academia Piauiense de Letras**  
Nelson Nery Costa **Conselho Estadual de Cultura do Piauí**  
Orlando Maurício de Carvalho Berti **Universidade Estadual do Piauí**  
Paula Guerra Tavares **Universidade do Porto - Portugal**  
Raimunda Maria da Cunha Ribeiro **Universidade Estadual do Piauí**

Marcelo de Sousa Neto **Diagramação e Capa**  
Pedro Pio Fontineles Filho **Revisão**  
Editora e Gráfica - UESPI **E-book**

E61 Entre Clio e Pandora [recurso eletrônico]: ensino de história, pandemia e o PIBID-UESPI / Marcelo de Sousa Neto, Pedro Pio Fontineles Filho, organizadores – Teresina: EdUESPI, 2022.  
E-book.

ISBN: 978-65-88108-55-0

1. Ensino de história. 2. Pesquisa. 3. Práticas pedagógicas. 4. PIBID. I. Sousa Neto, Marcelo de. II. Fontineles Filho, Pedro Pio. III. Título.

CDD: 907

Ficha Catalográfica elaborada pelo Serviço de Catalogação da Universidade Estadual do Piauí -UESPI  
Nayla Kedma de Carvalho Santos (Bibliotecária) CRB 3ª Região / 1188

Editora da Universidade Estadual do Piauí - EdUESPI  
UESPI (*Campus Poeta Torquato Neto*)  
Rua João Cabral, 2231 • Bairro Pirajá • Teresina-PI  
Todos os Direitos Reservados

# Sumário

POR NOVOS COMBATES PELA HISTÓRIA.....	6
HISTÓRIA, GÊNERO E MÚSICA: a transversalidade na iniciação à docência para compreender o ser mulher ateniense.....	10
HISTÓRIA E MÚSICA: o uso de canções para o Ensino de História sobre as sociedades mineradoras do século XVIII .....	24
“O JOVEM NO BRASIL NUNCA É LEVADO A SÉRIO”: culturas juvenis e o ensino de história por meio da música.....	32
INTERFERÊNCIA PRETA: o Dia da Consciência Negra como ferramenta antirracista na escola.....	38
CONJURAÇÕES À EMANCIPAÇÃO POLÍTICA: o estudo das Conjurações Mineira e Baiana, a chegada da Família Real no Brasil e a emancipação política brasileira, discutida por meio do uso de Quiz.....	44
ENSINO INTERDISCIPLINAR: história e as metodologias ativas.....	54
METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: <i>YouTube</i> nas turmas de 1° e 2° anos, no Centro de Educação de Tempo Integral - CETI Prof. Pinheiro Machado.....	60
A REVOLUÇÃO RUSSA POR MEIO DE JOGOS DIGITAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	72
ENTRETER E APRENDER: o uso de atividades lúdicas como estratégia de ensino nas aulas de História no CETI Prof. Pinheiro Machado .....	80
DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA: o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e a História..	88



## POR NOVOS COMBATES PELA HISTÓRIA

Marcelo de Sousa Neto<sup>1</sup>  
Pedro Pio Fontineles Filho<sup>2</sup>

A história é um discurso cambiante e problemático, tendo como pretexto um aspecto do mundo, o passado, que é produzido por um grupo de trabalhadores cuja cabeça está no presente (e que, em nossa cultura, são na imensa maioria historiadores assalariados), que tocam seu ofício de maneiras reconhecíveis uns para os outros (maneiras que estão posicionadas em termos epistemológicos, metodológicos, ideológicos e práticos) e cujos produtos, uma vez colocados em circulação, veem-se sujeitos a uma série de usos e abusos que são teoricamente infinitos, mas que na realidade correspondem a uma gama de bases de poder que existem naquele determinado momento e que estruturam e distribuem ao longo de um espectro do tipo dominantes/marginais os significados das histórias produzidas (JENKINS, 2007, p. 52).

É como um discurso-prática em constante transformação e disputas, que o fazer historiográfico se amalgama com o fazer docente. Os desafios e limites epistemológicos, metodológicos e ideológicos potencializam-se, quando confrontados com as dimensões da prática. Pensar, fazer, aprender e ensinar História são práticas cortadas por todos esses aspectos, em especial nos últimos anos, em que a sociedade mundial, na sua quase totalidade, foi impactada pelos efeitos da pandemia da Covid-19. No Brasil, isso ganhou proporções ainda mais marcantes, visto que os descasos com o sistema educacional, sobretudo público, evidenciaram-se. Professores e alunos viram-se ainda mais excluídos, pois a maioria não possuía os recursos mínimos para se debruçar nas atividades remotas, por muitas vezes romantizadas como a panaceia. A mediação tecnológica mostrou-se uma excelente e oportuna saída em meio às necessidades de isolamento e de distanciamento social. Contudo, para que funcionasse a contento, tal mediação precisaria chegar de forma igual a todos os recantos do país. E isso não aconteceu.

A experiência dos discentes no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID impulsionou-os a ter que lidar com tais dissabores. O que seria a imersão salutar na prática docente tornou-se uma verdadeira operação de “sobrevivência”, para professores, pibidianos e para alunos. Apesar de tudo isso, é possível asseverar que os aprendizados aconteceram. Professores e alunos puderam construir, exercitar e mesmo ampliar a sua consciência histórica, pois perceberam que a História permite compreender as interconexões entre passado, presente e, mais do que nunca, entenderam a importância

---

<sup>1</sup> Professor Associado do Curso de História, Campus Clóvis Moura – CCM/UESPI. Doutor em História. Professor do ProfHistória/UESPI. Professor do PPGHB/UFPI. Coordenador de Área de História PIBID/UESPI, *Campus Clóvis Moura*. Líder do Núcleo de Pesquisa em História e Educação – NUPEHED/UESPI.

<sup>2</sup> Professor Adjunto do Curso de História, Campus Clóvis Moura – CCM/UESPI. Doutor em História. Professor do ProfHistória/UESPI. Professor do PPGHB/UFPI. Coordenador Adjunto de Área de História PIBID/UESPI, *Campus Clóvis Moura*. Membro do Núcleo de Pesquisa em História e Educação – NUPEHED/UESPI e Grupo de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde – SANA/UESPI/UFPI.

de se pensar o futuro. Foi possível pensar e aplicar as concepções de tempo, de espaço, de sujeito, categorias fulcrais para o fazer histórico e historiográfico. O tempo foi (re)pensado a partir da velocidade de mortes ou a partir da lentidão do confinamento da quarentena. Os abraços anteriormente tão banais tornaram-se o desejo básico das pessoas. O coletivo e o individual foram foco de debate das responsabilidades que cada indivíduo possui em se isolar ou aglomerar. O público e o privado viram-se ligados pelas “lives” e aulas assíncronas. O sujeito teve sua identidade cruzada pela descoberta, ou melhor, pela exposição de seres humanos desempregados, famintos, desabrigados. As identidades foram, em especial em sala de aula, substituídas por fotos ou por letras nas aulas virtuais, com as câmeras, corriqueiramente, desligadas. Ninguém se via, ninguém se ouvia e quando se ouvia era por meio de vozes cortadas pela oscilação da internet. As percepções de tempo, com o seu maior parâmetro a morte, fizeram parte do íntimo, da subjetividade de cada um. Tudo isso é história e o ensino de história experimentou isso também. E em tempos de negacionismos e de *fake news* as aulas de História tornaram-se indispensáveis e necessárias. Na esteira das reflexões de Zygmunt Bauman (2007), os “tempos líquidos” foram acirrados com a insegurança causada pela pandemia em curso.

Os dez capítulos que compõem a presente coletânea seguem os norteamentos da oficina da História, cumprindo com as exigências teóricas, metodológicas e empíricas inerentes ao fazer científico. São frutos da troca de experiências entre professores que já atuam na rede pública de ensino e os discentes do Curso de Licenciatura em História do *Campus* Clóvis Moura – CCM/UESPI. Além disso, é mister falar da troca entre todos com os alunos da Educação Básica, que são a principal razão dos esforços dedicados. São textos que estão inscritos e escritos sob a égide da interdisciplinaridade, com o diálogo entre a História e diferentes saberes didático-pedagógicos. A música, que tanto embala emoções, sensações e encontros foi tomada como instrumento nas aulas de História. A juventude foi pensada em sua condição social e histórica, quando os professores-alunos-pesquisadores trazem à baila do debate do ensino as metodologias ativas, aproximando-se da cultura juvenil, consumidora de redes sociais, aplicativos e jogos. A mesma juventude que foi instigada a (re)pensar a sua identidade e suas lutas por meio das questões étnico-raciais. O lúdico, em tempos de dor, de perda e desesperança foi tomado como o elo entre o ensinar-aprender e o presente, o sonho e o futuro.

São textos que não pretendem reverberar o frio discurso de que “precisamos ser fortes”, de que “vida que segue”, de que “precisamos nos reinventar”. Muitas pessoas não tiveram a chance de escolher para serem fortes, para seguirem, se reinventarem. São textos de professores-alunos-pesquisadores que, ao mesmo tempo, foram e são sujeitos-objetos dessa história. São mais que relatos de experiência. São testemunhos de suas atuações, como estudantes, profissionais e, acima de tudo, como cidadãos, que lutaram e lutam no jogo pela valorização do ensino, da História. São textos que exemplificam a perspectiva de que “[...] os professores de história somos também protagonistas desse jogo, voluntária

ou involuntariamente, consciente ou inconscientemente. Produzimos, com nosso trabalho, parte de nossas identidades pessoais, políticas e profissionais, e participamos da constituição das identidades dos outros” (CERRI, 2011, p. 16). Certamente, as identidades de professores e alunos tocaram-se e se (re)construíram, pois todos são responsáveis pelas histórias e pelos sentidos da história que são problematizados em sala de aula e para além dela. Professores e alunos, por meio de sua interação no ensino-aprendizagem de História, conseguem perceber que “Todo discurso é ideológico. Todo discurso é discurso de poder. Isso porque o poder não é uma força estranha ao discurso que, em um determinado momento, dele se apodera” (RIBEIRO, 2004, p. 88). E é nessa disputa de poder que a História é fundamental para subsidiar a formação da consciência histórica.

Os prejuízos causados pela falta, ou pela demora de aplicação, de políticas públicas efetivas de combate à pandemia da Covid-19, talvez, demorem muito tempo a serem compreendidos, apesar de sua possível mensuração a curto prazo. Apesar de tudo, o conhecimento científico e a consciência histórica sempre se mostrarão como o fio de esperança para a sociedade, pois “Consciência histórica é, por conseguinte, uma categoria básica da didática da história, abrangendo suas cinco operações básicas de constituição histórica de sentido: perguntar, experimentar ou perceber, interpretar, orientar, motivar” (MARTINS, 2021, p. 58). Tomando de empréstimo o título do livro organizado por Jaime Pinsky e Carla Pinsky (2021), nesses “Novos combates pela História”, a presente coletânea intenta motivar a todos os leitores, aprendizes potenciais dos ensinamentos de *Clio*.

Na mitologia grega, *Clio* é a musa da História, que tem, entre suas atribuições, celebrar e divulgar as realizações humanas e dos deuses. Em contrapartida, Pandora tem sua história ligada à abertura de uma caixa que liberou todos os males. Nesse sentido, a presente coletânea traz os combates que remetem às experiências dos aprendizes de *Clio* no enfrentamento científico-didático-prático contra os males trazidos pela abertura da caixa de *Pandora*.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CERRI, Luis Fernando. *Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: EDUEFGV, 2011.

JENKINS, Keith. *A História repensada*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MARTINS, Estevão de Rezende. Consciência histórica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Dicionário de ensino de história*. 2. reimp. Rio de Janeiro: EDUEFGV, 2021, p. 55-58.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *Novos combates pela História: desafios, ensino*. São Paulo: Contexto, 2021.



# HISTÓRIA, GÊNERO E MÚSICA: a transversalidade na iniciação à docência para compreender o ser mulher ateniense

Maria Marianne da Silva Freitas<sup>1</sup>  
Maria Virgínia Sales dos Santos<sup>2</sup>

## Introdução

Nos primórdios de seu desenvolvimento como disciplina no Brasil, a História tinha a finalidade de doutrinação, ou seja, o ensino de História na sala de aula reforçava os sentimentos nacionalistas, “a disciplina acabava se transformando no espaço cultural mais adequado à reprodução desses sentimentos” (MICELI, 2018, p. 46). Contudo, gradativamente, o ensino de História passou a ser reformulado e muitos projetos passaram a ser pensados, visando à incorporação de novos temas que acompanhassem as transformações pelas quais a sociedade brasileira vinha passando.

Tencionando ultrapassar o ensino de História tradicional, que já não era mais suficiente, pois acabava não incentivando a participação do aluno, o desenvolvimento do seu senso crítico e criatividade, a História como disciplina passou a ser pensada por meio de temas mais atuais e presentes nos problemas da sociedade, como “temas ligados à *religiosidade, trabalho e sexualidade*” (MICELI, 2018, p. 47). Por volta de 1970, houve uma maior preocupação crítica com a história quando “as gerações saídas da universidade, passaram a encontrar legitimidade intelectual e dão início à busca por um ensino de história mais voltado ao aspecto social” (PINSKY, 2018, p. 22).

Entretanto, ainda que tal preocupação fosse evidente, a própria formação docente não atendia às transformações que ocorriam constantemente, logo, necessitaria de modificações que iniciassem pela formação docente para que o professor estivesse mais bem preparado para as novas modalidades de ensino alinhadas aos conteúdos pertinentes às problemáticas sociais presentes na sociedade.

Gradativamente, no Brasil, foram desenvolvidas estratégias que buscaram aprimorar não somente a formação de pesquisadores, mas de professores-pesquisadores que fossem capazes de produzir conhecimento e desenvolver métodos e técnicas de melhorias no Ensino Básico. Sob essa perspectiva, foi criado o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), desenvolvido, a partir de 2007, pelo governo brasileiro entre as ações propostas pelo Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), e articulado ao sistema de ensino superior, tendo como principais objetivos incentivar a formação de professores da educação básica e a diminuir a defasagem dos cursos de licenciatura das Instituições de Ensino Superior.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: mariamfreitas@aluno.uespi.br

<sup>2</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí. E-mail: mariavirginia9344@gmail.com.

Desde sua implantação e implementação na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), em 2011 – ano da publicação do primeiro edital na Instituição – à contemporaneidade, é possível afirmar que o programa tem um papel relevante ao permitir que o licenciando, ainda no seu processo formativo, estabeleça uma relação entre a teoria e a prática, ou seja, levar o conhecimento teórico apreendido sobretudo na sala de aula à prática enquanto profissional da Educação Básica.

Como observaram Fontineles e Sousa Neto,

O programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), criado pelo Governo Federal, em 2007, veio contribuir para os cursos de Licenciatura repensarem e discutirem o lugar do ensino em seu currículo, tanto o formal quanto o real, significando uma “variação no enredo” na formação inicial de professores de História (Ricoeur, 2007), pois o simples fato de ser implantado já possibilitou dar visibilidade ao tema da docência e repercutiu na maneira como os cursos de licenciatura e as instituições de ensino superior começaram a tratar esta dimensão em seu cotidiano, evidenciando junto à comunidade acadêmica que os cursos são voltados para formar professores, aproximando-a do cotidiano escolar da escola básica, ao acionar os saberes necessários à docência. E isso, por si só já é imensamente significativo, uma vez que o ensino de história por muito tempo foi considerado “um passageiro clandestino nos programas oficiais” (FONTINELES; SOUSA NETO, 2017, p. 202).

No que alude à implantação do PIBID no curso de Licenciatura em História do *Campus Clóvis Moura*, o primeiro edital (*Edital n. 010/2014*), foi publicado no ano de 2014 vigente até o ano de 2017 e o último edital (*Edital n. 011/2020*), vigente até o ano de 2022. Cabe ressaltar que a última edição sofreu algumas transformações devido à pandemia da COVID-19, doença causada pelo vírus SARS-COV-2, com alto potencial de proliferação, sobretudo em aglomerações.

Consequentemente, após a medida de isolamento social pelas autoridades sanitárias brasileiras, a educação também foi um setor afetado, necessitando de diversas modificações. Com isso, os bolsistas, supervisores e coordenador do PIBID de História da UESPI - *Campus Clóvis Moura*, passaram a desenvolver as atividades de modo remoto, unindo as novas metodologias ativas ao ensino de História, buscando atender não somente as necessidades dos alunos, como também o principal objetivo do programa, isto é, aproximar os graduandos da sala de aula ou da experiência do ensino.

Em suma, o presente artigo objetiva apontar, por meio de relato de experiência, a ação desenvolvida no Centro de Ensino de Tempo Integral Professor Pinheiro Machado, escola na qual os bolsistas estiveram locados no decorrer do desenvolvimento das ações de novembro de 2020 a abril de 2022. O desenvolvimento da ação ocorreu, inicialmente, mediante estudo teórico-metodológico do assunto contido no livro didático da turma de primeiro ano do Ensino Médio, do estudo de metodologias de abordagem que possibilitassem a aplicação da ação por mídias digitais, além de pesquisas para a ampliação do arcabouço teórico-metodológicos das autoras acerca de conceitos que seriam tratados no

decorrer da ação, a posteriori, a atividade foi aplicada por meio das plataformas remotas como *WhatsApp*, *Google Forms* e *YouTube*, adotadas pela escola em questão, devido ao distanciamento social.

A ação foi pensada pelas autoras do presente artigo com o objetivo de trabalhar o tema Grécia Antiga, previsto no cronograma da professora supervisora da disciplina. No entanto, partindo da importância e da possibilidade da transversalidade, as autoras repensaram a abordagem do conteúdo e fizeram o recorte da discussão, trazendo a análise da condição da mulher ateniense por intermédio da metodologia de análise de letra de música, utilizando o conteúdo presente no livro didático das turmas de primeiro ano, mas também unido ao conteúdo de discussões mais contemporâneas, nesse caso de História e Gênero, que se tornaram possíveis com as reformulações pelas quais o ensino de História passou, fazendo o aluno abandonar, sucessivamente, a sensação de um ensino de História que aborda somente conteúdos antigos ou trata de um passado distante da sua própria realidade.

### **A História como disciplina no Brasil e a Nova História**

Anterior ao reconhecimento da História como disciplina, a história, na sala de aula, tem sido repassada por professores com metodologias que conhecemos como métodos de ensino tradicionais, geralmente restritos aos livros didáticos, métodos esses que não despertam o interesse e a participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Contudo, tomando como base a perspectiva de Fonseca (2011), podemos observar que com as revoluções científicas pelas quais passou a História desde sua afirmação enquanto ciência, mudanças essas que objetivavam transformações historiográficas, com novos métodos de pesquisa a partir da consideração de novas fontes, proporcionando, também, ao ensino de História novas metodologias de abordagem, entre elas, a utilização de letras de músicas como instrumento de análise e reflexão para determinados conteúdos do ensino de história, utilizada pelas autoras durante a realização da presente ação.

Por volta de 1970, no Brasil, alguns historiadores passaram a pensar novos horizontes amparados pela Nova História e nas novas possibilidades de abordagem, por intermédio da interdisciplinaridade, trabalhando com outras áreas do conhecimento como Sociologia, Arqueologia, Filosofia, entre outras áreas, contribuindo, também, para a escrita da História, rompendo com um padrão que predominou durante muito tempo na historiografia, conhecida como história tradicional:

[...] a história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de que tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história. A existência dessa regra é revelada pelas reações a sua transgressão. Quando o grande escritor russo Alexandre Pushkin estava trabalhando em um relato de uma revolta de camponeses e de seu líder Pugachev, o comentário do czar Nicolau foi que “tal homem não tem história”. Nos anos 50, quando um historiador britânico escreveu uma tese sobre um movimento popular na Revolução Francesa, um

de seus examinadores perguntou-lhe “Por que você se preocupa com esses bandidos?” (BURKE, 1992, p. 3).

É possível observarmos a necessidade de manutenção da historiografia tradicional, não a exclusão – pois a mesma historiografia possibilitou a afirmação da História científica –, mas uma reformulação e ampliação das discussões, visto que segundo Fontineles e Sousa Neto (2017), a História no Brasil foi um campo que teve seu desenvolvimento pautado nas transformações pelas quais não somente a sociedade brasileira passava, como também as sociedades internacionais. Portanto, fez-se necessário que houvesse um diálogo com outras áreas do conhecimento para que a História, não somente a ciência, mas também a disciplina, obtivessem maior espaço de ação, podendo tratar de temas variados, por isso ressaltamos a importância dos temas transversais no ensino e nas pesquisas de História, ponto bastante desenvolvido durante as ações do PIBID de História do Campus Clóvis Moura.

### **Alomorfia do ensino: transversalidade e as novas abordagens no PIBID de História do *Campus Clóvis Moura***

Quando paramos para analisar como o ensino de História está representado na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), é possível observar que um dos principais objetivos da História no Ensino Básico é fazer o estudante se enxergar como sujeito de seu tempo, estudar o passado e compreender o presente no qual ele mesmo faz parte e, para além disso, possui direitos, deveres e influência nas transformações sociais.

Nosso aluno, cada aluno, tem de perceber como um ser social, alguém que vive numa determinada época, num determinado país ou região, oriundo de determinada classe social, contemporâneo de determinados acontecimentos. Ele precisa saber que não poderá nunca se tornar um guerreiro medieval ou um faraó egípcio. Ele é um homem de seu tempo, e isso é uma determinação histórica. Porém dentro de seu tempo, dentro das limitações que lhe são determinadas, ele possui a liberdade de optar. Sua vida é feita de escolhas que ele, com grau maior ou menor de liberdade, pode fazer, como sujeito de sua própria História e, por conseguinte, da História Social de seu tempo. Cabe ao professor, utilizando-se de seus métodos históricos descritos acima, aproximar os alunos dos personagens concretos da História, sem idealização, mostrando que gente como a gente vem fazendo História. Quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer. O verdadeiro potencial transformador da História é a oportunidade que ela oferece de praticar a “inclusão histórica” (PINSKY; PINSKY, 2020, p. 28).

Uma das principais objeções encontradas pelos professores de História na sala de aula é a ausência de interesse dos alunos por conteúdos considerados mais antigos, pois consideram o passado um período distante, sem relação com o tempo presente que vivenciam. Destarte, é relevante que o professor de História sempre busque a manutenção da ideia de que as sociedades do passado têm influência ou

semelhanças com as sociedades contemporâneas, que o presente é fruto de transformações que ocorrem há algum tempo ou de tentativas dessas transformações. A busca por novas metodologias de abordagem que transformam o ensino de História da Educação Básica em um ensino mais dinâmico, participativo de diálogo que envolve professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem esteve sempre inserido nas elaborações dos projetos na última edição do PIBID de História da UESPI-CCM que teve início no ano de 2020 e se estendeu ao ano de 2022.

O objetivo primeiro do conhecimento histórico é a compreensão dos processos e dos sujeitos históricos, o desvendamento das relações que se estabelecem entre os grupos humanos em diferentes tempos e espaços. Os historiadores estão atentos às diferentes e múltiplas possibilidades e alternativas apresentadas nas sociedades, tanto nas de hoje quanto nas do passado, que emergiram da ação consciente ou inconsciente dos homens; procuram apontar para os desdobramentos que se impuseram com o desenrolar das ações desses sujeitos (BEZERRA, 2020, p. 42).

A proposta de inovação em relação às novas metodologias de ensino além de ter influência com a reformulação da chamada Nova História, a partir da interdisciplinaridade, teve como base também a necessidade de adaptação e elaboração de ações que permanecessem e fossem acomodadas ao ensino remoto, modalidade adotada pelos órgãos de educação estaduais e nacionais, como consequência da pandemia da COVID-19, doença causada pelo vírus SARS-COV-2, que contém alta capacidade de proliferação, por ficar disposto durante longos períodos de tempo tanto em superfícies como também no ar, contagiando em massa e sendo letal com a ausência dos tratamentos corretos, de medicação ou vacinas (suprimentos esses que vieram a ser desenvolvidos recentemente).

Outro ponto a ser discutido é a inserção da transversalidade e a renovação no ensino de História, bastante discutido pelo professor historiador José Alves de Freitas Neto, muito pertinente no que concerne ao ensino de História tendo em vista o desafio constante que é a educação, por diversos motivos, entre eles as incessantes modificações pelas quais as diretrizes e orientações legais da Educação Básica passam, bem como a ausência de aceitação do conhecimento escolar como algo útil para o presente por parte dos alunos, o que muitas vezes acaba afastando os alunos do processo de ensino-aprendizagem, portanto:

A inserção dos temas transversais deve ser considerada nesse contexto de questionamento aos procedimentos escolares. Alterar a compreensão de que a disciplina não é um fim em si mesma, mas um meio para chegar a outros objetivos, refletindo e atuando na educação de valores e atitudes dos alunos e cidadãos, é condição fundamental para renovação do ensino (FREITAS NETO, 2020, p. 66).

A inserção dos temas transversais ultrapassa os conteúdos propostos nas disciplinas e atingem problemáticas sociais mais presentes na sociedade, os cinco temas transversais apresentados para a educação nacional são: ética, pluralidade cultural, saúde, orientação sexual e meio ambiente. Os cinco

temas abrangem discussões alusivas à noção de cidadania, preconceito contra grupo étnicos, de gênero e de orientação sexual, as precárias condições de saúde de grande parte da sociedade, entre diversas outras discussões presentes no cotidiano dos alunos, com isso, enxergamos a necessidade de unir os temas transversais aos conteúdos presentes nos livros didáticos de História, tornando o conhecimento mais acessível ao estudante, tirando o estereótipo de que a história enquanto disciplina só engloba acontecimentos do passado e demonstrando a ligação entre passado e presente.

A articulação entre a História vivida pelo aluno e os conteúdos apresentados pelo professor exige planejamento e capacidade de fazer um diagnóstico da realidade de onde se parte e as interações com os conteúdos para chegar aos objetivos apresentados pela proposta transversal. É um trabalho mais dinâmico e desafiador: professores e alunos são agentes de aprendizagem e os recursos didáticos devem ser manipulados por ambos (FREITAS NETO, 2020, p. 68).

Para que esse trabalho de transformação seja feito e que o ensino-aprendizagem seja efetivo, é necessário uma maior preparação e formação do professor, para que este enquanto sujeito à frente da sala de aula, seja capaz de conduzir adequadamente as discussões e a evolução dos alunos. Faz-se relevante a constante formação e atualização do processo no que concerne às novas metodologias de ensino e às principais problemáticas sociais para que consiga realmente envolver o estudante nas discussões e nos diálogos da sala de aula.

É primordial que os professores estejam atentos ao cotidiano, comportamento e afinidades de seus alunos para que só assim consiga manter uma aproximação e gerar interesse nos estudantes, construindo, dessa maneira, uma base sólida na relação professor-aluno. Sob essa perspectiva, a ação foi desenvolvida a partir do conteúdo de Grécia Antiga: território, sociedade e organização política, após estudar acerca da presença dos temas transversais no ensino de História, as autoras fizeram um recorte temático e trabalharam com discussões de História e Gênero para compreender o ser mulher ateniense.

### **História e Gênero na sala de aula: compreendendo o ser mulher ateniense**

O presente estudo surgiu em decorrência dos conteúdos apresentados no livro didático da turma do primeiro ano. No entanto, o objetivo desse estudo é apresentar, discorrer e problematizar o assunto de Grécia Antiga, especialmente acerca da cidade-Estado Atenas, com as seguintes indagações: Como se dava a presença das mulheres? Quais eram os papéis que desempenhavam e as relações com o gênero masculino?

Como metodologia, as autoras optaram por trabalhar com análise da letra da música Mulheres de Atenas, para abranger a capacidade de conhecimento e pensamento crítico sobre a pauta que foi discutida pela professora supervisora na sala de aula. Para isso, é necessário compreender o conceito de Gênero, esta “[...] é uma categoria de análise de estudos que vem permitindo a compreensão das dinâmicas que

envolvem as relações de gênero em uma sociedade, marcada por uma cultura, e em determinado tempo histórico” (ANDRADE; DELICATO, 2019, p. 32); faz-se necessário mencionar que as práticas e condutas de ambos os gêneros sejam não somente objetos de estudo da História no meio acadêmico especializado, mas também que estejam presentes na sala de aula, uma vez que:

A primeira vez que os estudantes ouvem a palavra *gênero* (masculino ou feminino) provavelmente não será no sentido que lhe dão os historiadores, e sim no dos professores de Português. Talvez até passem por todas as séries escolares sem nenhum contato com um dos conceitos mais intrigantes presente na historiografia das últimas décadas, desde que ficou claro que as *relações de gênero* são uma dimensão importantíssima das *relações sociais*. Tal lacuna é grave, pois um olhar atento a questões de gênero enriqueceria muito as aulas de História (PINSKY, 2020, p. 29).

Portanto, estabelecer diálogos sobre Gênero na sala de aula, mesmo que por meio da música, pode colaborar na construção de pensamentos críticos dos alunos, levando-os a compreender as relações entre os sujeitos de sexos opostos e como estes se comportam dentro da sociedade, “[...] as relações entre os gêneros está arraigada em arranjos sociais e culturais, os quais foram impostos num processo de dominação que visava a tender apenas os interesses de uma hegemonia” (SILVA, 2016, p. 3); isso é notável aos estudarmos a Antiguidade Clássica, segundo a análise feita do livro didático das turmas, as mulheres não participavam de atividades relacionadas à cidadania, problemática análoga aos outros sujeitos por consequência de diferenças de raça e classe, observamos que os meios democráticos eram restritos apenas ao privado, logo, ser mulher ateniense era estar submissa às vontades do marido ou dos parentes do gênero masculino do período.

Em contraste, Andrade (2020) em seu artigo *Palavra de Mulher: sobre a “voz das mulheres” e a história grega antiga*, pontua que as mulheres: “[...] na dimensão pública das práticas religiosas e cívicas que as mulheres (cidadãs) agiam como indivíduos independentes, precisamente porque na ação religiosas a mulher se expunha: aparecia em público, agia e falava por sua própria conta, sem a necessidade de um *kúrios* responsável, e eram chamadas pelo nome.” (ANDRADE, 2020, p. 123); ainda na discussão apresentada “[...] Na dimensão privada do *oikos*, as mulheres estariam submetidas aos poderes masculinos de pais, maridos, irmãos e filhos, além de sofrerem a pressão de um ideal de desapareição” (ANDRADE, 2020, p. 123). Mostrando, dessa maneira, que o setor privado era de domínio masculino, enquanto a mulher era submissa às funções previamente estabelecidas por uma hegemonia.

Conforme tais perspectivas sociais nas quais se produzem a representação da mulher em Atenas, podemos constatar que esta era totalmente relacionada ao seu companheiro, sua visibilidade dependia de um responsável, este, por sua vez, poderia ser seu marido ou seu pai. Tomamos como base a teoria da historiadora Joan Scott, mencionada por Raquel Soihet, para exemplificar tal afirmação:

[...] sua proposta teórica, com vistas à explicação do conceito de gênero e de como as relações entre os sexos se estruturou ao longo da História. Consta a referida proposta de duas partes: de um lado, o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais

baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; de outro lado, o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder (SOIHET, 1997, p. 103).

Ao adentrar no espaço da sala de aula, o professor precisa acionar diversos saberes que implicam no resultado do processo de ensino-aprendizado, é necessário ultrapassar os conhecimentos técnicos e teóricos da disciplina, ou seja, do método tradicional de lecionar. Existem várias estratégias metodológicas, entre elas a contribuição das letras de músicas. Nesse caso, por meio da análise de letra de música, as autoras buscaram contemplar o ensino de Antiguidade Clássica da professora-supervisora do CETI Pinheiro Machado optando por uma canção de grande sucesso na MPB, uma vez que:

A música, sobretudo a chamada ‘música popular’, ocupa no Brasil um lugar privilegiado na história sociocultural, lugar de mediações, fusões, encontros de diversas etnias, classes e regiões que formam o nosso grande mosaico nacional. Além disso, a música tem sido, ao menos em boa parte do século XX, a tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais. Para completar, ela conseguiu, ao menos nos últimos quarenta anos, atingir um grau de reconhecimento cultural que encontra poucos paralelos no mundo ocidental (NAPOLITANO, 2002, p. 2).

A música popular possui, portanto, potencial de ensino e pode ser compreendida como metodologia ativa no ensino de História, pois por meio da análise e interpretação das estrofes, os alunos podem associar a realidade a um passado mediante os contextos sociais, que se mostram importantes para entender a construção das relações dos sujeitos no presente, logo:

[...] qualquer ação proposta com a intenção de ensinar deve ser pensada na perspectiva daqueles que dela participarão, que geralmente, deverão apreciá-la. Desse modo, o planejamento e a organização de situações de aprendizagem deverão ser focados nas atividades dos estudantes, posto que é a aprendizagem destes, o objetivo principal da ação educativa (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017, p. 270).

Para trabalhar o conteúdo do livro didático alinhado ao tema proposto pelas autoras, foi escolhida a letra da música do cantor e compositor brasileiro Chico Buarque, intitulada como *Mulheres de Atenas*, lançada no ano de 1976 no álbum *Meus Caros Amigos*. Segue abaixo a letra da música trabalhada na ação com os alunos:

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas  
Vivem para os seus maridos, orgulho e raça de Atenas  
[...]  
Quando fustigadas não choram  
Se ajoelham, pedem, imploram  
Mais duras penas, cadenas  
[...]  
Quando eles embarcam, soldados  
[...]  
E quando eles voltam sedentos  
Querem arrancar violentos  
Carícias plenas, obscenas  
Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas  
Despem-se para os maridos, bravos guerreiros de Atenas  
[...]

Geram para os seus maridos os novos filhos de Atenas  
Elas não têm gosto ou vontade  
Nem defeito nem qualidade  
Têm medo apenas  
[...] (BOAL; HOLLANDA, 1976)

A partir da análise, podemos verificar que o compositor busca descrever as representações e os comportamentos nos quais as mulheres em Atenas eram submetidas às relações de poder existentes dentro do casamento e, somente então, ela adquiria sua visibilidade enquanto mulher, uma vez que sua imagem estava sempre relacionada à imagem do seu marido, independente da classe social. A submissão ao poder do marido é evidente nas partes: “*E quando eles voltam sedentos/Querem arrancar violentos/ Carícias plenas, obscenas*”; demonstrando que a mulher era apenas uma subalterna das vontades do marido e em caso de recusa, poderia ser violentada, já que o homem tinha qualquer direito sobre o corpo de sua esposa.

Outra característica de submissão está explícita na seguinte parte: “*Geram pros seus maridos os novos filhos de Atenas/ Elas têm gosto ou vontade*”; apontando as mulheres como seres com finalidade somente de reprodução de novos cidadãos, os quais só tinham valor ao nascer no sexo masculino. Notamos, então, por intermédio da análise da letra, as divergências entre os gêneros “[...] os homens que desde nascimento, infância e vida adulta recebem a “dura” e “árdua” missão de serem os provedores do lar, estando desta forma a esposa submissa a este com atribuições bem definidas e delimitadas dentro de um contexto sociocultural” (ANDRADE; DELICATO, 2019, p. 32).

O presente projeto foi idealizado e executado no mês de junho de 2021, nas turmas de primeiro ano do Ensino Médio do CETI Pinheiro Machado, por meio da plataforma *Google Classroom*, foi publicada a atividade feita pelo *Google Forms* com a sugestão do vídeo da música para que fosse analisada e interpretada, em seguida, foram elaborados cinco questionamentos de caráter dissertativo, para que os alunos se sentissem à vontade (Figura 1).

## Imagem 1: Atividade final aplicada do projeto de História e Música na sala de aula: compreendendo o ser mulher ateniense

**História e Música - Mulheres de Atenas**

Atividade final do projeto de História e Música na sala de aula: compreendendo o ser mulher ateniense.

Faça login no Google para salvar o que você já preencheu. Saiba mais

**\*Obrigatório**

E-mail \*

Seu e-mail

Sempre vale a pena lembrar que julgar antigas culturas e costumes a partir de nossos próprios valores não é o mais adequado. Embora algumas dessas situações sejam inadmissíveis hoje (embora algumas ainda aconteçam), é importante verificarmos que o momento histórico era outro. Portanto, a cultura que temos hoje e a nossa compreensão desses fatos é resultado de um longo processo histórico. Os

resultado de um longo processo histórico. Os cidadãos daquele tempo não tinham os mesmos conceitos e valores que possuímos na atualidade. Portanto, suas ações refletem o que era comum, aceitável e até mesmo admirável em sua época. E você, já conhecia a música Mulheres de Atenas? Sabia que ela se referia a um contexto social e político, sendo uma crítica velada não só à estrutura patriarcal, mas também à ditadura militar? Entenda melhor por que é tão importante discutir a posição da mulher brasileira na sociedade. \*

Sua resposta

2 - De acordo com a letra de "Mulheres de Atenas", como é a vida destas mulheres? \*

Sua resposta

3 - Para quem os autores da letra dirigem a frase: "Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas"? \*

Sua resposta

Assista ao vídeo da música Mulheres de Atenas - Chico Buarque e responda as perguntas abaixo:

4 - "Mirem-se..... cadenas". Tomando como ponto de partida a letra da música, podemos assinalar, sobre o papel desempenhado pela mulher na antiguidade grega, que: \*

Sua resposta

5 - Qual o trecho da letra da música chamou mais a sua atenção? Por quê? \*

Sua resposta

1 - Qual é o tema da letra da música? \*

Sua resposta

**Fonte:** Arquivo pessoal das autoras.

Ao analisarmos a música, podemos observar que o compositor evoca uma provocação ao mostrar aos ouvintes as realizações do cotidiano, no qual as mulheres atenienses não eram consideradas cidadãs diante da democracia, sistema político que regia a sobrevivência dos sujeitos na Antiguidade, isso posto, ao não participarem da política grega, as mulheres acabavam sendo excluídas dos setores que legitimavam os direitos, além da submissão também nas questões sociais, econômicas e religiosas.

Para finalizar, vale ressaltar que esse projeto não teve como intenção trabalhar profundamente a base teórica entre História e Música, pois tal estudo requer maior conhecimento técnico e acadêmico, mas teve como objetivo utilizar a letra de música como uma ferramenta metodológica para compreender as realizações dos sujeitos e fatos narrados pela historiografia.

### Considerações Finais

Levando em conta que o ensino de História tem passado por diversas transformações que acompanham as questões sociais, primordiais para o processo de ensino-aprendizagem eficaz, as autoras buscaram unir novas metodologias de abordagem do ensino de História, objetivando envolver mais os alunos nas dinâmicas desenvolvidas nas salas de aula remotas. Além disso, buscou-se romper também

com a ideia de uma História que doutrina e de caráter de memorização, a ação buscou trazer os alunos para o centro dos discursos e dos diálogos, ouvir e inserir o cotidiano deles para que o conteúdo se tornasse acessível. Foi possível observar que as reformulações proporcionadas pelos avanços na historiografia e pela Nova História abrem um leque de opções de como trabalhar os conteúdos de diferentes modos.

Foi possível observar que a Nova História é relevante para a transformação não somente historiográfica, como também do ensino de História, tanto por permitir discursos como as propostas pelos temas transversais, como é o caso das relações de gêneros e que permite uma interlocução com outras ciências humanas e sociais a partir da interdisciplinaridade. E partindo dessa interdisciplinaridade, enxergamos inúmeras oportunidades metodológicas que, em suma, permitem uma melhor formação do aluno enquanto sujeito social, capaz de lidar com os dilemas existentes na sociedade, refletir sobre os mesmos e desenvolver a capacidade de buscar soluções.

Ao longo da aplicação da ação, foi possível notar os resultados positivos, mesmo que tenha sido desenvolvida por meio de plataformas digitais, devido à necessidade de distanciamento social em decorrência da pandemia da COVID-19. Pode-se observar a eficácia dos novos métodos de ensino, do qual são ricas as discussões interdisciplinares que, de certa forma, aumentam as chances de envolvimento dos estudantes durante o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que há a possibilidade do próprio estudante trazer seu repertório sociocultural, apreendido no seu cotidiano que deve, sobretudo, ser considerado pelo professor ao propor qualquer discussão na sala de aula, ponto este plausível com a metodologia de análise de letras de músicas que discutem características do tema de estudo proposto.

Ademais, é necessário compreender que a condição da mulher ateniense deve interessar não somente às mulheres, mas também aos homens, pois as problemáticas relacionadas aos imbróglis enfrentados pelas mulheres há muito tempo são de responsabilidade de todos, ou seja, homens e mulheres devem lutar pela manutenção dos direitos das mulheres.

É indubitável que o ensino de História tem buscado por melhorias desde seu estabelecimento no currículo escolar, mas é necessário ter consciência de que ainda precisa de avanços que devem ter início com a formação do docente de História. Além disso, é importante incorporar cada vez mais os temas transversais na sala de aula, tendo em vista que estes abrangem diversas problemáticas e discussões presentes no cotidiano dos alunos.

Cabe frisar que não há uma fórmula exata de como tornar o ensino eficaz e mais atrativo em todas as salas de aula do território brasileiro, visto que tratamos de contextos sociais, educações, economias, sistemas políticos e culturas diferentes, portanto, é relevante levar em consideração o contexto no qual o estudante está inserido e suas afinidades, assim como é impreterível conhecer suas necessidades e adaptar o ensino de História para que este abranja o maior número de alunos possível,

para que o ensino se torne dinâmico, acessível e, conseqüentemente, eficaz, atendendo aos seus objetivos que, infelizmente, ultimamente têm sido somente a prévia aprovação no ENEM.

Em síntese, o ensino de História é mais do que grandes nomes, eventos, datas e representação de culturas idealizadas por grupos de poder de cada território, o ensino de História é necessário para que o sujeito se compreenda como pertencente ao seu tempo, para que ele entenda como os eventos ocorridos no passado influenciam no andamento das sociedades até o presente momento, quais as transformações e as permanências ocorridas. Para além disso, é importante para que se pergunte o porquê dessas transformações e/ou permanências e, por fim, desenvolva autonomia, capacidade crítica e tenha consciência dos seus direitos, deveres e da sua perícia de transformação.

## Referências

ANDRADE, Gilmar Pinheiro de; DELICATO, Cláudio Travassos. *A representação social da mulher e a cultura do machismo*. Revista *Wamon*. Amazônia, v. 4, n. 2, p. 31-42, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br>. Acesso em: 10 mar. 2022.

ANDRADE, Marta Mega de. *Palavra de Mulher: sobre a “voz das mulheres” e a história grega antiga*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 40, n. 84, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/TwrQKFXpjhNcpqsrWwnTTC/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 37-48.

BOAL, Augusto; HOLLANDA, Chico Buarque de. *Mulheres de Atenas*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45150/> > Acesso em: 14 mar. 2022.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. *Educação é a base – Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação, 2021. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC\\_EnsinoMedio\\_embaixa\\_site\\_110518.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf). Acesso em: 14 mar. 2022.

BURKE, Peter. A nova História, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. Tradução de Magda Lopes.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. *Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica*. Revista *THEMA*. Rio Grande do Sul, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/404>. Acesso em: 10 mar. 2022.

FONSECA, Thaís Nívea de Lima e. *História & Ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva; SOUSA NETO, Marcelo de. *Transformações na oficina da História: o PIBID e a “variação de enredo” na formação de professores*. História Unisinos, Rio Grande do Sul, v. 21, n.2, p. 200-215, maio/ago 2017. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2017.212.05>. Acesso em: 10 mar. 2022.

FREITAS NETO, José Alves de. A transversalidade e a renovação no ensino de História. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 57-74.

MICELI, Paulo. Uma pedagogia da História? In: PINSKY, Jaime (org.). *O ensino de História e a criação do fato*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 37-52.

NAPOLITANO, Marcos. *História e música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PINSKY, Carla Bassanezi. Gênero. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Novos temas nas aulas de história*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 29-54.

PINSKY, Jaime. Nação e ensino de História no Brasil. In: PINSKY, Jaime (org.). *O ensino de História e a criação do fato*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 11-26.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 17-36.

SILVA, Marciano Antonio da. Músicas que violentam a mulher: representações machistas nas letras do Forró Estilizado. In: *Colóquio Nacional representações de gênero e sexualidade*, 12, 2016, Campina Grande. *Anais* [...]. Campina Grande, 2016. p. 2-14. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/18551>. Acesso em > 10 mar. 2022.

SOIHET, Rachel. História, Mulheres, Gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. p. 95- 114.



## HISTÓRIA E MÚSICA: o uso de canções para o Ensino de História sobre as sociedades mineradoras do século XVIII

Stefany Slany de Jesus da Silva<sup>1</sup>  
Thiago Mesquita de Carvalho<sup>2</sup>  
Maria Virginia Sales dos Santos<sup>3</sup>

### Introdução

O adentrar a sala de aula sempre foi um dos maiores desafios no que se refere ao ensino no Brasil. Não por coincidência os cursos de formação de profissionais cada vez mais buscam variar metodologicamente seus currículos, a fim de recheá-los com objetos a serem transmitidos, que culminem na facilitação dessa inserção em sala de aula.

A desigualdade social presente no Brasil nos apresenta diversos fatores que se enumeram das formas mais negativas possíveis. Nesse contexto, é de lamentar profundamente que esse cenário assole o país, porém, dentre os fatores negativos podemos enxergar uma função que muitas vezes interliga as classes e diminuem suas barreiras, que é a música. Na música, temos não apenas uma arte milenar, mas uma forma de entretenimento que no contexto da mediação tecnológica aparece para quebrar o paradigma, quebrar o grande tabu e distanciamento que o ensino pode trazer aos alunos, que se compõe pela falta de atração nos conteúdos e abordagens escolares. Ademais, o uso dessa linguagem é favorecido, segundo Marcos Napolitano: “Portanto, arrisco dizer que o Brasil, sem dúvida uma das grandes usinas sonoras do planeta, é um lugar privilegiado não apenas para ouvir música, mas também para pensar a música” (NAPOLITANO, 2002, p.7).

A música é uma linguagem que não tem finalidades educativas, ela tem sua concepção, produção e divulgação voltada para um público mais amplo e diversificado, diferentemente dos livros didáticos que são feitos para finalidades educativas com um público-alvo determinado, os alunos e professores. A música, portanto, a partir de uma interferência do professor pode vir a se tornar um material didático em sala de aula, como também outros conjuntos de signos, visuais e textuais, como por exemplo, os contos, lendas, filmes de ficção ou documentários televisivos, poemas, pinturas, artigos de jornal ou revistas, leis, cartas e romances, nomeados por Bittencourt (2008, p. 296) de “documentos”, baseada nos estudos dos pesquisadores do ensino de História e Geografia do *Institut National Recherche Pédagogique* (INRP) da França.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: [stefanysilva@aluno.uespi.br](mailto:stefanysilva@aluno.uespi.br)

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: [thiogocarvalho@aluno.uespi.br](mailto:thiogocarvalho@aluno.uespi.br)

<sup>3</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí. E-mail: [mariavirginia9344@gmail.com](mailto:mariavirginia9344@gmail.com)

Temos na música uma alternativa a quebra de tabu, um veículo que é capaz de atravessar as esferas sociais, que assim pode chegar a esses alunos do segundo ano do Ensino Médio do CE/TI Professor Pinheiro Machado e nos apresentar novos meios de ensino e aprendizagem.

Saber e obter prazer na sala de aula é um enorme desafio para qualquer profissional da educação que utiliza novos recursos que promovem mudanças significativas atraídas por novas práticas de ensino. Os alunos do século XXI fazem uso das novas tecnologias e assistir uma aula tradicional torna-se enfadonha e, portanto, desmotivados. O ensino de História precisa fazer uso de novas práticas que sejam compatíveis com a realidade do alunado, decorar e memorizar não supre e nem constrói conhecimento algum (SANTOS, 2014, p.168).

Nessa perspectiva abordada por Santos, é perceptível uma dificuldade de se trazer novas metodologias ao ensino sendo um desafio que vai além da capacidade de formação acadêmica do professor ou até de recepção dos alunos, os avanços tecnológicos sugerem cada dia mais novas adaptações que solicitam ao professor uma metamorfose em relação à sala de aula tradicional, e nesse desafio, enxergamos que alguns caminhos trazidos pela música, que são capazes de atravessar barreiras sociais, também nos seriam capazes de atravessar contextos temporais facilitando assim a mediação do professor em sala de aula. O professor, como mediador do ensino e aprendizagem no âmbito de sala de aula, se coloca como explorador a descobrir as possibilidades dos alunos, assim temos o professor no contexto:

A sala de aula tem de transformar-se ela própria em campo de possibilidades de conhecimento dentro do qual há que optar. Optam os alunos tanto quanto os professores e as opções de uns e de outros não têm de coincidir nem são irreversíveis. As opções não assentam exclusivamente em ideias já que as ideias deixaram de ser desestabilizadoras no nosso tempo. Assentam igualmente em emoções, sentimentos e paixões que conferem aos conteúdos curriculares sentidos inesgotáveis (SANTOS, 2009, p. 19).

Quebrando as barreiras de ensino na sala de aula e tendo a música como mediação a agregar, pudemos desenvolver de forma inicial o projeto História e Música, que visa reforçar os conteúdos abordados pelos alunos em sala de aula. A proposta de história e música no tema, “Sociedade Mineradora, durante o século XVIII”, tem como objetivo analisar a letra da música, *Exaltação a Tiradentes* (samba-enredo da escola Império Serrano de 1949, composto por Arlindo Penteadado e Mano Décio/interpretação de Elis Regina), que com letra muito simplificada, retrata aos alunos uma marchinha que engloba a existência do herói para a história nacional.

O ato de se ensinar história vem muito além da narrativa, levando em conta a variação da história e todos os campos em que ela engloba, precisamos cada vez mais de alternativas que ajudem na sua aprendizagem, visto que diferente de outras disciplinas que às vezes se limitam aos seus campos a história muitas vezes parte para o campo vizinho, a deixando mais complexa ainda, sugerindo para seu

entendimento, alternativas como letras de músicas que remetem a fatos ou a heróis.

Ensinar história é totalmente diferente de fornecer uma informação sobre o passado. É abrir a criança, a seguir o adolescente, para um mundo sem cessar mais vasto, no interior de que se situa. O mundo físico e as suas leis, o mundo social e as suas regras, o espaço e as suas dimensões, o tempo e o seu relevo: eis algumas realidades a que a criança se abre, pouco a pouco e penosamente, durante a sua formação, e que, em compensação, penetram no campo da sua consciência (DUBUC, 1976, p. 42).

Dessa forma, a música é utilizada a fim de compreender o conteúdo “Sociedade Mineradora, durante o século XVIII” que está contido no livro didático de história, da editora Saraiva do autor Gilberto Cotrim com o nome de *História Global*. A proposta se dá no estudo da música a fim de se obter conhecimentos sobre a exploração do ouro, o crescimento econômico na região das minas advindo dessa exploração e os legados desse período na arquitetura e na arte.

### **Outras sonoridades do ensino de história**

Com o crescimento das pesquisas relacionadas ao ensino de História podemos perceber novas formas de ensinar e aprender história, fugindo da realidade deficitária. A partir disso, a ideia da ação consistiu em utilizar a música para auxiliar no ensino da disciplina de História na turma em questão, assim se sobressaindo de métodos que se baseiam na memorização das informações, elucidando características sociais, políticas e econômicas marcantes do assunto em questão, que se tratava do período do Segundo Reinado no Brasil. "Portanto, a aula de História pode e deve ser preparada com base em metodologias concretas e recursos distintos, na busca do docente ministrar um excelente ensino de História em sala de aula." (OLIVEIRA, 2017, p. 415).

As músicas e paródias trabalhadas durante o programa de iniciação à docência buscava auxiliar os alunos do ensino médio nas aulas e atividades acadêmicas, sempre supervisionado pela professora supervisora, com intuito de estimular a terem experiências divertidas, dinâmicas e proveitosas, criar o interesse nos alunos a serem mais participativos nas aulas, ajudá-los na interpretação e incentivar a expor de forma saudável suas opiniões, da melhor forma que os conviessem, além disso a música popular onde é incluída a canção trabalhada nessa ação, segundo Marcos Napolitano (2002, p. 7) é “a tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais”.

O projeto trabalho foi articulado com o intuito de o ensino-aprendizagem através da música tornasse o rendimento escolar melhor e ajudasse os alunos no desenvolvimento do raciocínio, habilidades analíticas e crítica, a fim de analisarem as escolhas cabíveis para resolução das problemáticas, adquirir e desenvolver a criatividade e conhecimentos de uma maneira desconstruída, e praticar trabalhar em equipe, que são algumas das coisas que eles irão levar não só para a sala de aula mais para suas vidas e carreiras profissionais, se tornando pessoas mais dinâmicas e descontraídas não só no ensino e aprender.

A reflexão sobre a prática não resolve tudo, a experiência refletida não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar (LIBÂNEO, 2005, p. 76).

A música auxilia, durante o ensino, os alunos no conhecimento de personagens que a história tradicional narra, *Exaltação a Tiradentes* (samba-enredo da escola Império Serrano de 1949, composto por Arlindo Penteadado e Mano Décio/interpretação de Elis Regina) com uma letra simples e que propõe uma facilidade para o entendimento da Inconfidência Mineira, tendo a música como base na análise de quem foi esse personagem histórico tão conhecido e com direto até a um feriado nacional. Segue a letra da canção:

Joaquim José da Silva Xavier  
Morreu dia vinte e um de abril  
Pela Independência do Brasil  
Foi traído e não traiu jamais  
A Inconfidência de Minas Gerais  
Foi traído e não traiu jamais  
A Inconfidência de Minas Gerais  
Joaquim José da Silva Xavier  
Era o nome de Tiradentes  
Foi sacrificado pela nossa liberdade  
Este grande herói  
Pra sempre deve ser lembrado.

A canção em si propõe um conteúdo autoexplicativo sobre a sua letra, mas as questões que a envolvem, como a finalidade para com que ela foi composta que se tratava de uma disputa de escolas de samba do Rio de Janeiro, a relação dos autores com o tema da música, a intérprete e o modo como essa canção foi veiculada também foram considerados na ação, visto que não se pode desassociar esses fatores da música trabalhando apenas a letra em si, como afirma Marcos Napolitano:

Neste sentido, é fundamental a articulação entre “texto” e “contexto” para que a análise não se veja reduzida, reduzindo a própria importância do objeto analisado. O grande desafio de todo pesquisador em música popular é mapear as camadas de sentido embutidas numa obra musical, bem como suas formas de inserção na sociedade e na história, evitando, ao mesmo tempo, as simplificações e mecanicismos analíticos que podem deturpar a natureza polissêmica (que possui vários sentidos) e complexa de qualquer documento de natureza estética (NAPOLITANO, 2002, p. 77).

O samba na sala de aula levanta questões de que a Nova História propõe como, “Por que Tiradentes deve ser eternamente lembrado?” e as narrativas e conjunturas que levaram à criação do Tiradentes como herói da pátria.

O principal benefício que se percebe quando se utiliza a música no ensino de uma determinada disciplina é a abertura. Pode-se dizer que seria um segundo caminho comunicativo não verbal, pois a música desperta e desenvolve nos alunos sensibilidades mais aguçadas na observação de questões próprias da disciplina alvo (FERREIRA, 2008, p. 22).

Após todos os processos acadêmicos referente à música foram levantados, assim como em cada encontro suas próprias opiniões a respeito do conteúdo, da música é dos personagens históricos e os pontos que concordam e descontam. Essa atividade é focada para os alunos onde cada conteúdo introduzido pelo professor seria usado uma música diferente, até o final do bimestre, para estimular o ensino e a compreensão, além de deixar o ambiente escolar mais agradável e confortável e para além disso, tornar a música um objeto de investigação como cita Circe Bittencourt:

O uso da música é importante por situar os jovens diante de um meio de comunicação próximo de sua vivência. [...] o problema que se apresenta é transformá-la em objeto de investigação. Ouvir música é um prazer, um momento de diversão, de lazer, o qual ao entrar em sala de aula, se transforma em uma ação intelectual. Existe enorme diferença entre ouvir música e pensar (BITTENCOURT, 2008, p. 380).

Os alunos recepcionaram de forma animada, acharam bastante interessante e entusiasmante a ideia de tocar e cantar do que aprender o assunto de formar tradicional. A maioria relata que nem mesmo percebeu o passar do tempo e o que é bastante motivador para a continuação do projeto em sala, as letras musicais permitem trazer alguns aspectos políticos, sócias e econômicos de formar mais leve como por exemplo o golpe da maioridade, conservadores e liberais, e perceber a participação dos maiores personagens históricos na formação do Brasil.

É inegável que a euforia que foi levanta com a metodologia musical deixou os alunos com uma visão mais atenta a inovação no ensino de História, ter alguém cantando em sala de aula de certa forma se fez mais agradável do que entender que estavam a revisar um conteúdo que muitas das vezes se torna repetitivo e de difícil compreensão a priori. Nesse âmbito que se faz cada vez mais necessário o desejo de chegar, aplicar o conteúdo de maneira que esqueçam das nomenclaturas que já batizaram e que comecem a perceber que muitas das vezes o aprender pode ser divertido.

Ensinar história é totalmente diferente de fornecer uma informação sobre o passado. É abrir a criança, a seguir o adolescente, para um mundo sem cessar mais vasto, no interior de que se situa. O mundo físico e as suas leis, o mundo social e as suas regras, o espaço e as suas dimensões, o tempo e o seu relevo: eis algumas realidades a que a criança se abre, pouco a pouco e penosamente, durante a sua formação, e que, em compensação, penetram no campo da sua consciência (DUBUC, 1976, p. 31).

Narrativas ficcionais, narrativas artísticas e narrativas históricas podem convergir, a partir da problematização levantada pelo professor-pesquisador, com o objetivo de ampliar as possibilidades interpretativas da História. Nesse sentido, a música se configura, assim como a História, como mais um discurso sobre temporalidades e espacialidades várias.

## Considerações Finais



A viabilidade a aplicação de conteúdos utilizada por mediações tecnológicas ou musicais foi extremamente agradável e prazeroso, é notável que chamam bem mais atenção dos alunos do que métodos sempre utilizados e tradicionais, aspectos que podem significar um contexto histórico no qual a tecnologia e a mídia estão à frente de todos os âmbitos culturais, trazendo aos alunos um forte poder de desejo em estarem em boa parte do tempo conectados a caminhos que essa tecnologia proporciona como as Redes Sociais.

Assim, observamos que se adaptar aos alunos é tentar trazer o conteúdo voltado ao que eles consomem diariamente, entrando na realidade desse aluno, e com isso identificar músicas que não só, se aproxima dos âmbitos que elas já consomem, mas também algo novo. Portanto as paródias e as canções, em especial a *Exaltação a Tiradentes* utilizada no tema da sociedade mineradora do século XVIII, foram de suma importância na sala de aula, pois com elas foi levado o conteúdo aos alunos e pode ser feita a quebra de alguns tabus no que se refere à dificuldade encontrada por eles em sala.

Sobressai-se a criatividade frente à forma tradicional de ensinar história, dessa maneira, as novas tecnologias e nesse caso específico, uma linguagem que é concebida e produzida para outras finalidades, se torna material didático para a realização de uma aula de história diferente do que é visto tradicionalmente e renovando metodologias e ferramentas para o uso em sala de aula pelo professor, a fim de se conseguir o objetivo principal da educação que é formar indivíduos que possam ser críticos nas diversas ocasiões da vida.

Ao trabalhar história e música de maneira primordial concluímos que sua aplicação e metodologia se fazem presente não só para quebrar barreira de ensino e aprendizagem, barreiras sociais e tecnológicas, mas também agem como meio facilitadores de se aplicar a história, visto que a afetividade e a relação dos alunos com a música em seus contextos mais gerais, isto é, independentes dos seus estilos musicais, se tornam algo a se destacar, pois por menos afetivo que se demonstre o aluno em relação à abordagem, ele demonstra mais afetividade a maneira de se aprender através da letra da musicada do que ao conteúdo aplicado de maneira tradicional em sala de aula.

## Referências

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

COTRIM, Gilberto. *História Global: 2º ano: Ensino Médio*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

DUBUC, Alfred. História e cultura, ou defesa do ensino de história. In: DUBUC, Alfred. *A história e seu ensino*. Tradução de Gustavo de Fraga. Coimbra: Almedina, 1976.

FERREIRA, Martins. *Como usar a música na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2005.

NAPOLITANO, Marcos. *História e Música: História Cultural da Música Popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

\_\_\_\_\_. *et al. Linguagem e canção: uma proposta para o ensino de história*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.7, n.13, p.177-188, 1987.

OLIVEIRA, Rosane Machado de. *História: A Necessidade de Repensar o Ensino de História no Âmbito Educacional e Social*. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Edição 05. Ano 02, v. 01. p. 408-433, jul. 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa, Para uma pedagogia do conflito. In: FREITAS, Ana Lúcia; MORAES, Salette Campos (orgs.), *Contra o desperdício da experiência. A pedagogia do conflito revisitada*. Porto Alegre: Redes Editora Ltda. 2009, p. 15-40.

SANTOS, Rosana Mendes *O uso da música na prática de ensino de história*. Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - SERGIPE, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 161–171, 2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/1687>. Acesso em: 3 jul. 2021.



## “O JOVEM NO BRASIL NUNCA É LEVADO A SÉRIO”: culturas juvenis e o ensino de história por meio da música

Daniela Ferreira Pereira<sup>1</sup>  
Fernanda Martins Quaresma<sup>2</sup>  
Maria de Jesus Miranda Pinheiro<sup>3</sup>

### Introdução

Ao relembrarmos que a relação ensino e música representa um dos temas previstos indiretamente na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, na vez que ao fundamentar as competências específicas de História indaga que “Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais” (BRASIL, 2018, p. 402) reconhecemos a relevância da música como método de ensino nas aulas de História, considerando que o seu uso vem sendo bastante discutido nos espaços acadêmicos. Contudo, percebemos que o uso da música no ensino de História ainda é um tema pouco explorado nas Redes de Ensino, tomamos como oportunidade a possibilidade de discutirmos de forma mais ampla trabalhando simultaneamente história e música para compreender-nos quais papéis do jovem na história do país, interesse de análise do presente trabalho de intervenção. Pois,

A linguagem expressa das canções foge ao convencional em sala de aula. Seu propósito é auxiliar o aluno a construir o conhecimento histórico a partir de documentos diferenciados dos costumeiramente presente nas aulas e, por isso, sua utilização está relacionada a proposta alternativas de organização dos conteúdos (ABUD, 2005, p. 315).

Ao observamos as referidas falas podemos entender que além de historicamente trazer ressignificações para a história de um país ou de uma comunidade, trouxe consigo essa proposta de organização dos conteúdos que antes se estruturavam por meio mecanicista, onde o docente e o livro didático tinham o papel de detentor do conhecimento. Ao relembramos os conceitos tragos durante o ano de 1929 pela Escola dos Annales e seguidamente pelo movimento da História Cultural que defendia que o uso das fontes usadas pelo historiador devia percorrer sobre tudo aquilo que o homem produz em sua vida social, desfazendo das ideias de uma única fonte, a documental. Apesar desses conceitos terem chegados à Europa no século XX, no Brasil chegaram tardiamente e por muitos anos permaneceram as ideias positivistas que reduziram o número de pesquisas historiográficas e dentro das salas de aula teve

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: [danielapereira@aluno.uespi.br](mailto:danielapereira@aluno.uespi.br);

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: [fernandaquaresma@aluno.uespi.br](mailto:fernandaquaresma@aluno.uespi.br)

<sup>3</sup>Graduada em História pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: [jesusmirandaa27@gmail.com](mailto:jesusmirandaa27@gmail.com).



forte influência ao determinar os métodos para um único indicador estes que já foram mencionados anteriormente.

Por mais que tais conceitos façam parte da realidade brasileira dentro das academias universitárias com os programas de Pós-Graduação, que visaram tornar o estudo de História e Música objeto de pesquisa, teremos a sociedade civil que desconhece a ideia de música como instrumento de reflexão ao qual Napolitano (2002) se refere e indaga que dentro desse contexto de Brasil cheio de multiplicidades de estilos musicais seria inevitável não se instrumentalizá-la para a compreensão da sociedade. Não somente a música que vem tentando ganhar espaço no decorrer dos anos, pois ao longo destes foram marginalizados grupos sociais na intenção de manter os grupos dominantes sobre supremacia.

O jovem no Brasil a cada dia deve provar sua legitimidade para com a sociedade brasileira. Segundo uma das matérias do UOL de 2016 intitulada “O jovem no Brasil é levado a sério?”, fazendo referência a música produzida no início dos anos 2000, na qual foi uma coincidência, pois a mesma foi uma das músicas escolhidas a ser trabalhada na pesquisa - esta reflexão sobre a juventude brasileira é constante, principalmente porque acredita-se naquela frase “O jovem é o futuro do Brasil”, mas a grande questão não seria essa até pelo fato de atribuir-lhes uma responsabilidade com tamanha dimensão, em especial, dado que, as políticas públicas e seus filiados, não se importam com os mesmos, tanto que vivem em contínua busca para fins básicos como uma educação de qualidade. A referida matéria tratava das ocupações nas escolas públicas do país no ano de 2015, onde a principal motivação era uma educação de melhor qualidade.

Diante de todo esse cenário objetivamos apresentar a relação entre história e música ao discutimos o papel do jovem no país. Para isto, o estudo embasou-se em autores que discutem História e Música, como Marcos Napolitano (2002); para discussões sobre juventude Antero Reis (2011), Laura Martin, Luis Vitalino (2019). Os métodos avaliativos foram manifestados no momento da atividade, a partir da participação e interação dos alunos em relação a discussão/ação, uma vez que esta contara como qualitativo aos mesmos.

## **Sob novos olhares**

A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º desde artigo”9 desde artigo (NR). Art. 3º Os sistemas de ensino terão 3 (três) anos letivos para se adaptarem às exigências estabelecidas nos arts. 1º e 2º desta lei (BRASIL, 2008).

As lutas que até então se tinham travado pelo uso da música como método e objeto não passavam de meros conflitos sociais que em 18 de agosto com a lei de nº 11.769 vem para substituir a vigente, que ainda não reconhecia o ensino da música como relevante. Além de apresentar um aspecto jurídico agora traz a segurança para o aplicador em sala de aula.

Nos últimos tempos inúmeros são os estudos acadêmicos no Brasil, que procuram discutir acerca da juventude, a grande maioria destes, quando falamos em ciências humanas, desenvolve-se nos campos da Sociologia, Psicologia, Antropologia e Educação. Entretanto, poucos são os estudos no campo da História (ANTERO, 2011). Assim, observamos a necessidade de os historiadores estarem buscando debater com mais veemência o tema juventude tanto para comunidade acadêmica como para a sociedade. Sendo que devido os novos paradigmas intelectuais a chamada “Nova História” valida que os problemas vivenciados pelo corpo juvenil, mantém-se pertinente para uma análise historiográfica. Tanto é possível trabalhar esses problemas sobre um olhar historiográfico, como também é possível discuti-los por meio da música. “A música tem sido, ao menos em boa parte do século XX, a tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais. Para complementar, ela conseguiu, ao menos nos últimos quarenta anos, atingir um grau de reconhecimento cultural que encontra poucos paralelos no mundo ocidental” (NAPOLITANO, 2002, p. 14). A música em suas entrelinhas revela-nos características da sociedade e como eu-lírico manifesta suas emoções, ideais e perspectivas, dado isso, selecionamos algumas músicas que nas suas interfaces discute questões sócio-históricas e políticas. Entre estas, destacamos:

Não quero lhe falar meu grande amor  
Das coisas que aprendi nos discos  
Quero lhe contar como eu vivi  
E tudo o que aconteceu comigo  
Viver é melhor que sonhar  
Eu sei que o amor é uma coisa boa  
Mas também sei que qualquer canto  
É menor do que a vida  
De qualquer pessoa  
Por isso cuidado meu bem  
Há perigo na esquina  
Eles venceram  
E o sinal está fechado prá nós  
Que somos jovens  
(Como nossos pais, *Belchior*, 1970)

A narrativa da música se dá em diálogo entre duas pessoas que compartilham do mesmo espaço social e que uma destas revela aos seus interlocutores, que não desejava falar de coisas utópicas, pois havia a necessidade de falar sobre seu momento presente, sua realidade, de como anda vivendo e sobre quais circunstâncias, faz questão de ressaltar a importância da vida e no final desse trecho argumenta que “*Há perigo na esquina*”; *Eles venceram*” denunciando a opressão pela qual estavam sendo submetidos. Contextualizando historicamente sabemos que este período (1964-1985) sob a qual a sociedade brasileira estava impregnada foi um momento de insegurança tanto política como cultural e social. A partir daí as

juventude(s)<sup>4</sup> começaram a se organizar em busca do processo de redemocratização do Brasil, após ter vivido por anos com o AI-5 da qual instituiu o fechamento do congresso nacional e quebra dos direitos políticos e civis de muitas pessoas.

Outra canção que destaca a condição do jovem no país pode ser encontrada:

Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério  
O jovem no Brasil nunca é levado a sério  
Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério, não é sério  
Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério  
O jovem no Brasil nunca é levado a sério  
Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério, não é sério  
Sempre quis falar  
Nunca tive chance  
Tudo que eu queria  
Estava fora do meu alcance  
Sim, já  
Já faz um tempo  
(Não é sério, *Charlie Brasil*, 1997)

A música “Não é sério” representa bem a visão estereotipada do Jovem brasileiro tanto dos anos 1990 como dos anos 2000. Apesar das mudanças vividas, uma das questões que não mudaram foi o olhar sobre o jovem, seus ideais continuam sendo perseguidos, suas lutas oprimidas e são caracterizadas como pessoas com extremo egocentrismo, embora, as pesquisas de Piaget comprovem que o egocentrismo não se apresenta a esta categoria, sim a coletividade.

Outra canção trabalhada foi:

Será que ninguém vê  
O caos em que vivemos?  
Os jovens são tão jovens  
E fica tudo por isso mesmo  
A juventude é rica, a juventude é pobre  
A juventude sofre e ninguém parece perceber  
Eu tenho um coração  
Eu tenho ideais  
Eu gosto de cinema  
E de coisas naturais  
E penso sempre em sexo, oh yeah!  
Todo adulto tem inveja  
(Aloha, *Legião Urbana*, 1996)

A última música analisada faz parte do acervo musical de um dos fenômenos do rock brasileiro, eternizados pelas magníficas composições e pelas severas críticas sociais que suas letras apresentavam. Dentre as variadas questões sociais que discutem a representação do jovem no Brasil foi e é tão pertinente

---

<sup>4</sup>Nesta linha a idade não é o fator predominante, tornando-se contraditório subsumir, sob o mesmo conceito, universos sócio-históricos tão distintos. Nesta lógica, vem tornando-se oportuno o emprego do termo no plural: juventudes, buscando apontar à enorme gama de possibilidades que a categoria pode apresentar (REIS, 2011).

para ser tratada em nosso país que tem um índice alto de mortes, pois, como confirma pesquisa feita em 2014 pelo IHA – Índice de Homicídio na Adolescência, aponta tendência de aumento dos homicídios entre pessoas de 12 e 18 anos, que agora morrem assassinadas proporcionalmente em maior número do que o resto da população, sem contar que o maior número de suicídios estão estreitamente relacionado com essa faixa etária. A música em suas estrofes, assim como as anteriores, tenta de alguma forma imprimir ao ouvinte uma reflexão para com a qual o jovem é tratado em grupos sociais.

Entendemos dessa forma, que a execução do projeto nascido do desejo de iniciarmos um debate amplo na escola parceira, nos permitiu discutir o protagonismo da juventude na História do país e a importância que os alunos da escola, como jovens, têm para a comunidade e transformação social da comunidade que se insere. Tenhamos em mente que são alunos que ainda tem pouco conhecimento de alguns conceitos históricos, no entanto podemos trabalhar tais concepções a partir das suas realidades, o que nos ajudou na construção da nossa conversa.

É pertinente descrever em que contexto executou, pois devido ao pronunciamento do diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS) Tedros Adhanom em março de 2020 onde declarou pandemia de COVID-19, foi justamente o período em que se deu entrada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID e começamos atuar em sala de aula, mas os cenários mudaram o trabalho que antes eram na escola agora tinham de ser feito em casa para evitar aglomerações.

## **Considerações Finais**

Nosso objetivo além de trazer uma questão que pouco é discutida, foi mostrar também que é possível sim está trabalhando temáticas tão homogeneizadas, com recursos que até o século passado eram menosprezados. É tão relevante falarmos de protagonismo em sala de aula, para que os alunos desde cedo tenham conhecimento de conceitos considerados complexos, pois quando falamos de protagonismo necessariamente estamos falando de política no seu sentido plural, do qual se aplica a perspectiva de Foucault que apresenta-nos as múltiplas formas de poder.

É muito gratificante mesmo que seja simples as contribuições, no entanto é importante para o nosso contexto social abordar e incentivar os alunos a pensar e criticar seu cenário pelo qual está exposto, até mesmo porque é uma realidade próxima a eles. Para o educador/ historiador situar os mesmos e de certa forma conseguir adensar uma consciência histórica é de suma satisfação. Os alunos conseguiram compreender nossa mensagem, de forma que participaram ao nos trazer seus entendimentos a cerca dessas músicas que foram levadas a eles que notamos começarem a interagir e citar compositores que em suas músicas fazem questão de tratar a realidade vivida dos mesmos e sobre questões sociais, o mais interessante é que podemos perceber o quanto são atentos apesar dá pouca idade e como isso facilita a nós educadores.

Assim, entendemos que as metodologias ativas de ensino não ajudam somente a disciplina de História, como quaisquer outra. A metodologia ativa escolhida para esse estudo pode nos trazer a compreensão de que, colocar o aluno como um sujeito ativo no processo de ensino aprendizagem é significativo, uma vez que podemos perceber suas devolutivas simultaneamente, não esperando que o aluno apenas absorva o assunto abordado e transmitido pelo professor, mostrando-lhes como a música pode trazer muito de História. A facilidade que vem trazendo para o ensino em sala de aula é surpreendente, pois, adequa-se a diversidade do alunado, faz com que o docente também atente a buscar metodologias novas e que assim como os alunos, siga aprendendo.

## Referências

ABUD, Katia Maria. Registro e representação do cotidiano: a música popular na aula de história. *Cad. CEDES [online]*, v.25, n.67, p. 309-317, 2005.

AZEVEDO, Guilherme. *Assassinatos de adolescentes batem recorde histórico no Brasil, diz Unicef*. Uol notícias. São Paulo. 11 de out, 2017. Disponível em: <[https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/10/11/assassinatos-de-adolescentes-batem-recorde-historico-no-brasil-diz-unicef.htm#:~:text=Estudo%20coordenado%20pelo%20Unicef%20\(Fundo,cada%20grupo%20de%20mil%20jovens>](https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/10/11/assassinatos-de-adolescentes-batem-recorde-historico-no-brasil-diz-unicef.htm#:~:text=Estudo%20coordenado%20pelo%20Unicef%20(Fundo,cada%20grupo%20de%20mil%20jovens>)>

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Proposta preliminar. Segunda versão revista. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versão.revista.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Brasília, DF, 2008, que trata da obrigatoriedade do ensino de música na educação básica.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

CRUZ, Priscila. *O jovem no Brasil é levado a sério?* UOL, 2016. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/colunas/priscila-cruz/2016/08/10/o-jovem-no-brasil-e-levado-a-serio.htm>.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: A vontade do saber*. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

MARTIN, Laura, VITAGLIANO Luís Fernando. *Juventude no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019.

NAPOLITANO, Marcos. *História e música: história cultural da música popular*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

OLIVEIRA, Fernanda. *Psicologia da educação e da aprendizagem*. Indaial: Uniasselvi, 2014.

REIS, Antero. Juventudes no Brasil ditatorial (1964-1985): aspectos de situação e condição. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, São Paulo, julho 2011.

## INTERFERÊNCIA PRETA: o Dia da Consciência Negra como ferramenta antirracista na escola

Caio César Sousa Barros<sup>1</sup>  
Francisco Carvalho Nascimento<sup>2</sup>  
Maria de Jesus Miranda Pinheiro<sup>3</sup>

### Introdução

Levando em consideração a semana do Dia da Consciência Negra, optou-se por trabalhar em sala de aula, um tema de cunho relevante quanto necessário para formação de todo brasileiro, o racismo. A ação foi realizada de forma presencial, mas vale lembrar que todas as medidas de proteção higiênicas contra o SARS-COV-19 foram adotadas por todos os participantes. Foi a nossa primeira ação presencial, o que gerou certo entusiasmo em todos.

As discussões sobre o racismo podem revelar aspectos muito pessoais, por isso a abordagem seguiu de forma fluida e espontânea, para melhor incentivar a participação dos alunos. O objetivo geral é compreender a importância de se ter uma postura antirracista, dentro e fora da escola. E como objetivos específicos buscaram-se: identificar aspectos da cultura afros; refletir sobre as bases estruturais do racismo na sociedade brasileira; compreender as relações racistas na escola.

Para que fosse possível o alcance de tais objetivos, as discussões foram orientadas pelas seguintes questões: qual a relação entre as datas comemorativas 13 de maio e 20 de novembro? Como combater o racismo na escola? Qual a importância de se adotar uma postura antirracista?

Assim, a ação é justificada pela necessidade de atualizar o ensino básico sobre as discussões mais recentes sobre o racismo, promovendo uma aproximação entre os níveis de ensino. Por meio da ação, foi possível estabelecer uma aproximação sobre o que se discute no ensino superior, para que os alunos do ensino básico se sintam atualizados do debate.

Portanto, o racismo no Brasil se organiza de forma estrutural, que teve origem em suas bases coloniais, onde a sociedade era organizada seguindo a lógica das raças. Com a abolição em 13 de maio de 1888, muitas mazelas, além das que já se faziam presente, surgiram. A abolição não veio seguida de políticas que integrassem os pretos na sociedade, o que resultou na marginalização do povo preto. Não há dúvidas que a discriminação que se constitui na propensão a desvalorizar o que é feminino x negro x homo, com a prática de micro agressões. E que para sanar tais dissabores, somente com aplicação de leis mais severas.

---

<sup>1</sup>Graduando do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: [caio Barros@aluno.uspi.br](mailto:caio Barros@aluno.uspi.br);

<sup>2</sup>Graduando do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: [franciscocnascimento@aluno.uespi.br](mailto:franciscocnascimento@aluno.uespi.br);

<sup>3</sup>Graduada em História pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: [jesusmirandaa27@gmail.com](mailto:jesusmirandaa27@gmail.com)

A efetividade, associada ao dispositivo legal, traz a obrigatoriedade da temática étnico-racial em escolas do sistema básico brasileiro e põe em xeque a naturalização da concepção de currículo firmada em conhecimentos eurocêntricos no ensino superior. Nesta dimensão, a lei instiga o ensino da história, da arte e da cultura africana e afrodescendente, ao mesmo tempo em que o respalda. Por outro lado, a eficácia da lei, associada à luta diária dos militantes do movimento negro brasileiro, questiona o currículo como campo de embate e questionamento de relações de poder, pondo em prática as orientações da lei (OLIVEIRA, SILVA, 2017, p.193).

Na paráfrase acima, os autores veem na lei a possibilidade de um resgate indenitário da população brasileira; isso significa um grande avanço que venha ressignificar à construção de identidade pessoal, sociocultural, sociorreligiosa, etc. Com base nessas informações e conceitos averiguados, notam-se a necessidade de apresentar aos alunos do ensino básico tais discussões, como forma de contrapor o currículo escolar, que em suma ainda apresenta traços excludentes no que se refere a discussões sobre o racismo e também, uma visão mais atual sobre a temática.

Hipoteticamente o que se espera do estudo, é que os alunos possam se familiarizar com tal discussão, e aprender a refletir a partir das datas comemorativas, pois todas trazem consigo, grandes significados sociais. Para que fosse possível o alcance dos objetivos traçados no presente trabalho, utilizou-se das discussões propostas por autores como: Oliveira e Nascimento (2021), com o trabalho “Pedagogia do evento”: o Dia da Consciência Negra no contexto escolar; Theodoro (2007) em Consciência Negra: o que comemorar? e, Silva (2014) em O Dia da Consciência Negra no Brasil: algumas reflexões. A partir das discussões estudadas, podemos elaborar a abordagem e estabelecer os objetivos já citados.

Este relatório está dividido em três partes sendo que a primeira, está a introdução, a segunda, o racismo entre nós, como combater, fundamentado nos teóricos citados acima e considerações finais. Este trabalho pretende contribuir socialmente através do conhecimento elaborado da temática em questão, de tal forma que possa validar a necessidade de estudar, preservar e divulgar o estudo sobre interferência preta: o dia da consciência negra como ferramenta antirracista na escola.

## **O racismo entre nós, como combater**

A ação foi realizada na escola CETI Júlia Nunes Alves, localizada na cidade Teresina-PI, em uma turma de 6º ano. Realizada de forma presencial, seguindo todos os protocolos sanitários. Sob a supervisão da professora Jesus Miranda, organizamos materiais necessários para a realização da ação, que necessitava de um notebook, Datashow, caixa de som e uma sala reservada para a ação. A sala escolhida e cedida pela escola, foi a biblioteca, com os aparelhos já instalados e pronto para utilização. Os alunos foram levados para sala, ou seja, a biblioteca e lá já aguardávamos para darmos início a ação. De início notamos o entusiasmo dos alunos em participar da ação presencialmente, e felizes com o retorno à sala de aula. Após

todos se colocarem em seus acentos, iniciamos com uma breve apresentação e contextualização, provocando-os a participarem. Os alunos de início apresentaram ter compreensão sobre a importância do conteúdo, pois assim que revelamos o tema da ação, eles já se postaram a fazer perguntas. Em seguida apresentamos um vídeo de cinco minutos na qual foi exposto de forma clara e objetiva, com ilustrações e uma linguagem fácil de assimilar, e solicitamos que os alunos fizessem observações, pois ao final do vídeo iríamos debater sobre o que eles tinham absorvido do vídeo. Concluído o vídeo, iniciamos uma breve discussão sobre o que o vídeo expressava. Os alunos começaram a se posicionar, o que foi muito satisfatório, pois eles conseguiram compreender o objetivo do vídeo e o da ação. Após as discussões, resolvemos aprofundar ainda mais o conteúdo, já que eles demonstraram ter uma facilidade no assunto. Portanto, apresentamos alguns conceitos e discussão sobre a relação entre as datas 13 de maio e 20 de novembro, a fim de provocar reflexões, de como as datas são utilizadas para difundir ideias e que no geral devem ser observadas com cautela, pois sempre existem mensagens nas entrelinhas. Por fim, os alunos compartilharam suas experiências com o racismo e de casos de outras pessoas que eles conhecem, assim foi encerrada a ação.

Vale lembrar que:

A história do Brasil foi construída sobre os alicerces de uma sociedade escravocrata agrícola, período que desencadeou na cultura brasileira a superioridade a partir da raça e, com isso, mazelas sociais que nem mesmo mais de um século da abolição da escravidão conseguiu superar (SILVA, 2014, p. 155).

Por isso a importância de refletirmos sobre as questões raciais, ainda no início da formação dos alunos, para que estes já cresçam sabidos de que o racismo faz parte do processo de formação de nossa sociedade, mas que deve ser combatido por uma postura antirracista. A escola por vez, deve ser o lugar onde essa luta contra o racismo deve ocorrer de forma ainda mais organizada, já que é um ambiente onde se encontra grande parte da diversidade racial.

Ainda que o ideal de diversidade e aceitação seja repetido como um mantra pelos profissionais da educação, os três séculos de escravidão no Brasil deixaram profundas marcas na sociedade nacional, as quais se perpetuam até os dias de hoje, de modo que o racismo, que estrutura as relações sociais no país, não ficou do lado de fora dos muros da escola (ALMEIDA, 2019 *Apud* OLIVEIRA e NASCIMENTO, 2021, p. 137).

De acordo com Oliveira e Nascimento (2021, p. 137), ao citarem DaMatta, no que se refere a:

Empreender uma educação escolar antirracista pressupõe, por um lado, reverter mito da democracia racial sistematizado em obras de Gilberto Freyre e acionado como política de Estado a partir dos anos 1930, e por outro lado, explicitar as múltiplas formas em que o racismo opera na sociedade brasileira.

Foi visando explicitar tais relações que a ação ganhou relevância, principalmente por fazer os alunos refletirem sobre essas múltiplas formas que o racismo se faz presente. Por exemplo, uma aluna chamou a atenção para o fato de nunca ter visto uma boneca Barbie de pele preta, outro destacou os

ataques racista em redes sociais, onde viu que, uma pessoa preta usando tranças nagô, ou seja, um penteado afro, sofreu ataques racistas, ao passo que pessoa branca usando um corte de cabelo semelhante, não sofreu ataques.

Para Theodoro (2007), existe uma reprodução das pobreza e discriminação, com relação a população preta, cita o caso de pessoas pretas de classe média que são barradas na entrada de condomínios. Pode-se estender até os acontecimentos como os atos racistas que ocorrem nos shoppings e até nas agressões policiais que sempre viralizam nas redes sociais. Portanto, o espaço escolar deve ser utilizado no combate ao racismo, além disso, formar pessoas antirracistas.

Imagem 1: Alunos da escola CETI Júlia Nunes Alves, durante a realização da ação



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Posturas antirracistas são parte da própria construção e do senso de cidadania, de humanidade. Para tal, a consciência histórica deve ser alimentada, pois, somente por meio do ensino da história dos muitos processos de escravização e de exploração dos povos negros, que se conseguirá resultados efetivos e duradouras na luta contra os preconceitos.

## Considerações Finais

A partir da ação podemos concluir que a construção de uma sociedade antirracista deve iniciar pela escola, pois é onde se encontra a grande diversidade social, podendo ser estabelecido um espaço de diálogo e assim novas possibilidades acabam ocorrendo naturalmente. Conclui-se que os resultados foram

alcançados de forma muito positiva, tendo em vista que os objetivos foram atingidos e que os alunos demonstraram grande interesse e domínio no conteúdo, além de podermos discutir os conceitos e reflexões que os autores como: Theodoro (2007); Oliveira e Nascimento (2021) e Silva (2014) nos apresentaram. Vale ressaltar que a ação contribuiu de forma significativa em nossa formação, pois tivemos que aprender a abordar assuntos mais complexos e ainda estabelecer um contato mais próximo com os alunos. São experiências como estas, que só são possíveis graças ao Programa de Bolsas de Iniciação à Docência, que nos colocam a par da realidade em que breve atuaremos como docentes, no entanto, já preparados para lidar com as responsabilidades educacionais e profissionais.

## Referências

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Anca/MST, 2004. 143 p.

Oliveira, R. S. de, & Nascimento, L. A. (2021). *Pedagogia do evento: o Dia da Consciência Negra no contexto escolar*. Campos – Revista de Antropologia, 22(1), 135-158.

OLIVEIRA. Miria Gomes. SILVA. Paulo Vinicius Baptista. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 183-196, jan./mar. 2017.

SILVA, Vanessa Cristina Pacheco. O Dia da Consciência Negra no Brasil: algumas reflexões. *Revista de história*. Fortaleza, v.2, n.3, p. 153-166, jul-dez. 2014.

THEODORO, Mário. *Consciência negra: o que comemorar?* IPEA. Disponível em: [http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=914:catid=28&Itemid=23](http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=914:catid=28&Itemid=23). Acessado em: 07.12.2021

VILLALTA, L. C., GOMES, M. S., RAMOS, S. C., & MICHEL, S. L. O cinema e a História: reflexões e relato de uma experiência de ensino. *Educação em Revista*. 41, 2005. p. 175-191.



# CONJURAÇÕES À EMANCIPAÇÃO POLÍTICA: o estudo das Conjurações Mineira e Baiana, a chegada da Família Real no Brasil e a emancipação política brasileira, discutida por meio do uso de Quiz

Tatiene Aparecida Santos de Sousa<sup>4</sup>  
Flôr de Maria Rosa dos Santos<sup>5</sup>  
Maria de Jesus Mirada Pinheiro<sup>6</sup>

## Introdução

Diante dos conteúdos abordados em sala de aula pela professora Maria de Jesus Mirada Pinheiro, no CETI Prof.<sup>a</sup> Júlia Nunes Alves, nas turmas de 8º Ano A e B, a elaboração e realização das ações deram-se mediante a necessidade de auxílio aos alunos na discussão sobre o conteúdo que havia sido transmitido pela professora citada. Assim, as atividades realizadas como primeira ação no mês de outubro do ano de 2021 nessas turmas referiu-se ao estudo sobre a Conjuração Baiana e a Conjuração Mineira, discutidas por meio de *quizzes*. Como segunda ação do mês também foram elaborados dois *quizzes*, um sobre a chegada da Família Real ao Brasil, ao qual um foi elaborado no formato de roleta e o outro sobre a Emancipação política do Brasil com um cenário ambientado, ambos foram aplicados remotamente.

O desenvolvimento dos conhecimentos adquiridos neste trabalho foi obtido através de revisão bibliográfica na área de História e tem caráter qualitativo. Nesta proposta, esse trabalho centra-se em uma problemática relevante e necessária: Como o uso de *quizzes*<sup>7</sup> pode contribuir de forma efetiva para a dinamização e personalização do processo de ensino-aprendizagem dos alunos?

E para ajudar na resposta desta questão, busca-se apoio no objetivo deste referencial, que é o de discutir o uso do Quiz como ferramenta colaborativa no processo educacional. Analisando assim, a importância do uso de tal Metodologia Ativa para uma prática pedagógica eficiente e que agregue no processo de ensino-aprendizagem dentro e fora da sala de aula. E tendo como objetivos específicos: verificar a eficácia do uso do Quiz no Ensino Fundamental; refletir como pode ser feita sua aplicabilidade em sala de aula; inferir como tais Metodologias Ativas podem contribuir no protagonismo e autonomia dos alunos.

Portanto, Justifica-se a escolha desse tema “Conjurações à Emancipação política: o estudo das conjurações mineira e baiana à chegada da Família Real ao Brasil e Emancipação Política brasileira, discutida por meio do uso de Quiz” pela necessidade em dinamizar e personalizar o Ensino em meio a

---

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: tatienesousa@aluno.uespi.br

<sup>5</sup> Graduanda do Curso Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: florsantos@aluno.uespi.br

<sup>6</sup> Graduada em História pela Universidade Federal do Piauí e Supervisora do Pibid. E-mail: jesusmirandaa27@gmail.com.

<sup>7</sup> Quiz (plural *quizzes*) é o nome de um jogo de questionários que tem como objetivo fazer uma avaliação dos conhecimentos sobre determinado assunto.

um cenário de tantas incertezas em diversos aspectos, incluindo educacionais. Havendo assim, a necessidade da criação e/ou utilização de (novas) práticas pedagógicas que contribuam para amenizar os impactos negativos na Educação, tais como a evasão e o baixo rendimento escolar.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como pretensão discutir o uso de Metodologias Ativas como os *quizzes*, como uma ferramenta de auxílio no processo de ensino-aprendizagem, sendo esse recurso didático complementar ao ensino tradicional. Buscando assim, não o substituir, mas sim facilitar a aprendizagem dos alunos, personalizando o Ensino e conforme orienta as normas da BNCC (2017, p. 60) “nesse sentido, também é importante fortalecer a autonomia desses adolescentes, oferecendo-lhes condições e ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informação”. Portanto, tornando o aluno protagonista do seu próprio saber.

Assim, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) defende que seja fortalecida a autonomia dos adolescentes para que sejam protagonistas de seus aprendizados, que tenham cada vez mais voz e sejam cada vez mais participativos nos seus processos de aprendizagem, e nesse processo entendem-se também os desafios no papel da escola de formação integral dos alunos e de formadora de gerações, devendo proporcionar um ambiente favorável aos projetos e práticas pedagógicas para que tanto as crianças quanto os adolescentes consigam desenvolver e administrar essa autonomia, não cabendo mais aos alunos o papel de coadjuvantes e/ou espectadores do processo de aprendizagem, mas sim de protagonista desse processo.

Desse modo, o aluno precisa acreditar em sua capacidade de aprender e assumir essa autonomia, sentindo-se estimulado a buscar mais informações e conseqüentemente mais conhecimentos. Pois, isto lhes será útil não somente no contexto escolar, mas também para a sua atuação em sociedade e em sua vida como um todo. Para tal, as Metodologias Ativas mostram-se como um importante recurso nesse processo com ações que possibilitem a participação ativo dos alunos através da diversidade de,

[...] estratégias de ensino aplicadas em metodologias ativas, as quais objetivam prender a atenção e o interesse dos alunos no conteúdo passado em sala de aula, com a utilização, por exemplo, de dispositivos móveis para a proposição de jogos que proporcionem aos estudantes o desenvolvimento de competências cognitivas, pessoais e sociais (LOPES; SILVA; SOUZA, 2018, p. 2).

Com base na citação acima as Metodologias Ativas se constituem da busca autônoma do conhecimento, entretanto mediada/orientada pelo professor, essa estratégia ganha bastante destaque em meio à pandemia oriunda do Covid-19<sup>8</sup>, onde o uso de Metodologias Ativas aproxima e estreita a relação entre aluno e professor criando maiores oportunidades para que haja um conhecimento integral, o que o

---

<sup>8</sup>A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo Coronavírus SARS-CoV-2, sendo essa infecção potencialmente grave, com elevada transmissibilidade e de distribuição global. Fonte: <https://www.gov.br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>.

aproxima da realidade do aluno, algo que se torna cada vez mais necessário. Com isso o uso de Metodologias Ativas como ferramenta que cria estratégias para colocar o aluno como figura central tem ganhado ainda mais importância no ensino.

Diante das informações e conceitos averiguados, notam-se a necessidade de estudos acerca de Metodologias Ativas que construam uma relação de proximidade ao cotidiano e realidade dos alunos, onde o uso de *quizzes* quando bem utilizados mostram-se relevantes e podem contribuir para um melhor desenvolvimento do aluno em diversos contextos, sejam eles educacionais ou sociais.

Hipoteticamente o que se espera do estudo é que o mesmo possa contribuir no processo de ensino-aprendizagem através do uso de *quizzes*, tornando esse processo mais prazeroso e conseqüentemente alunos mais participativos, de modo a colocá-los como protagonistas de seu próprio aprendizado e que os professores possam ser facilitadores, mediadores e/ou orientadores desse processo. Portanto, com esse estudo se busca contribuir para a construção de um Ensino de qualidade e que este seja dinâmico e prazeroso.

Dentre os descritores que foram utilizados para a construção das ações estão: BNCC (2017); Lopes, Silva, Souza (2018); Stingham (2016), com conceitos e pensamentos que contribuíram para a construção das ações e uma melhor compreensão dos conteúdos abordados. Este estudo está dividido em três partes sendo que a primeira, está a introdução, a segunda o relato de experiência, fundamentado nos teóricos citados acima, e considerações finais como sendo a terceira e última parte.

E pretende contribuir socialmente através do conhecimento elaborado da temática em questão, de tal forma que possa validar a necessidade de estudar, preservar e divulgar o estudo sobre o uso de *quizzes* como Metodologia Ativa interessante no processo evolutivo educacional, de modo que se perceba como essa metodologia pode ser eficiente e colaborativa para a obtenção e retenção de conhecimentos e que levem os alunos a pensarem criticamente quanto cidadão sobre diversos assuntos.

## **O Ensino sobre as Conjurações Baiana e Mineira por meio do uso de Quiz em sala de aula**

Para as ações de intervenção do Pibid<sup>9</sup> desenvolvidas no mês de outubro no CETI Prof.<sup>a</sup> Júlia Nunes Alves nas turmas de 8º Ano A e B, foram produzidos *quizzes* alinhados a jogos digitais, dinâmicos e interativos, onde quatro *quizzes* foram elaborados, dois para a primeira ação e dois para a segunda ação, cada um deles trazendo um pouco de ludicidade e bastante dinamismo. Optou-se pelo uso do Quiz nas ações por ser:

---

<sup>9</sup>Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)- É financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), é um programa que oferece bolsa para estudantes de cursos de licenciatura plena, para que eles exerçam atividades pedagógicas em escolas públicas de ensino básico. Fonte: <https://pibid.prograd.ufg.br>.

[...] uma plataforma para avaliação de conhecimentos sobre determinado assunto. Toda a lógica desse método passa por um questionário com alternativas onde o avaliado julga a opção mais correta. Essa ferramenta geralmente é acessada por dispositivos eletrônicos, para facilitar a propagação e controle de respostas das questões (LOPES, SILVA, SOUZA, 2018, p. 2).

Na primeira ação do referido mês foram produzidos no site *I'm a Puzzle*, com o acesso somente através de celulares, dois *quizzes* um sobre a Conjuração Mineira e o outro sobre a Conjuração Baiana, onde conforme os alunos fossem respondendo corretamente cada pergunta peças de um quebra-cabeça se revelavam para que os alunos pudessem montá-los formando uma imagem relacionada ao tema trabalhado e assim, finalizassem a dinâmica proposta. Para a execução destas atividades foi estipulado o tempo de 5 minutos para sua resolução, dada a sua simplicidade e facilidade, e ao fim aparecia o resultado individual para cada aluno.

Educação e Tecnologia caminham juntas, mas unir as duas é uma tarefa que exige preparo do professor dentro e fora da sala de aula. Ao mesmo tempo em que oferece desafios e oportunidades, o ambiente digital pode tornar-se um empecilho para o aprendizado quando mal-usado (NEIRA, 2016, p. 04 *apud* STINGHEN, 2016, p. 22).

Segundo Neira na citação acima, a Educação e a Tecnologia devem caminhar juntas, embora não seja tarefa fácil. E visando potencializar os resultados positivos, as escolas e os professores estão constantemente buscando se aperfeiçoar no uso de Tecnologias como recurso didático e a aplicabilidade correta dessas ferramentas, cientes das dificuldades e adversidades existentes.

Com essa ação buscou-se transmitir aos alunos conhecimentos agregadores à aula sobre a Conjuração Baiana e a Conjuração Mineira, através do uso de *quizzes* como um suporte na busca por criar caminhos para tornar as aulas mais dinâmicas, atrativas e proveitosas, contribuindo para uma aprendizagem mais fácil, no intuito de despertar o interesse dos alunos para sua maior participação e melhor aproveitamento dos conteúdos.

Importante salientar que se faz necessário, para um ensino mais personalizado e perspicaz, a aplicação de uma educação holística, onde essa educação, segundo Infoescola (2021) “[...] propõe ressignificar não só a escola enquanto instituição de ensino como também todos os atores que fazem parte desse conjunto [...] compreendido a partir da perspectiva global acerca das interações que o definem e caracterizam”.

Portanto, baseado no que foi dito na citação acima, os processos educacionais de uma escola devem ir além dos elementos que a compõem, analisando também suas ações e o modo como se relacionam com o mundo em sua volta, com isso contribuindo para haja a ampliação dos espaços em que a escola possa atuar como formadora de cidadãos conscientes e protagonistas.

Como segunda ação do mês de outubro, também foram produzidos dois *quizzes*, o primeiro no formato de roleta abordando a chegada da Família Real ao Brasil, trazendo ludicidade a atividade, e o segundo *quiz* abordou a Emancipação política do Brasil e foi ambientado com um cenário remetendo à floresta amazônica. Ambos foram desenvolvidos no site Wordwall com base em modelos disponibilizados por professores na comunidade existente no próprio site. Os links foram disponibilizados no grupo oficial de Whatsapp da turma, juntamente com um card explicativo sobre a atividade e como estas deveriam ser desenvolvidas.

Assim, os resultados alcançados com as ações realizadas durante o mês de outubro no ano de 2021 foram parcialmente positivos, pelo fato de que na primeira ação houve uma boa participação e retorno de respostas dos alunos, já na segunda ação ocorreu uma queda nessa participação. No entanto, mesmo não tendo havido a participação em massa dos alunos na segunda ação os resultados alcançados foram satisfatórios.

Como forma de avaliar a participação e o desempenho dos alunos nas atividades, foi solicitado aos mesmos que fizessem o envio de prints com os seus resultados de forma individual, bem como que enviassem também fotos do caderno com as anotações das respostas às perguntas do quiz referente à dinâmica da roleta que abordou a Chegada da Família Real ao Brasil. Enquanto que os demais *quizzes* já mostravam automaticamente quando o aluno errava ou acertava as respostas, onde foi estipulado um limite de três erros dentre as alternativas que foram ofertadas para cada pergunta.

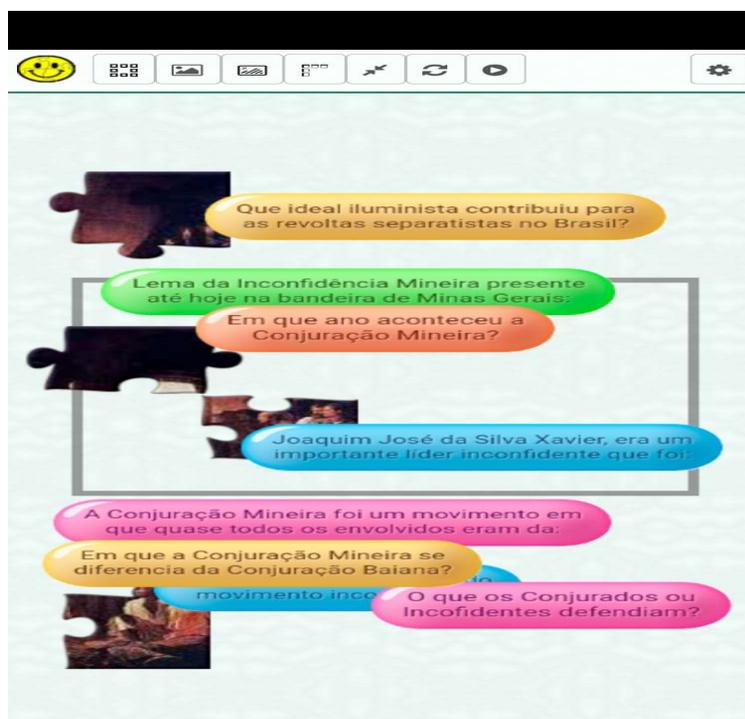
As imagens apresentadas a seguir exemplificam como as atividades foram propostas aos alunos, de maneira dinâmica e lúdica, alinhando o uso de *quizzes* a jogos clássicos, como os quebra-cabeças e a roleta. Portanto, estimulando o interesse dos alunos e sua maior participação nas atividades propostas, e com uma aprendizagem facilitada e mais prazerosa. Além, é claro, de contribuir para o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas.

Imagem 1: Quebra-cabeça Conjuração Mineira



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Imagem 2: Quiz Conjuração Mineira



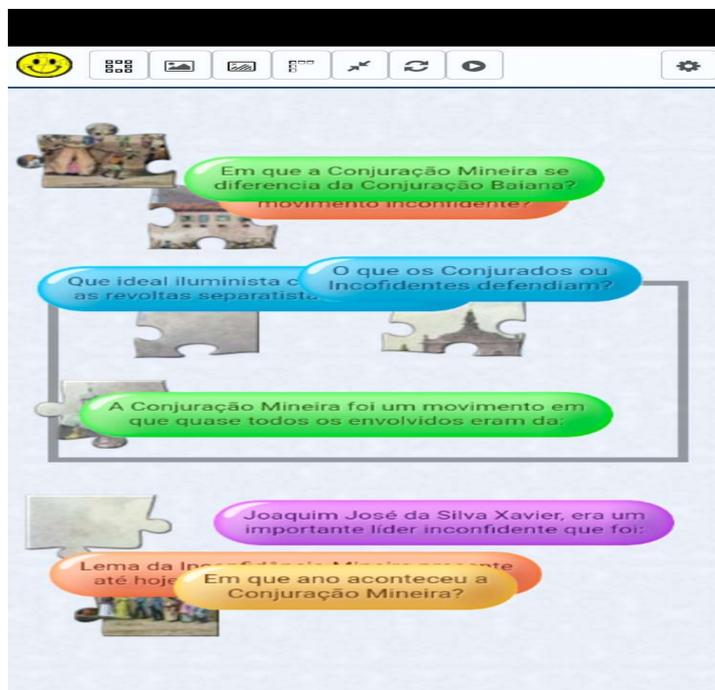
Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Imagem 3: Quebra-cabeça concluído Conjuração Baiana



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Imagem4: Quiz Conjuração Baiana



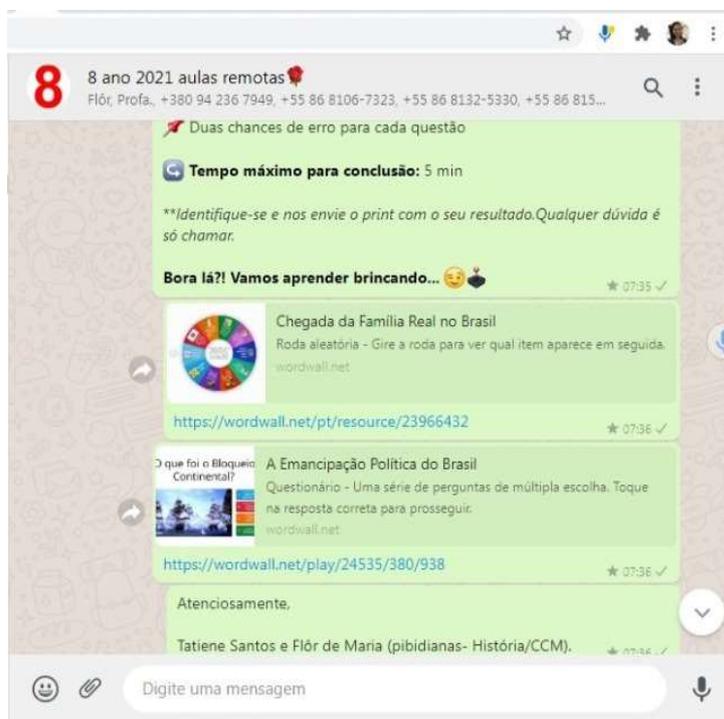
Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Imagem 5: Quiz Emancipação Política



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Imagem 6: Print da postagem das ações



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

O ensino-aprendizagem endossado por atividades de cunho lúdico é importante para minimizar, dessa maneira, as dificuldades causadas, inclusive, pela pandemia da Covid-19. O lúdico pode ser encarado como uma especial estratégia para o ensino de história, sem perder de vista a objetividade da construção do conhecimento científico-histórico.

## Considerações Finais

As ações desenvolvidas e aplicadas no mês de outubro ainda se deram de forma remota, em virtude da pandemia do Covid-19. Porém, fecharam o ciclo de ensino remoto, pois as aulas passariam a ocorrer de forma presencial, no entanto o uso de Metodologias Ativas continuará presente no processo de ensino-aprendizagem, como fator agregador ao ensino tradicional para a personalização do ensino de forma dinâmica e facilitadora da aprendizagem, buscando cada vez mais o protagonismo dos alunos.

A metodologia aplicada na realização dessas ações se mostrou interessante para uma prática pedagógica futura, por trabalhar com uma linguagem comum e individualizada, mas sem deixar de pensar o coletivo, devendo com isso contribuir para a construção de um elo entre a escola e a realidade particular de cada aluno.

O uso de *quizzes* na primeira ação, assim como na segunda, constituiu-se como uma excelente ferramenta pedagógica para a inserção tecnológica e para aguçar a criatividade e o interesse dos alunos, bem como auxiliar os professores nesse processo de ensino-aprendizagem. E quando alinhado aos jogos, seja no formato digital ou não, como o quebra-cabeça, abre-se um leque de diversidade e criatividade para uma aprendizagem mais eficaz, despertando o senso crítico e autonomia dos alunos, para que possam interagir com a realidade em que vivem de uma maneira mais participativa e consciente.

Na ação seguinte, em que o uso de Quiz aliado a um jogo interativo de roleta e a um cenário descontraído fez-se necessária para complementar e reforçar o que já havia sido visto anteriormente em sala de aula, buscando trazer a realidade dos jogos, sejam eles como já foi dito digital ou não, para o contexto de sala de aula onde passem a fazer parte dos recursos pedagógicos como ferramenta agregadora, que permitam com que os alunos aprendam brincando tornando a sala de aula e o ensino mais atrativos, com alunos mais ativos e a aprendizagem mais prazerosa.

Portanto, acredita-se e sugere-se que se avance mais na discussão sobre a temática ora trabalhada nesta pesquisa, para que haja a utilização de ferramentas tecnológicas e seja viabilizada sua aplicação em sala de aula por meio de Metodologias Ativas simples como o uso de *quizzes* como recurso didático, proporcionando prazer em aprender aos alunos. Com isso deixou-se em aberto a possibilidade de aprimoramento e continuidade das ações de intervenção, para aplicações futuras na prática docente das

até então Pibidianas e idealizadoras das ações aqui apresentadas, assim como a quem mais interessar-se pelo seu uso e aplicação.

## Referências

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 02 set. 2021.

LOPES, Inara Erice de Souza Alves Raulino; SILVA José Vinícius Lopes da; SOUZA Rodrigo e Silva. *Quiz em Metodologias Ativas: Suporte no Ensino Aprendizagem*. 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/anais/conedu>. Acesso em: 03 out. 2021.

STINGHEN, Regiane Santos. *Tecnologias na Educação: Dificuldades Encontradas para Utilizá-La no Ambiente Escolar*, 2016. Disponível em: <https://www.repositorio.ufsc.br>. Acesso em: 03 out. 2021.

PEREIRA, Lucila Conceição. *Educação Holística. InfoEscola*. Disponível em: <https://www.infoescola.com/pedagogia/educacao-holistica/> Acesso em: 12 mar. 2022.

## ENSINO INTERDISCIPLINAR: história e as metodologias ativas

Ana Clara Sales de Lima<sup>1</sup>  
Gabriella Carvalho Nascimento<sup>2</sup>  
Maria de Jesus Miranda Pinheiro<sup>3</sup>

### Introdução

A utilização de jogos como ferramentas pedagógicas no ensino de História tem sido cada vez mais frequente na sala de aula e atualmente o ensino remoto é algo que desafia os professores e a sua metodologia diária. Por isso, se faz necessário o uso de mecanismos que auxiliam o ensino e aprendizagem de história. Nessa perspectiva, na ação de setembro as responsáveis pelo complemento eletivo do 1º ano A, do CETI professora Júlia Nunes Alves, utilizaram as metodologias ativas para promover essa ação.

A temática trabalhada foi sobre o *estatuto da criança e do adolescente* (ECA), temática escolhida pelos próprios alunos. Cabe ao professor instruir os alunos nesse processo de aprendizagem “(...) Alguém que coloca o aluno em contato com os processos de construção/reconstrução do passado” (SEFFNER, 2000, p.260), com o auxílio de jogos a ação se torna mais interativa, dinâmica e atrativa, possibilitando a participação ativa dos alunos e uma maior capacitação do seu senso crítico.

Desse modo, como base referencial teórica para a execução dessa ação foi utilizado: Levy (1999), SEFFNER (2000) e Zalla e Antoni (2013), para discutir sobre as metodologias ativas que são utilizadas com o objetivo de tornar o aluno protagonista do processo de ensino-aprendizagem e o professor um intermediador, buscando uma real aprendizagem do aluno e melhor associação do conteúdo estudado com o seu cotidiano. Aprendizagem baseada em projetos (ABP) é considerada uma das práticas de ensino mais eficazes do século XXI. Os estudantes trabalham com questões e problemas reais, colaboram na criação de soluções e apresentam os resultados. E para tornar a metodologia ainda mais interessante para a aprendizagem, pode-se utilizar recursos tecnológicos, deixando a aula mais interativa.

E como vamos utilizar ferramenta digital, com os jovens entra a questão do ciberespaço, onde a gente vai emergir no universo tecnológico deles e explorar as ferramentas digitais para a aprendizagem, como disse Lévy (1999):

O crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas propõem. Em segundo lugar, estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano (LÉVY, 1999, p.16).

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: anasales@aluno.uespi.br

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: gabriellanascimento@aluno.uespi.br

<sup>3</sup>Graduada em História pela Universidade Federal do Piauí e Supervisora do Pibid. E-mail: jesusmirandaa27@gmail.com.

Vem a gamificação tornar a exposição dos conteúdos mais atraentes para os jovens, pois os alunos são desafiados a tomar decisões por conta própria assim incentivando o protagonismo juvenil. A Gamificação permite que a informação sirva a um propósito, tornando o ensino lúdico, já que os alunos precisam usar a criatividade para resolver situações-problemas. Na Gamificação, o processo de aprendizagem é construído de forma coletiva. Ou seja, os jogos permitem mais facilidade na transmissão do conhecimento. Este trabalho pretende contribuir socialmente através do conhecimento elaborado da temática em questão, onde queremos que os jovens entendam e aprendam sobre os seus direitos e deveres para assim poderem contribuir para a sociedade. E sem contar que eles vejam como é possível o professor, usar diferentes metodologias de aprendizagem em sala de aula para facilitar o processo de aprendizagem do aluno.

### **Objetivo das Metodologias Ativas**

O presente trabalho, que foi desenvolvido por Ana Clara Lima, Gabriella Carvalho e a supervisora Jesus Miranda, que estamos responsáveis pela turma de 1º ano A do CETI professora Júlia Nunes Alves, atuando no complemento eletivo para a mesma, continuamos abordando o tema do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) só que dessa vez mensurando, exercitando e discutindo o que eles aprenderam sobre o tema que a gente veio abordando desde o mês de setembro. E exercitando o conteúdo através de uma série de jogos em uma plataforma on-line onde a gente exibiu via Google Meet, e trabalhamos da seguinte forma: houve a divisão dos alunos em duas equipes e cada um tinha sua vez de jogar e uma estava jogando contra outra. Tal metodologia faz com que os alunos se esforcem mais para poder ganhar no jogo e a gente pode explicar para eles sobre o espírito esportivo que tem que prevalecer, o fato de ser só um jogo e que não mede o real conhecimento de ninguém tendo isso como base aplicamos vários jogos didáticos.

E os conhecimentos adquiridos para fazer a execução desse trabalho foram com base em Historiadores e pedagogos, onde pesquisamos como metodologias ativas poderiam agregar no ensino em sala de aula e, assim, o trabalho teve o caráter qualitativo. E esta pesquisa centralizou na problemática que foi saber se realmente os alunos estavam por dentro do assunto, saber como estava a interação deles em sala de aula, avaliar o desempenho deles, como eles se comportavam sendo dividido em equipes.

Então a escolha do tema metodologias ativas, teve como o objetivo geral auxiliar os alunos em uma forma diferente e dinâmica de aprendizagem do ensino de História. Portanto, este trabalho teve como objetivo ser um recurso facilitador no processo de ensino e aprendizagem e para estimular as habilidades dos alunos. Foi estimulada a memória, para ajudar eles trabalharem em grupo de forma pacífica e aprender a lidar com a questão do tempo ao desenvolver as atividades, e ajudar na fixação do

conteúdo trabalhado. Pois o professor tem a função de ajudar os alunos com diferentes práticas de aprendizagem, como diz Zalla e Antoni (2013):

Professores e pesquisadores da educação têm proposto e analisado práticas de ensino adequadas às novas linguagens e tecnologias, buscando construir aprendizagens significativas a partir de situações de interação; logo, neste cenário, os jogos têm sido recuperados como estratégias de transmissão/construção do conhecimento (ZALLA; AMTONI, 2013, p.149).

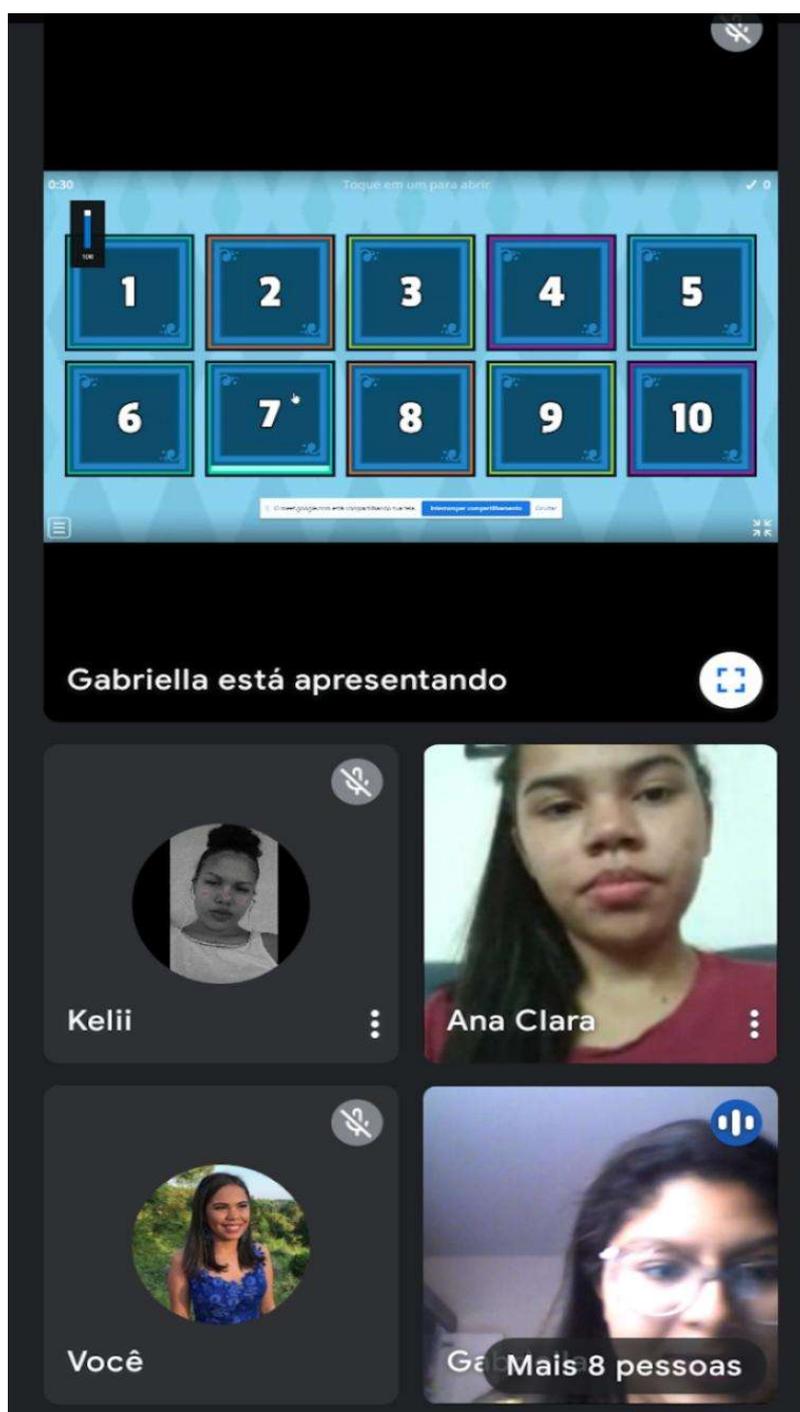
E com tudo isso, mesmo a gente vivendo uma época de ensino remoto, onde o envolvimento, atenção e a participação dos alunos parece ser cada vez mais difíceis em sala de aula, é melhorada com a inserção dos jogos como metodologia. Trazendo uma nova dinâmica de aprendizagem, assim os jovens acabaram se envolvendo, dinamizando a aula, ao despertar o interesse para o jogo, para a competição saudável entre os grupos, quando eles se concentraram e ficaram atentos para poder responder corretamente as perguntas. Foi assim que notamos que a ação teve um resultado bem mais satisfatório que o esperado, pois notamos todo o interesse dos alunos para aquilo que é lúdico, onde vimos como eles gostaram e se envolveram e aprenderam com tudo aquilo que a gente abordou, quando a gente ainda deu a possibilidade de eles continuarem com os jogos em casa vimos que realmente eles gostaram dessa partida que a gente levou para a ação

Assim, trazendo o pensamento do sociólogo holandês Johan Huizinga (1990, p. 5), destacamos que jogar e brincar não são apenas práticas de socialização inerentes aos seres humanos:

O jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função significante, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo existe alguma coisa “em jogo” que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação (HUIZINGA, 1990, p.5).

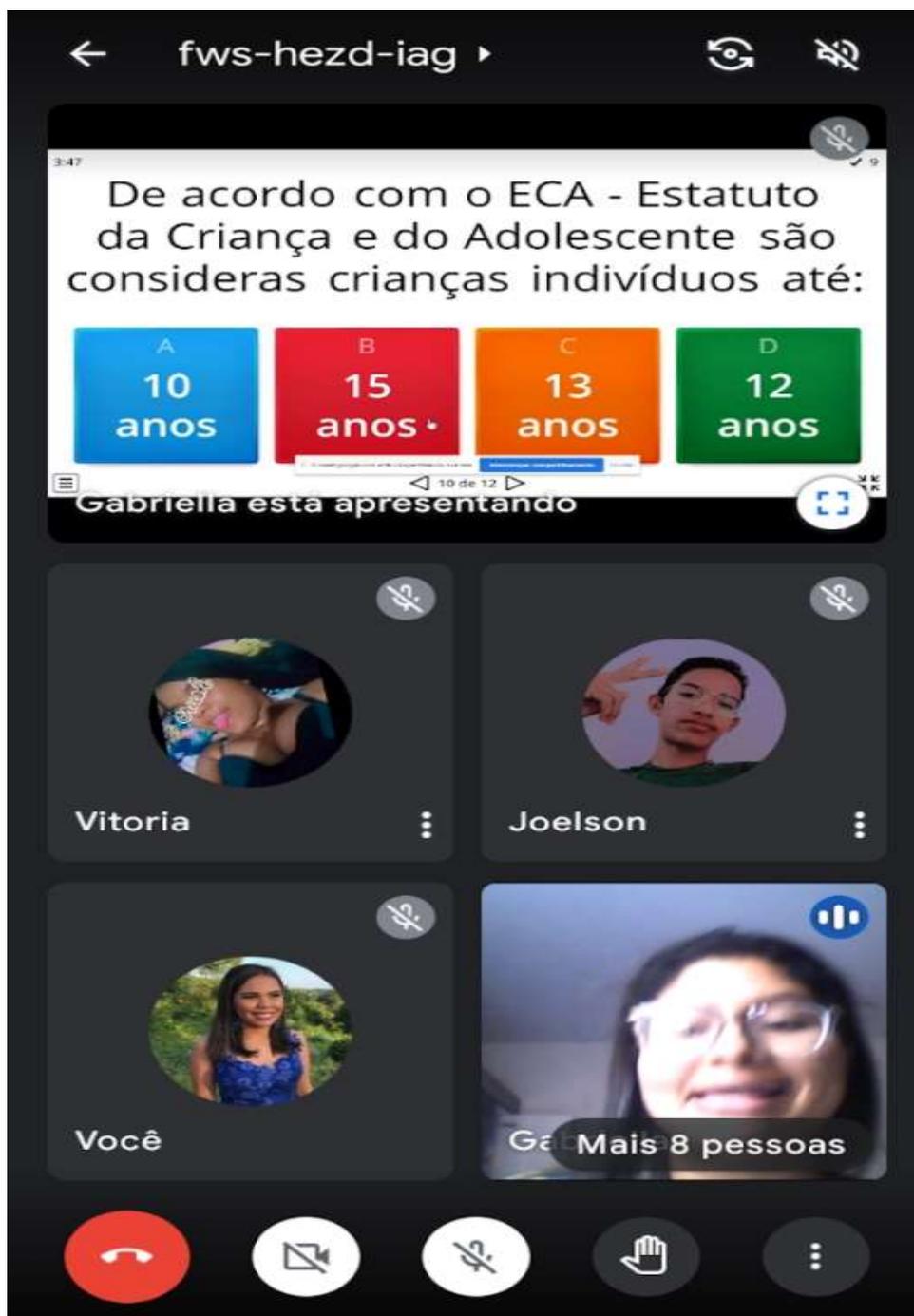
Em um jogo temos a possibilidade de tentar mais uma vez, provando que aprendemos no que erramos inicialmente. Logo, estimula a persistência que é fundamental para que o aluno não se sinta desmotivado diante do conteúdo que ele sinta que é mais difícil. Quando se aplica a gamificação, o aluno se mantém focado nos desafios que vai encontrar, pois a cada fase do jogo.

Imagem 1: Realizando o primeiro jogo



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Imagem 2: Finalizando a ação com o segundo jogo



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Os jogos, em larga medida, fazem parte da vida dos alunos da Educação Básica, seja por meio de jogos em aplicativos de celulares, seja em grupos de jogos. O interesse por jogos está, também, na prática da maioria deles, que praticam ou que acompanham jogos de esportes variados. Dessa maneira, aplicar os jogos como metodologia ativa e considerar o próprio conhecimento, ou melhor, as experiências do alunado.

## Considerações Finais

Na elaboração e execução desse projeto, foram levadas em conta as metodologias ativas com o envolvimento do lúdico em forma de jogos para exercitar o conteúdo abordado, que falava sobre o Estatuto da Criança e ao Adolescente. Um conteúdo que vai ser fundamental para ajudá-los a entender melhor sobre os seus direitos e deveres e a divisão de equipes fez com que houvesse um estímulo para melhorar o desempenho deles, pois as duas equipes almejavam a vitória. Assim, alimentamos o espírito esportivo deles e melhoramos a socialização entre os alunos dividindo-os em equipes aleatórias e fazendo com que eles ligassem os microfones e participassem de maneira ativa dos jogos. E tudo isso foi feito no intuito de melhorar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Assim, sendo possível o uso de tais metodologias em ações futuras dos então pibidianos quanto profissionais da Educação. Pois a discussão desse tema é tão rica que ela já vem sendo abordada desde o início das atividades do Programa. Então, podemos notar que já usamos diversas metodologias para discutir um determinado tema. A gente pôde vivenciar, nesta ação, que os alunos gostam de trabalhar com lúdico, com coisas diferentes, em maneiras divertidas onde eles aprendem, interagem com os colegas, se diverte tudo isso dentro de uma aula. Então esse projeto foi muito importante, pois mostrou como os alunos podem aprender de diferentes formas e utilizando as metodologias ativas desperta mais a curiosidade a vontade de aprender e de participar deles.

## Referências

- ANTONI, E.; ZALLA, J. O que o jogo ensina: práticas de construção e avaliação de aprendizagens em História. In: GIACOMONI, M. P.; PEREIRA, N. M. (orgs.). *Jogos e ensino de História*. 1. ed., 2. Reimpr. Porto Alegre: Evangraf, 2013. V. 1, p. 117-146.
- GIACOMONI, M. P. Construindo jogos para o ensino de História. In: GIACOMONI, M. P.; PEREIRA, N. M. (orgs.). *Jogos e ensino de História*. 1. ed., 2. reimpr. Porto Alegre: Evangraf, 2013. v. 1, p. 117-146.
- GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. *Fourth generation evaluation*. Newbury Park, London, New Delhi: Sage, 1989.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

# METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: *YouTube* nas turmas de 1º e 2º anos, no Centro de Educação de Tempo Integral - CETI Prof. Pinheiro Machado

Márcia Eduarda da Silva Lopes<sup>1</sup>  
Pablo Thiago Sobrinho Ferreira<sup>2</sup>  
Maria Virgínia Sales dos Santos<sup>3</sup>

## Introdução

Ensinar a História, uma das disciplinas mais antigas da educação escolar, é algo que tem seus impactos e seus significados dentro de uma sala de aula, principalmente porque ela é provedora de acontecimentos passados de resultados de diversas manifestações que ocorreram no presente, devido aos processos de mudanças e permanências, duas dicotomias que são as naturezas para compreender as razões que levam estudar a História em espaço rico de ensino-aprendizado, como a escola.

Entretanto, diante de mudanças, as quais são geradas por movimentos mundiais, como o caso da proliferação de uma doença como a COVID-19, ainda provoca que o ensino permaneça, porém, com algumas modificações importantes para continuação, também devido à humanidade ajustar-se aos processos modernos, como a utilização das plataformas digitais e redes sociais.

Percebe-se que o ensino, após o surgimento de metodologias que geram alunos ativos, colaborou para que novos materiais viessem a destacar, nesse caso vídeos foram necessários, porque acredita-se que a utilização de tecnologia é pressentida para nascer a interação e comunicação entre professor e aluno na sala de aula, porque:

A nova geração de crianças já chega à escola com mais conhecimentos e sede de aprender algo que seja atraente, significativo, pois está conectada [...]. A instituição escolar, por sua vez, tem o desafio de educar esta nova geração, como exemplo, usando vídeo em suas aulas como gerador de polêmicas, motivador e informador (PAZZINI; ARAÚJO, 2013, p. 2).

Então, essa utilização acaba sendo uma aprendizagem diversificada e divergente daquilo que o ensino de História percorre nas escolas, com método tradicional em apenas narrar os fatos. Por isso que o professor precisa mudar suas visões em decorrência de novas metodologias, contribuindo para a formação de um aluno participativo e crítico.

Por isso, os bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), buscaram apoio na plataforma, *YouTube*, e rede social, *WhatsApp*, para aplicar uma ação que se resulta em

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Clóvis Moura. E-mail: marcialopes@aluno.uespi.br;

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: pabloferreira@aluno.uespi.br;

<sup>3</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí. E-mail: mariavirginia9344@gmail.com.

ser uma ponte entre o ensino da professora titular e aprendizado dos discentes das turmas do 1º ano do Centro de Educação de Tempo Integral Professor Pinheiro Machado, localizado na zona sudeste de Teresina – PI, com o objetivo de atuar nesse momento através da criação de vídeos para serem disponibilizados no canal PIBID da Universidade Estadual do Piauí –UESPI, Campus Clóvis Moura (CCM), e, então, desenvolver uma abordagem, no sentido de contribuir com a reprodução de pronunciamentos e imagens, a respeito dos conteúdos que estavam sendo estudados, como o Mundo Cristão no período da Idade Média; a realização das guerras por meio das Cruzadas e a Cultura Medieval, enfatizando a arquitetura e sua relevância na época.

Assim, poderia ser ainda uma ferramenta em prol da continuidade das aulas, considerando que se tratava de um período difícil, porque as escolas estavam fechadas para atividades letivas presenciais, e orientadas a seguir rigorosamente os protocolos sanitários, elaborados e apresentados pelas instituições responsáveis, como a medida de distanciamento social, devido à elevada onda de proliferação do vírus mortal que resultou na pandemia COVID-19 no Brasil, a qual, segundo Moreira, Henriques e Barros (2020), acarretou transformações que se fizeram notar pela sua proporção no âmbito social, expirando a origem de paradigmas inovadores no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, o ensino remoto estava sendo o único capaz de estabelecer essa ponte, que se alinha e mantém os alunos na escola e não haver nem prejuízo futuro. Porém, no sistema público de ensino, existem várias dificuldades financeiras, no que tange ao emprego de uma modalidade remota de qualidade, a exemplo as aulas simultaneamente realizadas *online* ao vivo, por plataformas de acesso às chamadas de vídeos. Por isso coube apenas a utilização de aplicativos com facilidade de acesso, como as redes sociais e *You tube*, para proceder com a revisão dos assuntos que são espécies de engrenagens essenciais para construção de uma máquina, como cérebro, para reviver os antigos conhecimentos, e estabelecer iniciativa para novas aprendizagens.

Com o crescimento das pesquisas relacionadas ao ensino de História, podemos perceber novas formas de ensinar e aprender história, fugindo da realidade deficitária em que alguns alunos relatam vivenciar. A partir disso, a ideia da ação consistiu em utilizar a música para auxiliar no ensino da disciplina de História na turma em questão, assim se sobressaindo de métodos que se baseiam na memorização das informações, elucidando características sociais, políticas e econômicas marcantes do assunto em questão, que se tratava do período do segundo Reinado no Brasil, aplicado por paródias musicais e utilização da plataforma *YouTube*.

Portanto, “[...] a aula de História pode e deve ser preparada com base em metodologias concretas e recursos distintos, na busca do docente ministrar um excelente ensino de História em sala de aula (OLIVEIRA, 2017, p. 23)”; semelhante a tornar prática na teoria de Rosane Oliveira, o recurso utilizado na ação foi a paródia musical, pegando melodias próximas da realidade dos alunos, assim, tentando

facilitar a familiarização com o conteúdo, alterando a letra para não fugir do aprendizado proposto pelo planejamento da professora da disciplina e tornando as aulas mais proveitosas, como advertem Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli “[...] É inegável que, para que sejam ricas em significado, as aulas de História devem abarcar também, a realidade local, mais imediata” (SCHMIDT, CAINELLI, 2004, p. 112). Então, diante de todos os fatores, as metodologias ativas foram realizadas na sala de aula.

## **Ensino de História na sala de aula**

As transformações na humanidade não têm apenas ocorrência nas esferas econômicas e políticas, mas existem também nas sociais. Nesse princípio, a educação escolar está englobada, principalmente, porque ela é a manifestação de uma sociedade para adquirir conhecimento e normas que formaram o cidadão ideal de sua cultura. Para que isso aconteça, requer iniciativas de procedimentos metodológicos no interior de uma sala de aula, justamente para que as disciplinas das ciências fundamentais no processo de ensino-aprendizado, sejam abordadas por profissionais capacitados, como o professor. Entretanto, sobrevive ainda uma consequência nas práticas educacionais: o método tradicional, que conforme Circe Bittencourt, é associado por professores e alunos:

[...] ao uso de determinado material pedagógico ou a aulas expositivas. Existe uma ligação entre método tradicional e o uso de lousa, giz e livro didático: o aluno, em decorrência da utilização desse material, recebe de maneira passiva uma carga de informações que, por sua vez, passam a ser repetidas mecanicamente de forma oral ou por escrito com base naquilo que foi copiado no caderno ou respondido nos exercícios propostos pelos livros (BITTENCOURT, 2011, p. 227).

Dessa maneira, se registra um ensino em que o professor seja ativo, e aluno passivo, como mero receptor das ideias apresentadas. Em específico, na área da História, isso pode ser constatado na questão de narrar apenas os fatos históricos, sem qualquer interação discente ou problematização para geração do pensamento crítico.

Por isso, nos anos 80 após a renovação do ensino História, surgiram questões pensadas e criadas para acabar com os procedimentos do chamado “saber de cor”, e isso estabelece um aprendizado que seja pelo método ativo, em que os alunos recebam os problemas e os enfrentam através de suas próprias iniciativas, mas com a mediação certa do docente. Porém, ainda permaneceu uma confusão, porque se trata de uma tradição escolar, que segundo explicação de Circe Bittencourt:

[...] é compartilhada pela comunidade escolar, incluindo as famílias, e não apenas pelos professores. O desejo de mudanças para melhor desempenhar o trabalho com os alunos tem estado presente na história da prática docente, mas é preciso entender que métodos e conteúdos se constroem historicamente e fazem parte de uma produção escolar sedimentada e incorporada pela sociedade (BITTENCOURT, 2011, p. 229).

Nesse sentido, a mudança na escola requer certas provocações, principalmente por órgãos responsáveis que moldam o sistema por obter o poder financeiro e estrutural da educação, assim, observa-se que o PIBID é um mecanismo importante para reestruturar as bases educacionais, porque nessa iniciativa há a possibilidade dos acadêmicos auxiliarem e colaborarem com o professor em sala de aula, inovando a abordagem dos saberes teóricos, promovendo ambientes de aprendizagem colaborativos de construção/reconstrução, com uso de metodologias ou estratégias que estimulem o interesse dos alunos, e a busca pela inovação da prática docente, enfim, enriqueçam o ambiente de aprendizagem.

Há de se considerar, de acordo com Pinsky e Pinsky (2007), que o ensino de saberes históricos na escola proporciona a criação de referências de um período passado, essenciais para a compreensão da natureza das coisas que ocorrem na atualidade. Daí a necessidade de ser bem ensinada. Isso sugere que cabe ao professor atuar pedagogicamente na contramão da posição de protagonista principal, de detentor da transmissão de informação, no processo ensino e aprendizagem, postura que, sob o olhar comunicacional, se fundamenta no conceito de emissor-receptor. Sobre isso, Luiz Armando Valente diz que:

Portanto, a questão fundamental no processo educacional é saber como prover a informação, de modo que ela possa ser interpretada pelo aprendiz que passa a entender quais ações ele deve realizar para que a informação seja convertida em conhecimento. Ou seja, como criar situações de aprendizagem para estimular a compreensão e a construção de conhecimento (VALENTE, 2020, p.144).

Dessa maneira, os sentidos, diante de uma renovação de estudar a História, precisam alinhar-se aos novos métodos de didática docente, por isso a necessidade de aplicar as ações que se movam em direção às metodologias ativas, as quais conseguem promover a interação qualificada de benefícios ativos entre professor e aluno. Além disso, elas configuram a quebra da tradição escolar, por mais que seja algo complexo de atingir potencial máximo de ausência em qualquer escola, mas não consegue ser premissa central na sala de aula. Por isso, as experiências propiciadas pelo PIBID, e relatadas em seguida, confirmam os processos de mudanças, por às vezes, como nesse caso, surgem a partir de programas instituições ligadas às universidades, assim, formando a iniciação à docência na teoria e prática.

### **Metodologias Ativas ligadas às tecnologias digitais**

Conforme as mudanças que estão ocorrendo na área História, principalmente porque “[...] as pesquisas dão conta de objetos cada vez mais amplos, a informática e a *internet* facilitam imensamente a parte mecânica do trabalho de investigação” (PINSKY; PINSKY, 2007, p. 20); e observado que também no modo de ensinar a História, por mais que a tradição escolar seja aplicada pela fortaleza de facilidade que ela propõe, ainda existe método, o ativo, que transborda todas as barreiras de uma História decoreba e tradicional na sala de aula.

Com isso, esse ensino ligado a tecnologia provoca uma “[...] integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontece numa integração simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital” (MORAN, 2015, p. 16). Assim, amplia a sala de aula, que pode vir a mesclar dois mundos de forma híbrida e torna o professor equilibrado na sua didática, porque não deixa de fora a utilização das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), seja em casa ou implantadas na escola. Em se tratando da escola da rede pública, é certo afirmar que, ainda não incorporou e não se apropriou dos recursos oferecidos pelas TDICs.

Assim, diante das deficiências e dificuldades apresentadas no CETI Professor Pinheiro Machado, em decorrência da ausência de recursos financeiros e as consequências da pandemia de COVID-19, foram necessárias as alternativas de aplicação da ação letiva somente no formato digital. Assim, “É preciso nós alertamos em como o aluno aprende para que, desse modo, possamos melhor ensiná-lo” (FREITAS; PEREIRA, 2021, p. 7).

Frente a isso, foi pensada na revisão de conteúdos através de uma metodologia que fosse acessível ao aluno, como maneira mais adequada. Então, resultou em utilizar vídeos ilustrativos e explicativos oralmente para dar continuidade ao desenvolvimento do semestre nas turmas de 1º e 2º ano do Ensino Médio, considerando que a iniciativa de um mecanismo, como certas plataformas de *streamings*, pode ser tanto solucionadora para questões complexas que abrangem constantemente a educação brasileira, quanto revolucionária para quebrar os antigos métodos pedagógicos. Neste sentido:

Pensar o *Youtube* como instrumento de mediação pode gerar diferentes perspectivas: o posicionamento da instituição de ensino; o uso como parte complementar da prática docente; a relação do sujeito que busca de maneira autônoma determinados conhecimentos através dos vídeos (MOURA; FREITAS, 2018, p. 260).

Com isso, embarque-se que os princípios de uma aprendizagem sejam construídos pelo próprio discente, porém com mediação do professor, para direcionar os caminhos que devem trilhar, constituindo o saber de forma mais adequada a sua necessidade, por meio das relações de comunicações e informações estabelecidas, e divulgadas pela diversidade dos meios sociais e digitais disponíveis. Vale dizer que tais meios devem ser sempre observados e analisados para que, conseqüente, não provoque as ocorrências de distração e prejuízo ao meio escolar e o indivíduo em sua jornada de formação.

### **Ações realizadas de caráter ativo nas turmas, 1º e 2º ano, no CETI Prof. Pinheiro Machado**

As ações foram realizadas no CETI Prof. Pinheiro Machado, escola campo de atuação de acadêmicos de História, participantes do PIBID/UESPI/CCM. Ambas as instituições de ensino,

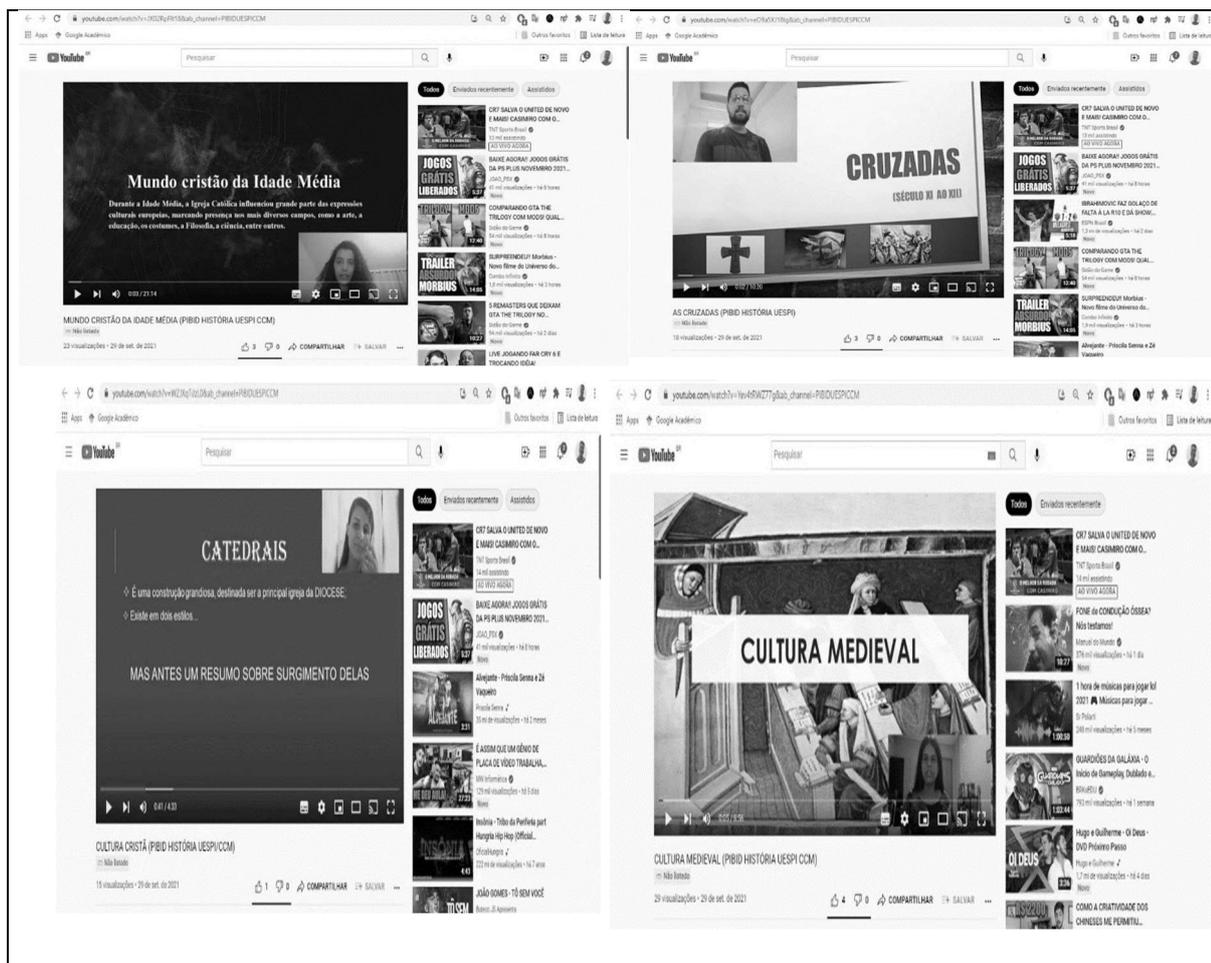
buscavam distanciar-se do método tradicional, também valorizar o distanciamento social, uma das alternativas preventivas contra proliferação do vírus da COVID-19.

Dessa maneira, as ações envolveram duas séries diferentes (1º ano e do 2º ano), adaptadas à forma remota, pela necessidade do cumprimento da medida de distanciamento social. Porém, elas contêm a ideia central de integrar os bolsistas-pibidianos ao processo da iniciativa à docência, propiciando a aplicação do aparato teórico disponibilizado ao longo do curso acadêmico, à prática no âmbito educacional.

Com isso, confere-se a utilização de vídeos aulas, como primeira ação desenvolvida com as turmas de 1º ano, postados na plataforma de produções audiovisual, garantidas para ser um apoio pedagógico em prol de fixar os acontecimentos que movimentaram a existência de conteúdos essenciais, para compreender alguns comportamentos e algumas representações da humanidade, que permaneceram desde a Idade Média. Bem como, analisar as naturezas que realizaram as esferas sociais, econômicas, políticas e culturais, as quais foram as máquinas primordiais para fabricar um domínio pela organização responsável em manter a sobrevivência poderosa da Igreja Católica.

Desse modo, apegou-se à plataforma *YouTube*, para disponibilizar quatro (04) vídeos, como perspectivas divergentes, porém com mesmo objetivo a respeito da Idade Média, como é possível observar nas imagens a seguir:

Imagem 1: *Prints* de telas dos vídeos utilizados no desenvolvimento da ação.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

A partir disso, pode-se justificar a presença da revisão programática através do canal dos pibidianos, com base em apresentar os assuntos sobre a Idade Média. Nesse sentido, optou por ordenar as videoaulas consoante os tópicos que formaram o capítulo sobre esse tema, no livro didático adotado para o ensino médio e estudado por essa turma.

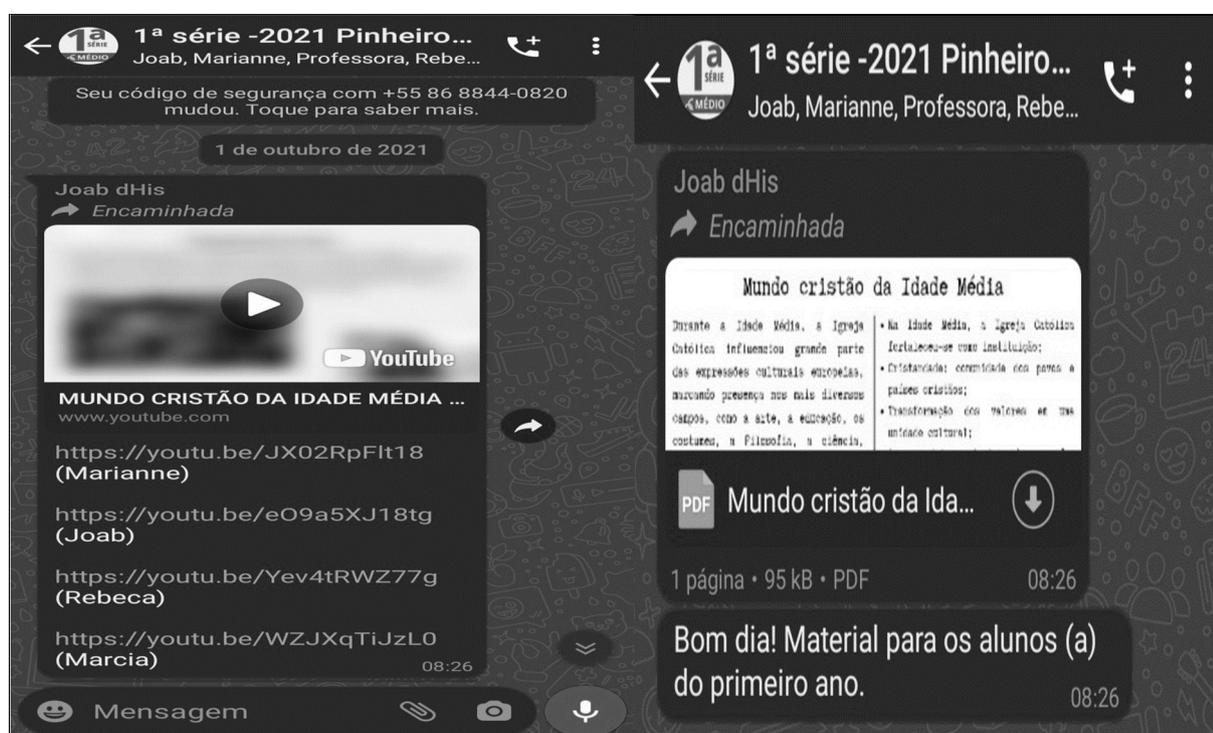
Nesse sentido, iniciou-se a explanação oral e ilustrativa sobre o Mundo Cristão, a influência da Igreja Católica sobre a população e seu poder em todos os aspectos. Em seguida realizou uma exposição sobre as Cruzadas, caracterizadas como as guerras feitas em nome de Deus, para garantir a expansão dominadora do Clero, que deixaram enormes consequências, e logo depois, sobre a Cultura Medieval, as realizações artísticas e as primeiras universidades, provedoras de profissões especializadas que moldam o mercado de trabalho atualmente, e, por fim, a importância das construções arquitetônicas, as essências da arte medieval.

Assim, foi possível perceber que as videoaulas são propensas ao ensino de História, confirmando ao descrito por Ângelo Tiago Pretto e Patrícia Mariotto Mazzaquatro Chicon:

A comunicação instantânea e informação da internet são ferramentas que estão acessíveis ao professor para poder tornar-se suas aulas mais dinâmicas e facilita a explanação de conteúdos em que forma alunos participantes; então, produzir de maneira interessante, mesmo nesses momentos desafiadores, a realização de aprendizado por meio das tecnologias (PRETTO; CHICON, 2014, p.03).

Desse modo, condizente com a proposta de auxiliar a professora titular, evidenciamos no processo de aplicação dessa primeira ação, realizada entre o período correspondente a 28-30 de setembro de 2021, e disponibilizado através do grupo de estudo formado na rede social do *WhatsApp*, aplicativo acessível as condições socioeconômicas dos alunos, que eles se fizeram participativos na realização das atividades propostas, segundo retratam as imagens a seguir:

Imagem 2: *Prints* de telas do aplicativo *WhatsApp*, utilizados no desenvolvimento da ação.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

A segunda ação abrangeu as turmas do 2º ano do CETI Professor Pinheiro Machado, e foi concebida a partir de deficiências comuns nas escolas e nos discursos dos alunos. A realidade propulsora dessa ação consistiu no ensino da disciplina de História, baseado na transmissão tradicional de informações aos alunos, e mesmo da obtenção do somatório de notas avaliativas, pois ainda presenciamos uma realidade escolar, em que os alunos vivem de decorar essas informações, dificultando a natureza crítica que o conhecimento histórico desperta, e cujo ensino tenha pilar nas competências específicas, contidas na Base Nacional Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), como um modo de possibilitar conhecimentos práticos. Diz respeito, na prática, a um ensino de História, voltado à formação de cidadão críticos e conscientes.

Do ponto de vista da construção do conhecimento, a facilitação e a aproximação do discente com o conteúdo proposto, usando o campo digital, a partir de suas vivências e de sua realidade, é uma alternativa a ser considerada. Essa proposta tem sua justificativa final na afirmação:

A prática em sala de aula assume desafios para que a educação histórica adquira um novo olhar do aluno, a função do saber histórico na vida dos sujeitos têm reconfigurado à didática da História na contemporaneidade, colocando novas demandas para a prática docente no contexto escolar e, conseqüentemente, para a formação de professores dessa disciplina, se tornando instrumento pelo qual poderá conhecer uma “pluralidade de realidades”, além de adquirir uma visão crítica da sociedade atual “resgatando, sobretudo, o conjunto de lutas, anseios, frustrações, sonhos e a vida cotidiana de cada um, no presente e no passado.” (PINSKY, 2012, p. 65).

Segundo Valente (2014), as TDICs têm sido utilizadas para a implantação de abordagens educacionais baseadas na metodologia da aprendizagem ativa. Os recursos disponíveis através da internet hoje em dia facilitam muito a vida das pessoas, pode se dizer que a era digital se expandiu inicialmente ao lazer, redes sociais, jogos em *softwares*, músicas, vídeos, recursos que enfrentaram um pouco de dificuldade na inserção da sala de aula, pois essa reagiu para conservar os métodos tradicionais de ensino por algum tempo.

Hoje, e especialmente devido a necessidade de distanciamento social, trazida com a pandemia da COVID-19 e ao mesmo tempo, de manter-se interligado no processo de ensino, já podemos constatar uma redução no fosso entre educação e tecnologia, com o desenvolvimento, a reformulação e disseminação do ensino virtual. Nesse contexto, procuramos utilizar a plataforma *YouTube* como meio a fornecer conteúdo de História para os alunos das turmas de 2º ano.

Como a experiência em sala de aula raramente presencial em decorrência do contexto da pandemia de COVID-19, que assolou e ainda se faz presente na nossa sociedade, tivemos um bom contato com os alunos das turmas de 2º ano, do CETI Professor Pinheiro Machado. Foi perceptível que o conteúdo aplicado de maneira tradicional às vezes não é encarado com seriedade por uma parte dos alunos, que preferem se prender a qualquer outra maneira de dispersão, que a sala de aula pode oferecer, dificultando a ação do professor. Daí, o pensar no trabalho abrangendo música, que marca presença desde sempre nas escolas, se não nos currículos, certamente no cotidiano dos alunos e de professores.

Na ação, foi utilizada uma paródia disponível *online* de autoria do professor Chico d'Avila, que possui um canal na plataforma *YouTube*, acessível aos inscritos do canal, para levar a música à sala de aula. A letra da paródia apresenta alguns dos principais aspectos políticos, sociais e econômicos do Segundo Reinado (1840-1889) no Brasil, utilizando a melodia da música “*Hey, Soul Sister*”, canção da banda norte-americana *Train*, escrita por Patrick Monahan, Amund Biorlund e Espen Lind, foi repassada aos alunos de modo a facilitar o processo de ensino e aprendizagem do conteúdo.

A oportunidade de estudar História utilizando outras linguagens, como a paródia, tornou o processo de aprendizagem não apenas dinâmico e interessante, mas também prazeroso, uma vez que, cativou a atenção dos alunos, facilitando o aprendizado do conteúdo de história explanado. Os alunos também demonstraram entusiasmo ao tentarem criar suas próprias letras, baseadas em outros conteúdos, e com ritmos diferenciados de melodia e estilo musical, entendendo que a escolha do gênero musical ficou a critério de preferência de cada um, tendo em vista a existência no grupo de diferentes gostos musicais, assim como de etnia, de gênero, personalidade e demais características.

No desenvolvimento da composição das letras de suas paródias, os alunos participantes entraram em contato com a pesquisa histórica e com a aplicação desse conhecimento na criação da letra da música, e nesse contexto, desenvolveram as habilidades de caráter mais global, como a leitura e a escrita, além das que dizem respeito à área de História. Com base no descrito na pesquisa de Tafarel Melo e Mayara de Assis (2013), relativo à utilização da paródia musical como estratégia didática em Educação Ambiental “[...] Dentre as várias ferramentas metodológicas que vem sendo aplicadas em sala de aula, a música apresenta-se como uma indispensável estratégia, de caráter lúdico, no processo de ensino/aprendizagem” (MELO, ASSIS, 2013, p.03).

Assim, cabe apontar que a paródia pode ser retratada como um meio auxiliar para a formação de conceitos no ensino de história, proporcionando aos alunos um entendimento mais claro do conteúdo trabalhado, pois o processo exige dos mesmos, tanto competências do domínio dos conhecimentos históricos, como as do domínio musical.

Portanto, o uso de paródias no ensino de História configura uma ferramenta pedagógica importante. O seu processo de construção como metodologia para o desenvolvimento de conceitos básicos de História, aumenta as possibilidades de um aprendizado significativo. Entre os alunos do 2º ano, a ação relacionando o saber histórico com paródias, estimulou e favoreceu a participação nas atividades, evidenciando que esta estratégia de ensino pode ser vista como um recurso alternativo para a aprendizagem dos saberes históricos.

## **Considerações Finais**

Quando focamos em falar em novas metodologias de ensino para a educação brasileira, enfrentamos aspectos estão enraizadas em uma cultura educacional se prolonga durante décadas. Quebrar o tabu de que redes sociais, vídeos *online* e acesso à *internet* que se configuram como as simples distrações ou formas de categorias avançadas de lazer, é um empecilho enfrentado pelos professores não apenas no ensino de História, mas em todas as disciplinas, reconhecendo que o poder que a escola tem como instituição, está

inteiramente ligado a educação da sociedade, e que para chegar ao seu objetivo precisa do desenvolvimento de técnicas como as apresentadas aqui, que as facilitem.

Considerando que a instituição de ensino, seja pública ou privada é formada por um quadro funcional escolar (diretores, professores, zeladores, entre outros), que participam das situações cotidianas, e que atuam na integração de ações que culminem em mudanças significativas. Na comunidade escolar, a figura do professor tem destaque no processo de ensino e aprendizagem que se desenvolve na sala de aula. Então, temos a escola como instituição aplicadora da educação, e o professor como agente direto desse processo, cabendo-lhe a utilização de metodologias que unam a nova era tecnológica à aplicação do saber e do ensino.

Neste contexto, a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), é de suma importância, uma vez, estarmos inseridos no cotidiano de escolas públicas, como o CETI Professor Pinheiro Machado, nos proporciona oportunidades de criar e participar de experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes inovadoras e interdisciplinares, além de nos permitir contribuir com a redução dos problemas que se apresentam no âmbito do ensino-aprendizagem.

O PIBID tem estimulado a formação de docentes com visão inovadora de ensino. Na prática, os futuros professores podem obter conhecimento sobre a forma como o ensino de História, por exemplo, está sendo desenvolvido na escola, a interação dos alunos com os saberes e dos recursos utilizados para tanto, tais como: vídeo aulas, aula ilustrativa, música ou paródia com conteúdo em sua letra, jogo educacional, apresentação teatral baseada em algum acontecimento histórico, entre outros que fazem parte da metodologia ativa de aplicação do conteúdo, agregada cada vez mais à sala de aula convencional.

O laboratório docente, proporcionado pelo PIBID, nos instiga a apresentar novos modelos de ensino, no sentido de agregar o aluno como sujeito da aprendizagem. Além disso, nos faz perceber que se tornar um bom professor, perpassa a ideia de se ter tão somente o domínio do conhecimento, mais para além disso, consiste em saber aplicá-lo de maneira distinta em cada situação que surgir.

## Referências

ÁVILA, Chico. *Segundo Reinado. Hit's do Chico*. Disponível em: <https://youtu.be/KUBR9M5kvQo>. Acesso em: 20 set. 2021.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 10 mar. 2022.

FREITAS, Izis Pollyanna Teixeira Dias de; PEREIRA, Nallyne Celene Neves. *Ensino de História: o uso das tecnologias digitais no desenvolvimento da aprendizagem histórica*. Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 1-16. 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4947>. Acesso em: 10 mar. 2022.

MELO, Tafarel Fernandes Tavares de; ASSIS, Mayara Larrys Gomes de. *Paródia musical como ferramenta na educação ambiental escolar*. Anais III ENID / UEPB. Campina Grande: Realize Editora, 2013. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/4855>>. Acesso em: 03 nov. 202.

MOREIRA, José Antonio Marques; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela. *Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia*. Dialogia. São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020. Disponível em: [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/9756/1/2020\\_Transitando%20de%20um%20ensino%20remoto%20emergencial%20para%20uma%20educa%C3%A7%C3%A3o](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/9756/1/2020_Transitando%20de%20um%20ensino%20remoto%20emergencial%20para%20uma%20educa%C3%A7%C3%A3o). Acesso em: 10 mar. 2022.

MOURA, Gabriela Beatriz Ferraz de; FREITAS, Lúcia Gonçalves de. *O Youtube como ferramenta de aprendizagem*. REVELLI-Revista de Educação, Linguagem e Literatura, v. 10, n. 2, p. 259-272, set., 2018. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/7946>. Acesso em: 10 mar. 2022.

MORAN, José. Mudando a Educação com metodologias ativas. In: SOUSA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (Orgs.). *Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens*. Coleção Mídias Contemporâneas, v 02. Ponta Grossa-PR: UEPG/PROEX, 2015, p. 15-33. Disponível em: [https://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando\\_moran.pdf](https://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf). Acesso em: 11 mar. 2022.

OLIVEIRA, Rosane Machado de. *História: A Necessidade de Repensar o Ensino de História no Âmbito Educacional e Social*. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. ed. 05, ano 02, v. 01, p. 408-433, jul. 2017. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/ambito-educacional-e-social>. Acesso em: 10 mar. 2022.

PAZZINI, Darlin Nalú Ávila; ARAÚJO, Fabrício Vieira de. *O uso de vídeo como ferramenta de apoio ao ensino-aprendizagem*. Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (Especialização em Mídias na Educação). Universidade Federal de Santa Maria – UFSM: Santa Maria/RS, 2013. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/729/Pazzini\\_Darlin\\_Nalu\\_Avila.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/729/Pazzini_Darlin_Nalu_Avila.pdf?sequence=1) >. Acesso em: 03 nov. 2021.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 17-36.

\_\_\_\_\_. Nação e ensino da história no Brasil. In: PINSKY, Jaime; et al (orgs.). *O ensino de História e a criação do fato*. São Paulo: Contexto, 2012, p.11-22.

PRETTO, Ângelo Tiago; CHICON, Patrícia Mariotto Mazzaquatro. *Uso de vídeos nas aulas de História: um relato de prática*. Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (Especialização em Mídias na Educação). Universidade Federal de Santa Maria – UFSM: Santa Maria/RS, 2014. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/11767/Pretto\\_Angelo\\_Tiago](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/11767/Pretto_Angelo_Tiago). > Acesso em: 03 nov. 2021.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

VALENTE, José Armando. *Comunicação e a Educação baseada no uso das tecnologias digitais de informação e comunicação*. Revista UNIFESO – Humanas e Sociais, v. 1, n. 1, 2014, p. 141- 166. Disponível em: <https://www.unifeso.edu.br/revista/index.php/revistaunifesohumanasesociais/article/view/17/24> . Acesso em: 11 mar. 2022.

# A REVOLUÇÃO RUSSA POR MEIO DE JOGOS DIGITAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Anelena da Costa Barradas<sup>1</sup>  
Gustavo Cleon Marques Nascimento<sup>2</sup>  
Maria de Jesus Miranda Pinheiro<sup>3</sup>

## Introdução

O Pibid, (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), defende que o objetivo do programa é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais, buscando aproximar essas realidades e melhorar a qualidade do aprendizado dos bolsistas e do ensino. O programa atua dentro da Uespi desde 2011, sendo esse edital o primeiro a ser trabalhado dentro do contexto do Covid-19, o vírus causador de mais de 600 mil mortes no Brasil, de acordo com a agência nacional de saúde.

Dessa forma, as consequências desse vírus atingiram diretamente o ambiente educacional, visto que, novas questões começaram a ser debatidas, no intuito de ressignificar o processo de educação no qual o profissional precisa adentrar dentro da esfera virtual e aprender a manipular as ferramentas oferecidas por esses meios tecnológicos.

Assim, o desenvolvimento dos conhecimentos adquiridos neste trabalho foi obtido através de um jogo na plataforma *world wall* na área de história e tem caráter qualitativo. Nesta proposta, esta pesquisa centra-se em uma problemática relevante e necessária colocando em pauta tópicos da Revolução Russa.

Dessa maneira, para auxiliar nas respostas deste assunto buscou-se apoio nos objetivos deste referencial, como: refletir sobre os fatos passados sobre o mundo moderno, utilizando uma aula explicativa sobre os principais pontos, somado às condições da Rússia na época em que foi utilizado o jogo baseado em imagens para ambientar o aluno nas questões temáticas do fato juntamente com uma roda de conversa dinâmica sobre os conflitos do evento.

A ação teve como objetivos revisar o assunto Revolução Russa de uma maneira prática e dinâmica em que os alunos pudessem identificar e encontrar a resposta por meio do trabalho em grupo, finalizando com uma discussão, assim ajudando a ampliar o enriquecimento cultural dos estudantes e estimulando o desenvolvimento crítico. Portanto, justifica-se a escolha deste tema por causa da necessidade de

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: [anelenabarradas@aluno.uespi.br](mailto:anelenabarradas@aluno.uespi.br)

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: [gustavonascimento@aluno.uespi.br](mailto:gustavonascimento@aluno.uespi.br)

<sup>3</sup> Graduada em História pela Universidade Federal do Piauí e Professora da Escola CETI Julia Nunes. E-mail: [jesusmiranda57@gmail.com](mailto:jesusmiranda57@gmail.com)

compreender os eventos citados, por serem marcos que modificaram a maneira na qual a Rússia e parte do mundo ficou antes e depois dos ocorridos.

Ademais, o Pibid dentro da Uespi sempre foi um projeto muito agregador em explorar os recursos didáticos disponíveis, como relatado em um artigo sobre o Pibid e a Uespi nos anos de 2011-2013 escrito pelo coordenador Marcelo Neto:

Destacar a elaboração e confecção, em dois anos, de 148 produtos educacionais, conforme categorização da Capes, como a realização de exposições pedagógicas, criação de banco de dados e imagens, blogs e páginas eletrônicas, kits de experimentação, apostilas e materiais para minicursos, jogos e brincadeiras didáticas, adaptação de peças teatrais, criação de rádio e jornal escolar, criação de materiais para recreação, realização de festivais de música escolar, entre outros (SOUSA NETO, 2016, p.19).

Com base nestas informações e conceitos averiguados, notam-se a necessidade de ressignificar a situação da educação atual, que por meio da pandemia teve que se reencontrar, trazendo ao ambiente escolar novas metodologias e novas maneiras de se enxergar o mundo histórico, então mesmo que a história e uso de jogos em sala de aula não sejam propostas revolucionárias, a apresentação do tema tem muito a colaborar com os alunos envolvidos no projeto, sendo relevante para expandir os conhecimentos, fugindo da metodologia positivista e maçante do antigo meio escolar.

Desse modo, o que se espera do estudo é ampliar a maneira de se enxergar a história, reconhecendo que ela é composta por inúmeros pontos de vista e que essas diferentes versões se baseadas em fontes e fatos, possuem espaço e relevância a serem consideradas, no caso do projeto a revisão mostrou pontos de vistas sobre o conflito, como a ameaça comunista e o absolutismo dos czares que trouxeram a miséria a população russa, para mostrar os pontos de vistas comentados sobre o fato dentro do assunto.

Na atualidade, a tecnologia, educação e ciência estão em contínuo desenvolvimento. A preferência principalmente pelo desenvolvimento da tecnologia é motivado pelo entusiasmo da população em especial os jovens, já que para eles é divertido e cativante. Em favor disso, convém potencializar projetos voltados para a tecnologia, visto que, tem um impacto na educação pois com o auxílio de jogos em sala de aula esses alunos sentem-se mais atraídos por esse tipo de atividade.

Tanto as crianças quanto os adolescentes acabam concedendo várias horas semanais em jogos virtuais em busca de diversão, porém com ensino de história principalmente se utilizado um método tradicional que vem atrelado a datas, grandes acontecimentos e heróis históricos, acabam gerando uma visão distorcida da disciplina, pois os alunos rotulam como uma matéria cansativa e decorativa fazendo com que o ensino fique pouco atraente.

Dessa maneira, os professores devem auxiliar os estudantes a abrir a mentalidade para diversas temáticas “alguém que coloca o aluno em contato com os processos de construção/reconstrução do

passado” (SEFFNER, 2000, p. 260), ou seja, os alunos não estão apenas recebendo os conteúdos, mas com o auxílio de jogos como um método de aprendizagem eles podem debater, refletir e opinar seus pensamentos tornando a ação mais dinâmica.

Nessa perspectiva, o debate acerca da aplicação de jogos de aprendizagem e sobre a inserção dessa metodologia-ativa no ensino de história, acaba evidenciando a atual situação de aulas remotas tem gerado algumas dúvidas acerca do aproveitamento dos alunos, já que durante décadas o uso de jogos é malvisto pela sociedade, por questões de vícios e influências que não serão necessárias no cotidiano.

Entretanto, mesmo com essas problemáticas os jogos fazem parte da vida desses jovens, e utilizá-los em sala de aula, como foi trabalhado com o jogo, “abra a caixa”, onde foi perceptível bons pontos positivos, pois os alunos tiveram a oportunidade de se divertir, brincar, exercitar a mente e estreitar os laços entre a professora e os pibidianos em uma citação de Celso Antunes confirma que:

As técnicas de Dinâmica de Grupo, em qualquer de suas especificações, não devem ser aplicadas apenas para criar um modelo novo ou diferenciado de ensino. Devem ser aplicadas quando se busca estabelecer em bases definitivas uma filosofia formativa que se pretende imprimir na escola ou empresa; quando se descobre, nas pessoas envolvidas no processo, um estado de espírito para aceitarem uma inovação como resposta a necessidade e ao desejo de se conhecerem melhor; e finalmente, quando se acredita que uma técnica, seja ela qual for, não representa uma “opção mágica” capaz de educar e alterar comportamentos, mas somente de estratégia educacional válida na medida em que se insere em todo o processo, com uma filosofia amplamente discutida e objetivos claramente delineados (ANTUNES, 2002, p. 17).

Outra questão que os jogos trazem são as habilidades que podem ser alcançadas como estimular o raciocínio lógico, aprender que mesmo errando o aluno pode ter outra chance, ter oportunidade de expor sua opinião, trabalhar em equipe, saber compreender a opinião do próximo e aprender a seguir as regras.

Portanto, os objetivos dessa ação são melhorar o ensino-aprendizagem através da gamificação tornando o rendimento mais prazeroso e aproveitado, fazendo com que os alunos desenvolvam o raciocínio lógico e habilidades analíticas crítica, a fim de analisarem as melhores escolhas para resolução da problemática, adquirindo conhecimentos de uma maneira divertida, tomando as decisões mais cabíveis e trabalhar em equipe.

Com isso, a Uespi que sempre foi uma referência dentro do Pibid, somado a criatividade que sempre acompanhou os bolsistas ao longo desse processo de aproximação de realidades, aliado à BNCC. Assim, os bolsistas têm histórico de ações para trabalhar e trazer os projetos passados para uma versão mais atual dentro do contexto das aulas híbridas, e com o retorno gradual graças ao avanço do projeto de vacinação, conseguem aplicar conceitos atuais como metodologias ativas.

Este estudo está dividido em três partes sendo que a primeira, está a introdução e a segunda, o referencial teórico, subdividido em três subtópicos: o primeiro discorre sobre a contextualização da ação;

no segundo trata-se sobre os tópicos abordados na revisão, para se aproximar o fato histórico e o aluno; para o terceiro subtópico e último, uma breve descrição sobre a Revolução Russa, seus líderes, ideais e motivações.

Este trabalho pretende contribuir socialmente através dos conhecimentos elaborados da temática em questão, de tal forma que possa validar a necessidade de estudar, preservar e divulgar o estudo sobre o diálogo entre os alunos, pibidianos e fatos históricos através do Pibid.

## **Iniciando o jogo!**

O presente artigo pretende mostrar as abordagens interdisciplinares que podem colaborar ainda mais na missão de expandir os horizontes dos alunos, buscando através de metodologias ativas, criar um senso de identidade, reflexão e crítica. Em que, enxergue o estudo da história além de um processo mecânico que necessita apenas de memorização, trabalhando através de comentários sobre o assunto feito pelos pibidianos e por um jogo que aborda momentos da guerra, que serviram de exemplo para enxergar metodologicamente sobre como o fato histórico é uma ciência viva que participa diretamente com outras áreas de ensino.

Assim, a execução da ação foi realizada de maneira presencial, seguindo todas as recomendações de saúde da OMS a fim de manter todos os alunos em um meio seguro para proporcionar a melhor educação possível dentro das condições mundiais atuais.

Desse modo, no mês de outubro no 9º ano do CETI Julia Nunes, foi revisado o assunto Revolução Russa, que foi caracterizado pela crise econômica e administrativa dos Czares e das correntes de pensamentos comunistas nos anos de 1900-1917, onde teve um governo com diversas fases e transformações que no fim levaram a revolução. Então, dentro desses períodos, tendo os ideais de Marx, buscaram o poder por meio de uma aproximação com as massas que concediam apoio ao longo de sua gerência, sua aceitação veio devido a defesa dos direitos trabalhistas, junto com uma propaganda sobre sua imagem e sua capacidade de mediação dos diferentes setores governamentais com interesses opostos.

A utilização de jogos em sala não pode ser vista apenas como um entretenimento, existe todo um planejamento para essa metodologia ser aplicada, visto que, os alunos tendem a absorver melhor o conteúdo participando do jogo e comparando os fatos, tornando assim, os jogos como um recurso que ajuda a desenvolver o senso crítico podendo despertar mais o interesse pelo assunto trabalhado pelo professor(a), além disso as aulas ficam mais dinâmicas fugindo da rotina do dia a dia da sala de aula tornando o conteúdo menos cansativo para os envolvidos.

Em contato com o assunto, o aluno não pode assumir um papel passivo na sua educação, deve sempre questionar, debater e perguntar, para evoluir o nível do seu próprio aprendizado, transformando

o trabalho de um modo mais efetivo, já que fazem parte das atividades presentes na aprendizagem ativa, no qual trata-se de uma metodologia bastante efetiva no processo do ensino. A utilização dos jogos como um material pedagógico mostra que a cada dia o acesso às tecnologias se tornam presentes nas salas de aula, auxiliando o processo de ensino-aprendizagem. Porém, deve-se ressaltar que a utilização das metodologias ativas, como os jogos, dinâmicas e músicas, contemplam o assunto trabalhado, mas precisam do professor como um guia para oferecer a melhor interpretação do conteúdo, assim contribuindo para um conhecimento descentralizado e torná-lo algo cotidiano.

Concomitantemente, o Pibid como projeto de intervenção sempre trabalhou com dinâmicas que desenvolvem o pensamento crítico do aluno e procurou meios divertidos para expor mais pontos de vista sobre o conteúdo, levando em consideração a BNCC a ação tinha como objetivo, “Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica” (BNCC, 2019, p. 284).

Assim, problematizando os conflitos mundiais da época e como estes eventos impactam dentro do mundo, se dispondo de ferramentas digitais para incentivar a cultura e dar a oportunidade para os que não tiveram acesso anteriormente a participar da ação, como também é defendido pela BNCC: “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BNCC, 2019, p. 279).

Então, ao trabalhar com jogos demanda delimitar a diferença entre o fato e o jogo, ensinando o aluno a “ler” a imagem e interpretar que se trata de uma facilitadora no conhecimento, com um paradigma de mostrar outra parte sobre o fato, como foi tratado em sala de aula, onde o foco é a brutalidade da revolução e autoritarismo dos czares, a fragilidade da vida e a intensidade de um momento tão trágico que marcou o mundo.

Ademais, os jogos estão cada vez mais atuais e relevantes, com o Brasil sendo um polo de referência no mercado mundial dos games. Assim, é importante validar o uso desses recursos em sala de aula que servem como recurso criativo e emancipatório que colabora com o desenvolvimento do indivíduo, Le Goff defendia que:

O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento verdadeiro. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo (...) é Preciso Começar Por demonstrar, demolir esta montagem (a do monumento), desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos (LE GOFF, 1984, p. 18).

Em suma, reconhecer o jogo como uma fonte histórica é expandir a maneira de se trabalhar com a história, aproximando essa elucidação do campo de pesquisa para a sala de aula, fica evidente que os alunos ao assimilar a relação entre jogo e o fato, aprenderiam mais sobre o conteúdo e cresceriam com as discussões sobre esses dois tópicos, sempre incentivando o trabalho em equipe dos alunos e o diálogo com os pibidianos. Por fim, com os comentários e a participação ativa dos alunos o ensino pode se dispor desse recurso como um meio para melhorar a imersão do aluno com o assunto, alcançando maior êxito na transmissão do conhecimento.

Então, o projeto de intervenção alcançou os resultados esperados, trabalhando com metodologias ativas e presentes no cotidiano da maioria dos alunos, que incentivaram a participação do aluno, mostrando a interdisciplinaridade e a amplitude de fontes que servem para analisar os fatos históricos, com os comentários dados pelos pibidianos e pela Prof. Jesus os educandos puderam expandir a visão sobre o ensino da história. Ademais, persiste o problema quanto a acessibilidade dos recursos digitais, onde nota-se a ausência de uma parte dos alunos que também seriam beneficiados com a ação, o projeto conseguiu contemplar e mostrar a importância da história e do Pibid dentro da instituição.

Imagem 1: Realização da ação



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Nesse sentido, os jogos são importante ferramenta na mediação entre os conteúdos e suas problematizações em sala de aula. Valorizar o lúdico no ensino-aprendizagem é, dentre muitas coisas, compreender que a própria educação, sobretudo o ensino de História, é dinâmica e participativa.

### Considerações Finais

Enfim, a relevância desse projeto de intervenção, traz uma experiência inovadora para os bolsistas e alunos envolvidos, que juntos ganham dentro desse contato de mão dupla onde todas as partes aprendem. Pois, com o retorno presencial os alunos precisavam se readaptar ao ensino depois de terem sido inseridos as aulas online e utilizar os jogos acabam trazendo novas maneiras de executar o ensino, trabalhando ao lado de metodologias ativas e da interdisciplinaridade, onde ambas as partes (alunos e pibidianos) expandem e ressignificam o modo de se fazer a educação, respeitando as normas da BNCC e ajudando com os assuntos de outras matérias, no caso dessa ação com a geografia e sociologia.

Com isso, a formação do bolsista fica extremamente enriquecida por conta desse contato, e os alunos ganham uma maneira diferente de aula. Colaborando com uma educação que valoriza a participação do aluno e a enxerga como um ativo dentro do seu processo escolar, mostrando como o Pibid é um processo útil e necessário para melhorar tanto a vida do futuro profissional quanto do educando.

### Referências

ANTUNES, Celso. *Manual de Técnicas, de dinâmicas de grupo, de sensibilização de Ludopedagogia*. 22. ed. Petrópolis, Vozes, 2001.

BRASIL. *Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2019.

KORNIS, Mônica Almeida. História e cinema: um debate metodológico. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 237-250, 1992.

LE GOFF, Jaques. Documento/monumento. In: \_\_\_\_\_. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana F. Borges. 5. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2003.

SOUSA NETO, Marcelo. O Pibid Na Universidade Estadual Do Piauí: Conquistas E Desafios (2011-2013). *Locus: Revista De História* 23 (1), 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2594-8296.2017.v23.20844>. Acesso em: 01 mar. 2022.



## ENTRETER E APRENDER: o uso de atividades lúdicas como estratégia de ensino nas aulas de história no CETI prof. Pinheiro Machado

Joab Viana de Mesquita<sup>1</sup>  
Rebeca de Carvalho Melo<sup>2</sup>  
Maria Virgínia S. dos Santos<sup>3</sup>

### Introdução

Ensinar é algo complexo e ao mesmo tempo satisfatório, observar o progresso de cada aluno é um “algo a mais” na trajetória profissional de cada professor que se dedica a formar cidadãos com um bom nível intelectual e social. Mas mesmo sendo algo nobre e enriquecedor para o profissional da educação, não significa dizer que é uma tarefa simples e que seja possível de se realizar com êxito em todas as salas por qual passamos. O ato de educar no Brasil pode ser considerado desafiador por inúmeros fatos, mas o que mais se destaca é a falta de infraestrutura encontrada nas escolas públicas Brasil adentro.

Com a pandemia de COVID-19 todas as esferas sociais sofreram. No setor hospitalar vimos os casos de superlotação, falta de aparelhos essenciais e até mesmo de equipamentos para segurança individual dos médicos, técnicos e enfermeiros; no setor comercial vimos pequenos e médios negócios fechando por não conseguirem manter o quadro de funcionários e um serviço de qualidade para seus clientes diante da situação que o Brasil enfrentava. No caso da educação, foi possível notar que os *déficits* já existentes nas escolas brasileiras entraram em evidência perante a pandemia e que a perda de dois anos de aulas presenciais irá impactar de forma severa o ensino público no Brasil nos próximos anos.

Para comprovarmos tal situação podemos acessar uma matéria colaborada por Ana Carla Bermudez (2021), a *Cable News Network* Brasil (CNN-Brasil), referente ao apontado no Relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), acerca dos recursos destinados à educação brasileira, que nos diz:

Segundo a OCDE, o movimento observado no Brasil vai na contramão do que aconteceu em outras nações. “Cerca de dois terços dos países membros e parceiros da OCDE relataram aumentos no orçamento destinado às escolas de ensino fundamental para ajudá-las a lidar com a crise em 2020”, aponta a organização. “Em comparação com o ano anterior, o Brasil não teve mudanças no orçamento de educação para o ensino fundamental, tanto em 2020 como em 2021” (OCDE *apud* BERMUDEZ, 2021).

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: [joabmesquita@aluno.uespi.br](mailto:joabmesquita@aluno.uespi.br).

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: [rebecamelo@aluno.uespi.br](mailto:rebecamelo@aluno.uespi.br).

<sup>3</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí. E-mail: [mariavirginia9344@gmail.com](mailto:mariavirginia9344@gmail.com).



Depois de dois anos do início da pandemia e o retorno gradual das aulas nas escolas, o impacto da falta de investimento se faz presente tanto no desenvolvimento dos alunos quanto nas condições das escolas para a recepção aos alunos.

Para reintroduzir o aluno no ritmo escolar o professor por vezes deve sair do modo convencional, pois o que já era complicando antes da pandemia somente se intensificou após ela. Conquistar a atenção dos alunos e colocá-los como os protagonistas do ensino é uma tarefa árdua, porém, se feita de forma gradual e com “pequenas” mudanças no método de ensinar, esses alunos se sentiram acolhidos e importantes em seu ambiente escolar, podendo render mais no processo de ensino-aprendizagem. É sabido que o sistema tradicional está intrínseco no processo educacional brasileiro a séculos, mas são com pequenas mudanças que aos poucos a visão sobre o ato de educar e ensinar irá mudar. José Morán (2015) nos diz que

Muitas escolas e professores preferem neste momento manter os modelos de aulas prontas, com roteiros definidos previamente. Dependendo da qualidade desses materiais, das atividades de pesquisa e projetos planejados e da forma de implementá-los (adaptando-os à realidade local e com intensa participação dos alunos) podem ser úteis, se não são executados mecanicamente. Um bom professor pode enriquecer materiais prontos com metodologias ativas: pesquisa, aula invertida, integração sala de aula e atividades online, projetos integradores e jogos. De qualquer forma esses modelos precisam também evoluir para incorporar propostas mais centradas no aluno, na colaboração e personalização (MORÁN, 2015, p.9).

Diversificar as aulas, torná-las mais atrativas, mesmo que com mecânicas simples, ajuda a disseminar informações essenciais na sala de aula e levando em conta todas as distrações presente no ambiente escolar, cabe ao professor planejar aulas que saia do convencional e prenda o aluno ao máximo ao que está sendo debatido em sala.

Com base no princípio de sair das aulas tradicionais, o presente artigo irá explicar a utilização de um jogo chamado *Bingo “Iluminado” da Idade Média*, que foi posto em prática em uma turma de Primeiro ano do Ensino Médio, no CETI Professor Pinheiro Machado, localizado na cidade de Teresina-PI. O objetivo do jogo foi fazer com que os alunos se divertissem enquanto aprendiam, pois, devido ao tempo que os alunos ficaram longe das salas de aula física, foi percebido que os mesmos possuíam déficits em algumas matérias, e na matéria de História foi adotado esse sistema de aula voltada ao lúdico, onde colocamos o aluno para imaginar a situações que estavam sendo debatidas, além de leva-los a fazerem associações tendo como base os textos extra classe que lhes eram repassados junto com o livro didático.

O artigo conta com o relato de experiência dos alunos do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Piauí e da professora supervisora, Maria Virginia Sales. A atividade teve como objetivo propiciar a interação entre os alunos, com base no assunto discutido, levando aos mesmo um espírito de competitividade, onde aqueles que acertassem mais questionamentos saíam como vencedores do jogo.

## Aplicação metodológica e resultados

No final da década de 1970, o ensino de História no Brasil entra em um processo de profundas transformações. Com a crise do regime militar e o processo de redemocratização do país, muitos educadores levantaram debates e discussões que giravam entorno de uma transformação, uma busca por melhorias no que se refere ao ensino de História.

Thais Fonseca (2011) aponta que “[...] Esse processo foi iniciado no princípio dos anos 80 [...] resultando na elaboração de novos programas e novas propostas metodológicas para o ensino dessa disciplina nas escolas fundamental e média”. (FONSECA, 2011, p.59). Dessa forma, a história é vista como um mecanismo, um meio de proporcionar ao aluno uma visão e leitura crítica acerca da sociedade em que ele está inserido.

Ao refletirmos sobre o ensino de História atualmente, percebemos que houve muitos pontos positivos, fruto das transformações citadas brevemente no texto acima. As renovações teórico-metodológicas fizeram com que muitos professores da área de História buscassem uma maior qualificação profissional. Os estudos especializados em educação incentivam o uso de diversos recursos didáticos na sala de aula, no intuito de oportunizar ao aluno diferentes métodos para uma melhor assimilação do conteúdo estudado.

No entanto, mesmo com uma busca para se distanciar das práticas de ensino tradicionais, no qual os alunos são apenas receptores de informações, os profissionais de ensino têm se deparado com um público de alunos que ainda enxergam a disciplina de História como um acúmulo de informações sobre o passado desnecessárias para a vida prática, assim, costumamos encontrar alunos dispersos e desmotivados dentro das salas de aula.

Com uma maior difusão dos meios de comunicação, como as redes sociais, os adolescentes possuem acesso a diversos tipos de informações, na qual muitas vezes se encontram fragmentadas, sem um filtro crítico acabam aceitando tais notícias como “verdades”. Nesse processo, lembramos da alerta de Janotti (2004) que diz que há uma desqualificação do passado, onde o presente passa a explicar-se com base nele próprio. Assim, “[...] Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem [...]” (HOBSBAWM, 1995, p. 13).

Diante dessas questões, o professor de História precisa incentivar o aluno a compreender a importância do estudo do passado e das sociedades antigas. É no espaço da sala de aula e no desenvolvimento de atividades que surgem as oportunidades de levar o aluno a enxergar o seu papel de sujeito histórico e as interconexões que existem entre o passado e o presente.

Compreende-se que a utilização de diferentes linguagens no ensino de História pode tornar as aulas mais atraentes e convidativas. Foi pensando nisso e em uma forma de chamar a atenção dos alunos que os bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), atuantes no primeiro ano do CETI prof. Pinheiro Machado organizaram uma atividade em sala de aula, tendo como enfoque a utilização de um jogo como ferramenta pedagógica para a construção do conhecimento em sala de aula. Conforme demonstram Edson Antoni e Jocelito Zalla:

Nos últimos anos, as necessidades de superar o modelo tradicional de escola, com suas metodologias de ensino comumente excludentes, e de relacionar ao plano do vivido os saberes artísticos e científicos historicamente acumulados, professores e pesquisadores da educação têm proposto e analisado práticas de ensino adequadas às novas linguagens e tecnologias, buscando construir aprendizagens significativas a partir de situações de interação; logo, neste cenário, os jogos tem sido recuperados como estratégias de transmissão/construção do conhecimento (ANTONI; ZALLA, 2018, p. 113).

Ao utilizar atividades lúdicas como ferramenta facilitadora de ensino, o professor possibilita aos alunos que desenvolvam habilidades que contribuem na aprendizagem dos conteúdos escolares. O estímulo ao raciocínio, percepção, criatividade, bem como, interação e cooperação entre os colegas de classe estão entre os resultados que podem ser alcançados quando o educando planeja atividades tendo o lúdico como estratégia de ensino.

Ao aplicarmos atividades complementares, que saiam do tradicional, passamos a tirar o livro didático do centro da aula. Não estamos aqui afirmando que a utilização do livro seja algo ruim ou ultrapassado, o que afirmamos é que o educador deve expandir suas barreiras e focar em outras ferramentas no momento de lecionar. Essa expansão pode se dar diante de discussões de textos complementares, exposição de vídeos, filmes, slides e outros materiais que auxilia a aula.

Circe Bittencourt (2004) nos alerta ao afirmar que “o livro didático é, antes de tudo, uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencentes à lógica de mercado” (BITTENCOURT, 2004, p.71). O professor ao planejar suas aulas tendo como base somente esse recurso impõe aos seus alunos um modelo no qual a classe seguirá somente a visão de um único autor, desta maneira, não despertando o olhar crítico que todo cidadão deve desenvolver em sua formação escolar.

Tendo o objetivo de sair do padrão e tornar as aulas um local onde ocorra a troca de informações entre alunos e professores, a ação desenvolvida durante o mês de outubro de 2021 no Primeiro ano ensino médio do CETI Professor Pinheiro Machado teve início com uma exposição de um texto previamente selecionado que discutia as pandemias ocorridas durante a Idade Média. Após a conclusão dessa primeira etapa, os bolsistas em parceria com a professora titular, deram prosseguimento em uma atividade chamada de Bingo “Iluminado” da Idade Média.

O jogo foi elaborado pela historiadora e professora Joelza Domingues, idealizadora do *site* Ensinar história. Em seu *site*, voltado para educadores da área de História, Domingues (2021) disponibiliza vários jogos educativos, além de outros materiais que podem auxiliar os professores em suas práticas de ensino. No que se refere a aplicação do jogo em sala de aula, a atividade consistiu em dividir a sala em quatro grupos e cada um recebeu duas cartelas que continham imagens de atividades comuns realizadas durante a Idade Média na Europa.

A aplicação da atividade sofreu algumas adaptações quando comparadas com as instruções do jogo oficial, pois utilizamos apenas oito das dez cartelas disponibilizadas no arquivo do jogo. O tempo cronometrado para que os alunos decidissem entre si qual seria a melhor imagem que corresponderia a indagação feita pelos bolsistas também foi alterado, pois os quinze segundos, planejados anteriormente, foi substituído por dois minutos, uma vez que se identificou que os alunos estavam empenhados e curiosos em fazer suas próprias análises sobre as imagens antes de citarem as respostas para os bolsistas ouvirem.

A função dos bolsistas e da professora titular durante essa atividade era mediar uma competição entre os grupos. Os mediadores ficavam com uma lista de perguntas com uma numeração fixa. O bingo consistia na leitura de uma pergunta sorteada de forma aleatória após um pequeno sorteio. Os alunos deveriam ficar atentos ao número da pergunta sorteada e escutar com atenção a leitura da pergunta.

Após a leitura os grupos tinham alguns minutos para discutirem entre si qual imagem corresponde ao questionamento e após o término do tempo, previamente combinado, um componente do grupo deveria informar a resposta. O grupo ganhador seria aquele que mais fizesse associações corretas entre as atividades expostas nas imagens e as perguntas realizadas pelos mediadores. As imagens a seguir mostram os alunos com as cartelas do jogo e os monitores lendo os questionamentos e os auxiliando durante a execução da ação.

Imagem 1: Desenvolvimento da Ação na escola parceira



Fonte: Arquivo pessoal de Rebeca de Carvalho Melo.

Ao analisarmos o desenvolvimento do jogo na sala de aula, percebemos que obtivemos êxito no que foi proposto, visto que a aplicação da atividade proporcionou aprendizados durante a sua realização, uma vez que revisitando os assuntos já abordados em discussões anteriores, os alunos puderam revisá-los em outro formato. Esse resultado positivo pode ser explicado pelo entendimento de que “[...] a introdução do jogo, bem como de diversas outras experiências das culturas juvenis, pode significar um convite a uma nova dinâmica, que possa fazer com que o tempo da aula coincida com o tempo dos alunos [...]” (JUCHEM; PEREIRA, 2018, p. 1).

A adoção dessa atividade se deu em razão da nossa percepção em relação a participação dos alunos diante das atividades propostas. Visando tornar a aula um ambiente de troca, de conversas produtivas e de um ensino leve e acessível, foi decidido aplicar essa abordagem ao ensinar, que consistia em uma explicação prévia do conteúdo e posteriormente a aplicação de uma atividade em que haveria a participação dos alunos de forma satisfatória, sabendo-se que:

[...] o livro didático é limitado e condicionado por razões econômicas, ideológicas e técnicas. A linguagem que produz dever acessível ao público infantil ou juvenil e isso tem conduzido a simplificações que limitam sua ação na formação intelectual mais autônoma dos alunos (BITTENCOURT, 2004, p. 73).

Portanto, buscando expandir o campo de visão dos alunos, a atividade proposta pelos bolsistas possuía como base textos completos, além do livro utilizado em classe. Pois, com a exposição de vários pontos de vista de um mesmo conteúdo o aluno começa a despertar seu lado crítico e pode realizar indagações sobre passagens da história que possuem maiores destaques em alguns livros e já em outros há apenas pequenas menções. Tendo a visão que o

Aluno é um ser social completo, não é uma tábua rasa. [...] Tem vida própria fora da escola, participa de outras organizações além da escolar com as quais convive e aprende, ou seja, possui conhecimentos prévios, e esse saber já construído deve ser o início do caminho a percorrer (FONSECA, 2009, p.111).

A escola deve ser um local para incentivar seus alunos a mostrarem seus talentos e compartilharem seus aprendizados com os colegas, um ambiente onde a troca de experiências é constante, porém ainda percebemos que alguns alunos possuem o medo de falar, o medo de errar, e o professor deve quebrar esses paradigmas, encontrando estratégias para obter o máximo de participação possível de seu alunado.

Nesse sentido, utilizamos um jogo para incentivar o debate em classe, porém cada turma é diferente da outra e cabe ao professor se sensibilizar e observar as principais dificuldades dos alunos e desenvolver ações que busque sanar esses déficits. Deste modo, além de propiciar um momento de descontração e prazer entre os alunos na sala de aula, buscamos também alternativas para os motivar para o aprendizado de História, utilizando uma linguagem diferente para o ensino, mas uma linguagem que não é estranha no mundo juvenil, os jogos.

### **Considerações Finais**

A aplicação do jogo denominado Bingo “Iluminado” da Idade Média, na turma de primeiro ano do CETI Prof. Pinheiro Machado, proporcionou um enriquecimento para a aula de História, onde os assuntos referentes a Idade Média que já haviam sido trabalhados foram revisados em um formato diferente, aproximando o aluno do conteúdo estudado.

Ao terem contato com as representações das Iluminuras Medievais nas cartelas do bingo foi possível um breve debate com os alunos acerca dos diferentes documentos que podem ser uma fonte de estudo para os historiadores. Evidenciamos também o cuidado que precisamos ter, já que as pinturas que estávamos trabalhando naquele momento carregavam consigo pontos de vista de quem as produziu e que essas visões de mundo eram influenciadas pelo contexto social em que os pintores estavam inseridos.

Os adolescentes são diariamente estimulados através de sons e imagens no seu cotidiano e esses aspectos costumam prender-lhes a atenção. Observou-se que ao terem contato com as imagens os alunos tiveram uma postura curiosa e se entregaram a atividade por sair dos métodos convencionais de ensino. Durante o desenvolvimento do jogo, os bolsistas puderam ouvir os relatos dos estudantes acerca da atividade, segundo eles, era algo “diferente e interessante”.

A atividade proporcionou interação e cooperação entre os alunos, mas também entre os mesmos e os bolsistas do PIBID. Por conta da pandemia o contato se dava apenas de forma virtual e distante, não havia o convívio proporcionado pela sala de aula. Assim, com o retorno gradual das aulas na escola

e a aplicação das atividades e do jogo possibilitou-se uma maior abertura, os alunos se sentiam mais à vontade e familiarizados com os pibidianos.

Considerou-se que a aplicação do jogo na aula de História como metodologia para o ensino deixou a aula mais dinâmica e atraente, os alunos participaram na construção do conhecimento histórico. Assim, a utilização do jogo foi uma ferramenta valiosa para o ensino nas turmas onde a atividade foi aplicada, permitindo assim que os jogos sejam utilizados novamente em ações futuras para a aprendizagem dos estudantes.

## Referências

ANTONI, Edson; ZALLA, Jocelito. O que o jogo ensina: práticas de construção e avaliação de aprendizagens em História. In: GIACOMANI, Marcello; PEREIRA, Nilton (orgs.). *Jogos e ensino de História*. Porto alegre: UFRGS, 2018. p. 113-125. E-book. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/174705>. Acesso em: 14 mar. 2022.

BERMÚDEZ, Ana Carla. *Na contramão, Brasil deixa de aumentar verba do ensino fundamental, aponta OCDE*. *Cable News Network Brasil*, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/na-contramao-brasil-deixa-de-aumentar-verba-do-ensino-fundamental-apontaocde/#:~:text=Segundo%20a%20OCDE%2C%20o%20movimento>

2020%E2%80%9D%2C%20aponta%20a%20organiza%C3%A7%C3%A3o >. Acesso em: 14 mar. 2022.

BITTENCOURT, Circe. *O saber histórico na sala de aula*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DOMINGUES, Joelza. *Bingo “Iluminado da Idade Média”*: jogo para imprimir. *Ensinar História*, 2021. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/bingo-iluminado-da-idade-media-jogo-para-imprimir/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

FONSECA, Thaís. *História e ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FONSECA, Selva Guimaraes. *Didática e Prática de ensino em História*. 8. ed. Campinas: Papyrus, 2009.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. História, política e ensino. In: BITTENCOURT, Circe. (org.). *O saber histórico na sala de aula*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 42-53.

JUCHEM, Henry; PEREIRA, Nilton. *Sobre o uso de jogos no ensino de História*. *Revista Brasileira de Educação Básica*. Porto Alegre, v. 3, n. 7, p. 1-10, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://rbeducacaobasica.com.br/sobre-o-uso-de-jogos-no-ensino-de-historia/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

MORÁN, José. Mudando a Educação com Metodologias Ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto; MORALES, Ofelia Elisa (Org.). *Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens*. Coleção Mídias Contemporâneas, v, II Ponta Grossa/PR. 2015. Foto-PROEX/UEPG, 2015, p.15-33. Disponível em: [https://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando\\_moran.pdf](https://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf). Acesso em: 14 mar. 2022.

## DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA: o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e a História

Leonara Carolina da Silva Mendes<sup>4</sup>  
Rodrigo Coutinho Lopes<sup>5</sup>  
Wesley Leon Nunes de Oliveira<sup>6</sup>  
Maria Virginia Sales dos Santos<sup>7</sup>

### Introdução

O Programa Institucional de Bolsa de iniciação à Docência (PIBID) tornou-se importante para os alunos das escolas públicas, pois os alunos das universidades se inserem dentro do contexto escolar, assim havendo uma ligação entre escola pública e universidade. Com isso, nós pibidianos, Leonara Carolina, Rodrigo Coutinho e Wesley Leon desenvolvemos projetos que reforçassem assuntos de ENEM nas turmas de 3º ano do ensino médio do CETI Professor Pinheiro Machado.

A preparação do ENEM sempre é algo aterrorizante para os alunos do 3º ano do ensino médio, visto que estão sempre em constante pressão, isso é motivado pelo fato de que os alunos estão começando uma nova jornada em suas vidas com o interesse de entrar em uma universidade. Nisso, nós pibidianos formamos uma conjuntura de projetos no qual auxiliasse esses alunos do CETI Professor Pinheiro Machado de uma forma dinâmica e mais relaxada, fazendo uma educação inclusiva, em uma forma pedagógica que abrangesse os alunos, dinamizando as aulas e buscamos atender as dificuldades daqueles alunos nos quais estavam com aulas em formato híbrido, pois a pandemia do COVID-19 paralisou as aulas de todo o presencial.

Tal como consta em uma pesquisa realizada em 2021, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), mais do total de 90% das escolas brasileiras suspenderam as atividades no formato presencial, ou seja, em quase todas as escolas no país encerraram suas atividades presenciais, e com isso houve um prejuízo. Com isso nós pibidianos fizemos atividades e projetos que auxiliassem os alunos do 3º ano, dinamizando as aulas, as atividades e sempre buscando maneiras capazes de desviar desses prejuízos.

### O ENEM e o Ensino de História

---

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: leonaramendes@aluno.uespi.

<sup>5</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: rodrigo.coutinho.lopes@gmail.com.

<sup>6</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura. E-mail: leon2013wesley@gmail.com.

<sup>7</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí. E-mail: mariavirginia9344@gmail.com.

É importante destacar alguns pontos a respeito do ENEM para entendermos como o PIBID atua nas escolas, e o trabalho envolvido na ação pedagógica busca auxiliar os alunos das turmas de 3º ano do CETI Professor Pinheiro Machado, na preparação para o ENEM, sendo este o objeto de estudo desse artigo.

O Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), emitido pela portaria nº 438, de 29 de maio de 1998 (BRASIL, 1988), teve como propósito a realização de uma avaliação de desempenho do aluno, considerando a sua trajetória escolar, mediante uma prova anual padronizada, em quatro áreas do conhecimento: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias, e acesso ao Programa Universidade Para Todos (PROUNI), que possibilita o acesso aos cursos das universidades particulares, por meio de notas.

O interesse para esse trabalho é a área de História, que está incluída na prova de Ciências Humanas e suas Tecnologia, juntamente com outras disciplinas como Geografia, Filosofia e Sociologia, e segundo Franco (2021), é uma das mais importantes no exame em comento, e por isso, é importante que os alunos tenham uma boa preparação.

Cabe mencionar que as nuances de História no Enem se relacionam as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 2002), tendo em vista que, os PCNs configuram uma diretriz curricular para o ensino de História, além de estabelecer linhas de desenvolvimento, orientando o seu processo de aplicação no âmbito da sala de aula.

Neste contexto, uma das ações pedagógicas postuladas nos PCNs, é:

A qualidade das estratégias didático-pedagógicas, por sua vez, é que irá garantir o sucesso dos enfoques educacionais (...) a prática pedagógica planejada e interdisciplinar; as atividades que levem os alunos a buscar soluções de problemas; a contextualização que confira significado a temas e assuntos; a mobilização de instrumentos de análise, de conceitos, de habilidades e a prática constante da pesquisa (BRASIL, 2002, p. 85).

De acordo com Franco (2021), as questões de História no ENEM, envolvem leitura, interpretação de texto e de imagens, além do conhecimento sobre acontecimentos históricos, e, portanto, é necessário que os alunos detenham conhecimentos mais abrangentes. Assim, cabe buscar uma metodologia de ensino que possibilite relacionar os temas explanados em sala de aula com as matrizes de referência do ENEM, parta de pesquisas e problematizações das temáticas que são aplicadas no exame.

É fundamental saber que o ENEM se utiliza da denominada interdisciplinaridade que segundo concordância de Silva (2011) e Monteiro e Penna (2011), isso pede que, em sala de aula, o ensino de história esteja relacionado com tenha uma ligação com outras áreas do conhecimento, visando a realização de fronteiras com os saberes abrangidos.

Nesse sentido, consideramos, conforme Juarez da Silva Thiesen:

A importância do trabalho interdisciplinar, que possibilita o aprofundamento da compreensão da relação entre teoria e prática, contribuindo para uma formação mais crítica, criativa e responsável, coloca a escola e os educadores diante de um grande desafio tanto no plano ontológico quanto no plano epistemológico (THIESEN, 2007, p. 96).

Entretanto, essa interdisciplinaridade acaba trazendo ao aluno certa dificuldade, considerando que eles precisam associar ao saber da questão com outras disciplinas e esse ponto é um dos que menos são trabalhados dentro da sala de aula, onde professores ainda se encontram engessados em questões direcionadas apenas a sua disciplina.

Vale acrescentar que o ENEM é considerado o principal meio para assegurar uma vaga nas melhores universidades do país. Conforme Franco (2021), a meta desse exame é redimensionar o ensino. Este não se limita somente no preparo do alunado para o fim da aprovação, e/ou com objetivo restrito apenas ao conjunto: repasse dos conteúdos, inexistência de espaço para reflexões, questionamentos e debates, e da troca de diálogo professor e aluno no processo de aprendizagem. Como mencionado por Bittencourt (2012), é necessário utilizar estratégias para dinamizá-lo, como: filmes, documentários, aulas de campo e o uso das tecnologias, dentre outros.

E em se tratando do ENEM, Franco (2021) sugere a prática do aluno com a resolução de exercícios, listas de questões (simulados), como fator importante para testagem do aprendizado, e uma autoavaliação do aluno, quanto aos pontos em que ele precisa avançar. Assim, podem ser feitas atividades variadas sobre o conteúdo, e/ou **refeitas provas anteriores do ENEM**, no sentido de propiciar ao aluno a aquisição da familiaridade com o nível das questões.

Por isso o PIBID, em especial nós pibidianos, Leonara Carolina, Rodrigo Coutinho e Wesley Leon, inseridos no trabalho pedagógico com a professora de História Maria Virginia, nas turmas do terceiro ano do CETI Professor Pinheiro Machado, buscamos usar instrumentos que auxiliam o aprendizado dos alunos, tendo em vista a necessidade em minimizar toda essa dificuldade que eles possuem em realizar uma interdisciplinaridade com a História, e também, tentar contribuir para reduzir impactos significativos na educação, gerados com a pandemia da COVID-19 (FUNDAÇÃO ABRINQ, 2022), como as complexidades de acesso às aulas e atividades escolares, bem como mobilizar conceitos de forma contextualizada.

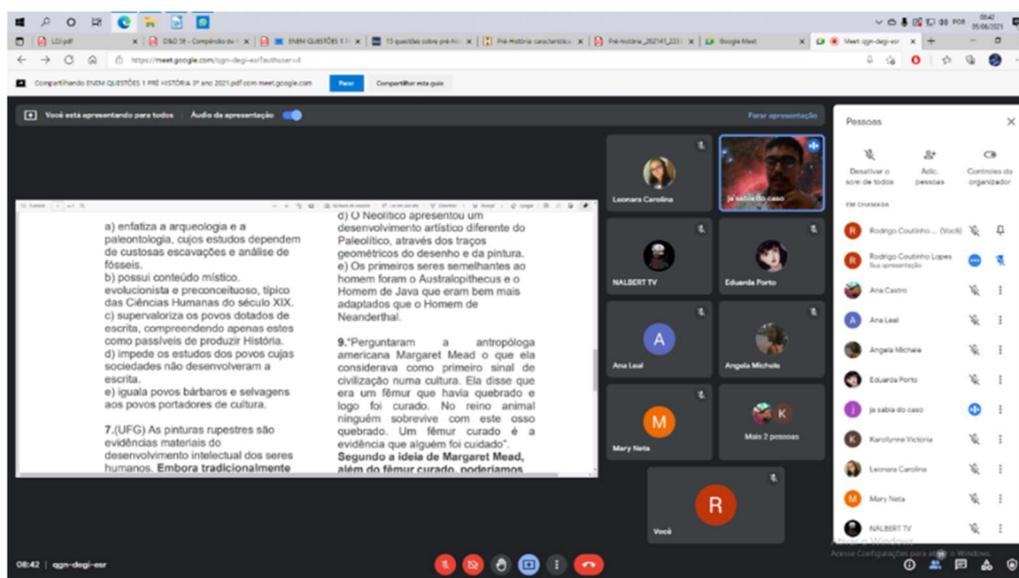
A experiência dos pibidianos no CETI Professor Pinheiro Machado, localizado na zona sudeste de Teresina-PI, seguiu ao passo de realizar uma revisão geral de História para o ENEM com os alunos de duas turmas de 3º ano, dividida em três encontros (um *online* e dois presenciais) e foi utilizada com o pretexto de fixar e relembrar aos alunos os assuntos desenvolvidos durante o período de 2021, focando

em alguns pontos de principais deficiências como, Pré-história e Idade Média, Era Vargas, Guerras Mundiais, conforme relatado tanto pela nossa supervisora, Maria Virgínia quanto pelos próprios alunos.

As revisões aconteceram pela plataforma do Meet, como inicialmente mostra na Figura 1 e na sala de aula/pátio da escola, no decorrer do mês de outubro de 2021, onde iniciamos na forma remota, e depois presencial (com uma parte dos alunos das turmas de 3º ano, e na seguinte com a outra parte), respeitando o protocolo sanitário, e sempre com a supervisão da professora efetiva Maria Virgínia.

No trabalho com esses alunos foram utilizadas questões atuais e questões aplicadas em ENEM anteriores, e isso ocorreu com a participação dos envolvidos, que durante o processo foram demonstrando interesse no debate e resolução das questões aplicadas.

Imagem 1: 1º encontro *online* com as turmas 3º A e B



Fonte: OLIVEIRA, Wesley Leon Nunes de. Acervo pessoal, 2021.

A primeira revisão foi realizada com os alunos das duas turmas de 3º ano, de forma online (remota), por causa da pandemia do COVID-19. Inicialmente, houve um discurso sobre o período pré-histórico, utilizando questões de ENEM anteriores (ESTUDA COM ENEM, 2021). Cabe mencionar que nesse primeiro momento de revisão, não ocorreu uma participação significativa com perguntas, questionamentos, e respostas dos alunos presentes de forma online. Percebemos que a realização dessa atividade na forma remota foi um tanto dificultosa para alguns dos alunos do 3ºano do CETI Professor Pinheiro Machado, por conta da falta ou insuficiência da internet dentro de casa.

Conforme dados revelados em uma pesquisa realizada em 2019 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (PAÍS DIGITAL, 2021), cerca de 4,1 milhões de estudantes da rede pública de ensino do Brasil não possuía acesso à internet, tanto por questões econômicas quanto por questões de indisponibilidade pela localidade onde mora o estudante. Com a pandemia da COVID-19,

vemos que muitos dos estudantes do país foram afetados, mas os mais prejudicados foram os de baixa renda, abrangidos no ensino público. Contudo, nós pibidianos adentramos o âmbito escolar, com o objetivo de contribuir ao aprendizado em História, e assim também reforçar para que os alunos se sentissem bem-preparados para a realização do ENEM.

A segunda revisão (como mostra a Figura 2), foi feita junto com a presença de uma parte dos alunos das duas turmas (A, B), do 3º ano, na qual respondemos e discutimos questões sobre Feudalismo, Primeira Guerra Mundial, propostas pela supervisora e pelos próprios alunos, os quais relataram que esses assuntos constavam entre suas principais dificuldades.

Imagem 2: 2º encontro com as turmas 3º A e B



Fonte: MENDES, Leonara Carolina da Silva. Acervo pessoal, 2021.

Essa revisão contou com um debate e conversação entre os conteúdos e disciplinas que poderia fazer parte daquele assunto, como por exemplo, no que diz respeito ao Feudalismo, onde foram destacadas as questões geográficas que implicaram no seu surgimento. Isso tudo com o objetivo de melhorar a aprendizagem dos respectivos alunos além de prepará-los para fazer a prova do ENEM de maneira segura.

O encontro foi bastante empolgante uma vez que a maioria dos alunos participaram ativamente do debate, realizando perguntas, questionando alguns detalhes e até ajudando seus colegas de classe a entenderem determinados pontos.

A terceira revisão (como mostra a Figura 3), aconteceu na semana seguinte com os alunos da segunda metade de alunos das duas turmas (A, B), do 3º ano das turmas anos A e B, como mostra a imagem 3.

Imagem 3: 3º encontro com as turmas 3º A e B



**Fonte:** LOPES, Rodrigo Coutinho. Acervo pessoal, 2021.

Nesse terceiro momento, observamos que, quando comparado com a primeira metade esses alunos se tornaram mais participantes, apesar de ficarem um pouco mais dispersos durante a aula, se envolveram mais para a resolução das questões, e de maneira satisfatória, incrementavam novos conhecimentos à discussão, enriquecendo-a e trazendo à tona novas pautas que procuramos trabalhar da melhor maneira possível dentro do conhecimento dos alunos.

Destacamos outro ponto desse dia em que os próprios alunos solicitaram que trouxéssemos um assunto bastante específico que foi a Era Vargas para discutirmos a respeito, pois em sua maioria sentiam dificuldades. E assim o fizemos.

Cabe mencionar que as atividades propostas para o ENEM, foram desenvolvidas considerando as orientações da Base Nacional Curricular Comum-BNCC (GUIA BNCC, 2022), utilizando os temas/assuntos/temáticas abarcadas, relacionadas às áreas do conhecimento das Ciências Humanas e suas Tecnologias, tendo em foco a constituição de competências e habilidades que permitem ao educando:

- Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.
- Compreender o desenvolvimento da sociedade como processo de ocupação de espaços físicos e as relações da vida humana com a paisagem, em seus desdobramentos político-sociais, culturais, econômicos e humanos.
- Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.
- Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.
- Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

## Considerações Finais

O trabalho realizado pelos pibidianos contemplando atividades com foco no ENEM levou os alunos das duas turmas (A, B) de 3º ano do ensino médio do CETI Professor Pinheiro Machado a observar o exame com outro olhar, mais voltado para o lado crítico e interdisciplinar, contribuindo para que observem pontos importantes contido nas questões, através de uma nova perspectiva.

A participação dos pibidianos nessas atividades, principalmente de forma presencial, foi importante, pois além de propiciar uma experiência na atuação docente, contribuiu para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, elevando o interesse e participação dos alunos com os conteúdos que estavam sendo abordados, durante as revisões.

O envolvimento dos alunos nas revisões ENEM, surpreendeu os pibidianos, assim como evidenciou que vale a pena buscar uma preparação mais dinâmica, e investir em atividades abrangendo

exercícios e simulados para que os alunos se familiarizarem com o estilo do bloco de questões de História do caderno ENEM e absorvam melhor os conteúdos explorados.

Ressaltamos que o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), contribui de forma importante no âmbito da escola pública, e para os graduandos de História e de demais licenciaturas aderidas, pois é um programa que beneficia ambos os lados, tanto os professores efetivos e alunos do ensino básico, quanto aos acadêmicos do ensino superior e futuro professores.

## Referências

BRASIL. Resolução CEB nº. 3 de 26 de junho de 1988. *Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03\\_98.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03_98.pdf). Acesso em: 10 Mar. 2022.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *O Saber Histórico na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio PCN+ Orientações Educacionais Complementares aos parâmetros Curriculares Nacionais - Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Brasília/D.F: MEC – Secretaria de Educação Média e Tecnológica (SEMTEC), 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>. Acesso em: 10 Mar. 2022.

\_\_\_\_\_. PAÍS DIGITAL. *Pesquisa do IBGE revela que 4,1 milhões de estudantes da rede pública não tem acesso à internet*. 27 abr. 2021. Disponível em: <https://brasilpaisdigital.com.br/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

ESTUDA COM ENEM. *Questões de História - História Geral: Pré-História*. Disponível em: <https://enem.estuda.com/questoes/?cat=1&subcat=2575>. Acesso em: 06 jul. 2021.

FRANCO, Giullya. *Como estudar história para o ENEM*. História do Mundo, 2021. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/dicas-para-estudar-historia/como-estudar-historia-para-o-enem.htm>. Acesso em: 10 Mar. 2022.

FUNDAÇÃO ABRINQ. *Entenda como a pandemia impactou a Educação no Brasil*. Disponível em: <https://www.fadc.org.br/noticias/entenda-como-a-pandemia-impactou-a-educacao-no-brasil>. Acesso em: 14 mar. 2022.

GUIA BNCC. *Construindo um currículo de educação integral*. Instituto Ayrton Senna. Disponível em: [https://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/BNCC.html?gclid=Cj0KCQjw24qHBhCnARIsAPbdtIKu\\_KY3Yz4hY1KhkUnEiMLpkWKK6uakQI\\_-1ekw8KuumXhfqw\\_4bp8aAvr1EALw\\_wcB](https://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/BNCC.html?gclid=Cj0KCQjw24qHBhCnARIsAPbdtIKu_KY3Yz4hY1KhkUnEiMLpkWKK6uakQI_-1ekw8KuumXhfqw_4bp8aAvr1EALw_wcB). Acesso em: 10 Mar. 2022.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo Escolar. *Divulgados dados sobre impacto da pandemia na educação*. Brasília, 08 jul. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/divulgados-dados-sobre-impacto-da-pandemia-na-educacao>. Acesso em: 10 mar. 2022.

MONTEIRO. Ana Maria Ferreira da Costa; PENNA, Fernando de Araújo. *Ensino de História: saberes em lugar de fronteira*. Educ. Real. Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 191-211, jan./abr., 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/15080>. Acesso em: 13 mar. 2022.

SILVA, Wagner Rodrigues. *Construção da interdisciplinaridade no espaço complexo de ensino e pesquisa*. Cadernos de pesquisa, v. 41, n.14, p.582- 605, mai./ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/GYGJGyQhgStnPstMNQ48bZb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 mar. 2022.

THIESEN, Juarez da Silva. *A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino - aprendizagem*. Revista Brasileira de Educação. v.13, n.39, p. 545-554, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/swDcnzst9SVpJvpx6tGYmFr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 mar. 2022.

Os dez capítulos que compõem a presente coletânea seguem os norteamentos da oficina da História, cumprindo com as exigências teóricas, metodológicas e empíricas inerentes ao fazer científico. São frutos da troca de experiências entre professores que já atuam na rede pública de ensino e os discentes do Curso de Licenciatura em História do Campus Clóvis Moura – CCM/UESPI. Além disso, é mister falar da troca entre todos com os alunos da Educação Básica, que são a principal razão dos esforços dedicados. São textos que estão inscritos e escritos sob a égide da interdisciplinaridade, com o diálogo entre a História e diferentes saberes didático-pedagógicos.



Editora da  
Universidade  
Estadual do Piauí